

Aula 00

PM-SP (Oficial) Filosofia

Autor:

Fernando Andrade

21 de Dezembro de 2024

Sumário

Apresentação.....	3
1. Introdução do Curso: Material e Metodologia	3
1.1 Análise do Edital.....	4
1.2 Tipo de Questões.....	4
1.3 Metodologia	6
1.4 Quem sou eu?	8
2. História da Filosofia: instrumentos de pesquisa	9
2.1 O que é filosofia?.....	10
2.1.1 Instrumentos de pesquisa	13
2.1.2. A razão.....	16
2.1.3. Questões de fixação	18
2.1.4 Quadro Sinóptico	23
2.2 História da filosofia.....	24
2.2.1 Conhecimento, verdade e realidade.....	24
.....	24
2.2.2 Mito e Nascimento da Filosofia	26
2.2.3 Pré-Socráticos.....	28
2.2.4 Filosofia Clássica e Cristã.....	31
2.2.5 Questões de fixação	40
2.2.6 Quadro Sinóptico	49
3. Introdução à Filosofia da Ciência.....	50
3.1 História da Filosofia da Ciência: a contemplação.....	52



3.2 História da Filosofia da Ciência: o saber ativo	55
3.2.1 A nova organização do conhecimento: o método.....	56
3.2.2 Francis Bacon.....	57
3.2.3. Descartes: um método para chamar de seu	59
3.3 As mais recentes concepções da ciência	65
3.4. Questões de fixação	67
3.5. Quadro Sinóptico.....	73
4. O intelecto: empirismo e criticismo.....	74
4.1 Empirismo.....	75
4.1.1 John Locke	76
4.2 Criticismo	76
4.2.1 Kant	78
4.3. Questões de fixação	82
4.4. Quadro Sinóptico.....	85
5. Considerações Finais.....	86
Questões Comentadas	86
Lista de Questões.....	110
Gabarito.....	124
Referências	125



APRESENTAÇÃO

Seja bem-vindo! Você inicia agora uma jornada para a conquista de uma vaga na Polícia Militar do Estado de São Paulo (PM-SP). A tarefa do Estratégia Concursos é auxiliá-lo nos seus estudos para que seu esforço seja eficiente. Neste pdf específico, meu objetivo é fornecer o que for necessário para que você resolva com sucesso todas as questões de Filosofia.

O desafio é grande. Há pouco tempo para o estudo, a prova está logo aí, há muitas matérias e, além disso, o programa é bastante resumido. Puxa, o que isso significa? Filosofia é um mundo, a Banca deve cobrar o básico do que se estuda no Ensino Médio, e deve estar voltado para os conhecimentos necessários para o exercício da profissão. O problema passa a ser: como é que se determina o “básico” em Filosofia?

Repito isso: filosofia é um mundo, porque é possível abordar um pensador em diversos níveis analíticos e a internet traz todos eles, tudo junto e misturado, ou seja, se você recorrer à *internetland*, estará irremediavelmente perdido. Minha finalidade: oferecer de forma didática o material completo para que você possa resolver todas as questões que vai encontrar pela frente.

Para elaborar esse material, avaliei questões de filosofia de vários concursos e selecionei aquilo que é mais importante de filosofia no Ensino Médio, base de qualquer concurso que exija Filosofia de forma geral.

Obrigado pela sua companhia e confiança. Pode estar certo que será recompensado.

Vamos juntos?

1. INTRODUÇÃO DO CURSO: MATERIAL E METODOLOGIA

Há três maneiras de se cobrar filosofia em qualquer exame:

- ✓ História da Filosofia, com destaque aos principais pensadores e suas ideias;
- ✓ História da Filosofia a partir de interpretação textual; e
- ✓ Temas filosóficos.

História da Filosofia

Questões desse tipo são difíceis, mas não tão comuns. A banca cobra o conhecimento das ideias propostas pelos principais pensadores. Nos concursos, cobra-se o conhecimento das ideias mais importantes dos clássicos (Platão, Aristóteles, Descartes etc).



Às vezes, a banca resolve cobrar o conhecimento aplicado, ou seja, o vestibulando deve encarar um texto com linguagem filosófica e responder questões sobre o texto. Exige-se um certo conhecimento de filosofia, mas um leitor competente também poderia resolver a questão.

Temas Filosóficos

A disciplina filosofia pode ser ensinada a partir da história do pensamento ou por temas que envolvem os alunos pela contemporaneidade do que se discute. Isso permite utilizar mais de um filósofo para discutir o tema. O Edital parece indicar esse caminho.

1.1 Análise do Edital

Bom, vamos lá. Você vai encarar 4 questões de Filosofia, que podem parecer pouco, mas também podem fazer toda a diferença.

Para refrescar a memória, reapresento o conteúdo programático de Filosofia, segundo o edital:

FILOSOFIA 1.

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA 1.1. História da Filosofia: instrumentos de pesquisa. 1.2. Introdução à Filosofia da Ciência. 1.3. Introdução à Filosofia da Cultura. 1.4. Introdução à Filosofia da Arte. 1.5. O intelecto: empirismo e criticismo. 1.6. Democracia e justiça. 1.7. Os direitos humanos.

2. FILOSOFIA E EDUCAÇÃO 2.1. O eu racional: introdução ao sujeito ético. 2.2. Introdução à bioética. 2.3. A técnica.

3. IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA PARA A CIDADANIA 3.1. O homem como um ser da natureza. 3.2. A concepção platônica da desigualdade. 3.3. A desigualdade segundo Rousseau.

Percebeu qual é a “pegada” da Banca? Pelos títulos, constata-se que predomina o conteúdo temático. Lógico que a “história” com seus pensadores também ocupa um certo lugar. Isso aparece sobretudo no tópico “1.1. História da Filosofia”. Isso significa, em filosofia, que se deve ter um conhecimento razoável dos autores mais importantes.

É por esse caminho que nós vamos, priorizar os temas apontados no edital, com o que é fundamental na história da Filosofia.

1.2 Tipo de Questões

No último concurso, a banca contrata para o concurso foi a VUNESP.





2021 VUNESP Polícia Militar do Estado de São Paulo

Aluno Oficial (PM SP)

Leia o trecho de uma entrevista com a ativista sueca Greta Thunberg.

Greta Thunberg: a Terra é um sistema muito complexo. Quando removemos algo, o sistema fica em desequilíbrio, e isso impacta aspectos que vão além da nossa compreensão. E isso vale para a igualdade também. Os seres humanos fazem parte da natureza, e se não estamos bem, então a natureza não está bem, porque nós somos a natureza.

(www.nationalgeographicbrasil.com. “Greta Thunberg reflete sobre viver em meio a múltiplas crises em uma ‘sociedade da pós-verdade’”, 30.11.2020.)

Esse trecho da entrevista revela que Greta Thunberg manifesta uma visão diferente da teoria do filósofo empirista britânico Francis Bacon (1561-1626) sobre a natureza, já que para ele

- A)** deve haver a dissociação entre a natureza e os humanos, pois estes não podem ser equiparados à extrema importância daquela.
- B)** inexistente a concepção de natureza a partir da revolução científica que fundiu humanos e o meio em que vivem.
- C)** a humanidade tem plena capacidade de compreender a natureza a partir dos métodos racionalistas e dedutivos de pesquisa.
- D)** a natureza deve estar a serviço do homem e ser dominada por ele, por isso não faria sentido que o mundo existisse sem os humanos.
- E)** os humanos devem entender a natureza de forma mística e, assim, acatar suas manifestações sem alterá-las.

Comentário de resolução



Francis Bacon (1561-1626) tem como tese mais cobrada em concursos a de que **ciência serviria para o progresso e poder das sociedades**, sendo um dos precursores do **método experimental para investigação**, estando dentro do movimento conhecido como **EMPIRISMO**.

Para o **EMPIRISMO**, o conhecimento humano SOMENTE é possível através das **percepções pelos sentidos ou com os experimentos** (e não com o pensamento).

Dessa forma, podemos pensar nos seguintes **conceitos-chave para BACON**:

1) Controle da natureza;

2) Experimento científico com método indutivo (parte da observação de um fenômeno)

Ou seja, os humanos poderiam **controlar os fenômenos da natureza** desde que **descobrissem todas as causas** que os provocam através da experimentação (método indutivo e não dedutivo pelo raciocínio), que consiste em **realizar uma hipótese e testá-la**, buscando o maior número de dados.

Além disso, o filósofo não propõe a natureza como mais importante do que os humanos, sendo essa diferenciação importante, assim como o **entendimento de que os seres humanos seriam capazes de controlar a natureza através da investigação científica** e não o oposto.

Portanto, para Bacon, **existiria uma superioridade dos homens e a natureza deve estar a serviço dos seres humanos e ser dominada por eles**.

Por isso, não faria sentido que o mundo existisse sem os humanos.

Logo, **alternativa (D) está correta**.

O tipo de questão que você deve enfrentar na prova deve ser semelhantes a esta: um texto de apoio que serve como ponto de partida para a resolução da questão, seguido de um comando e cinco alternativas.

1.3 Metodologia

Preparei o material em níveis de exigência segundo a proposta do Edital. Ou seja, a parte temática vem em primeiro lugar, depois a história da filosofia. Você verá essa divisão. Ao começar um tópico, trato do conceito, depois passo para a parte minuciosa que inclui autores e pensamento.



Boa parte das questões da prova deve girar em torno do conceito. Se você tiver pouco tempo para estudar, essa é uma forma de, pelo menos, entrar em contato com as noções mais importantes. Estudar com atenção o início de cada tópico pode ser importante.

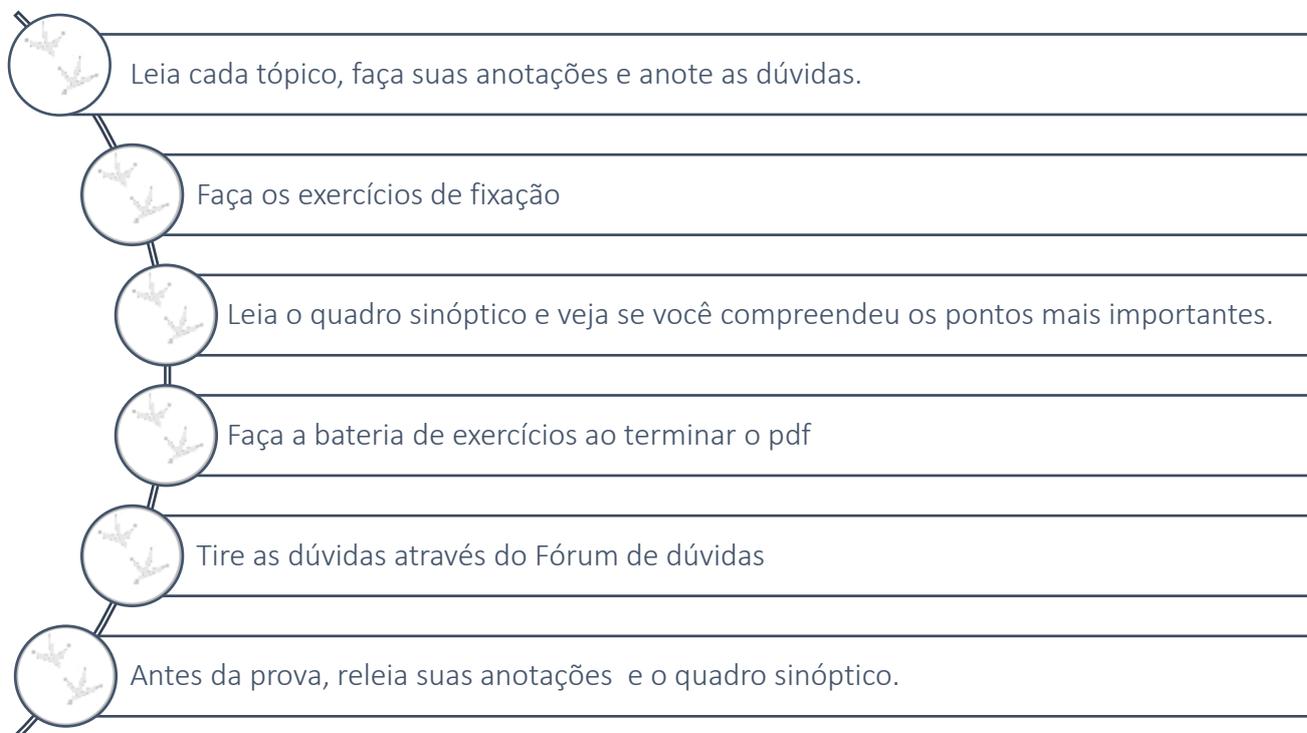
Contudo, filosofia é uma área do conhecimento em que a decoreba mais atrapalha do que ajuda. Isso significa que, muitas vezes, será necessário explicar de forma bem didática. É a compreensão anterior da ideia que fará você perceber qual a alternativa está correta, pois, muitas vezes, a diferença entre a correta e a “quase correta” é de nuance. Algo sutil que só é percebido por quem entendeu a matéria.



Então, eu vou ter que ler bastante?

Exatamente, prepare-se para ler com qualidade (compreendendo a ideia) e para fazer muitos exercícios. De qualquer maneira, vou tentar ajudá-lo na tarefa. Ao final de cada tópico importante, você encontrará algumas questões selecionadas para fixar o que você estudou.

Depois, haverá um quadro sinóptico (um resumo esquemático), não se esqueça de repassá-lo depois de fazer os exercícios. Isso ajuda na fixação da matéria. Mas faça também as suas anotações. Na véspera do exame, consulte os quadros dos pdfs e suas anotações.





O que oferecemos a você:

- ✓ Livro digital completo com muitos exercícios
- ✓ Videoaula
- ✓ Fórum de dúvidas – um canal de comunicação entre o vestibulando e o professor que fica disponível na área do aluno
- ✓ Simulados
- ✓ Blog do Estratégia Concursos.



Atenção: Todo esse trabalho só terá efeito se você tiver uma perspectiva apropriada sobre essa área do conhecimento. Filosofia é estranha? Pode até ser, mas você deve se esforçar por entender o conceito ou o raciocínio. Não precisa concordar com a ideia e não deve decorá-la.

1.4 Quem sou eu?

Prazer!

Pode me chamar de Fernando Andrade. Minha formação acadêmica inclui duas graduações e uma pós-graduação. Sou Bacharel em Letras Português/Alemão e Bacharel e licenciado em Filosofia, ambos títulos obtidos na Universidade de São Paulo (USP). Além disso, sou pós-graduado em Teoria Literária pela mesma instituição.

Atualmente sou Professor de Literatura Portuguesa em uma universidade particular. Até a minha imersão no Estratégia Vestibulares, fui Professor de Filosofia em um cursinho importante de São Paulo e em dois grandes colégios. Tenho mais de 20 anos dedicados ao magistério, sendo que, desses, 15 anos passei no tablado de algum curso pré-vestibular importante de São Paulo, transitando entre as três matérias: Filosofia, Redação e Literatura.

Tenho um grande prazer em exercer a profissão que escolhi e paixão por estudar e ensinar Filosofia. Esse meu interesse começou, na verdade, com Literatura. Cada vez que lia um livro de um escritor consagrado, ficava me perguntando de onde o autor teria tirado aquelas ideias “malucas” e ao mesmo tempo impressionantes.

Na graduação de Letras descobri a fonte: Filosofia. Aí não teve jeito, tive que fazer Filosofia e continuo fazendo, pois, não parei de ler livros de filosofia e de me aprofundar nas duas áreas que mais me interessam nesse campo: Estética e Ética.



Entendo as suas dificuldades e angústia na procura por uma vaga em uma carreira pública. Antes de começar a dar aula, fiz três concursos públicos. No primeiro, “a bola bateu na trave”, nos outros dois, eu passei. Tive a experiência de trabalhar no TRT (Tribunal Regional do Trabalho) por 5 anos. Só pedi exoneração porque, realmente, minha paixão profissional era outra.

Sei muito bem o que é estudar várias horas por dia, esquecer que finais de semana são para descanso, riscar do caderno a palavra “balada”, ficar sem saber do último lançamento cinematográfico. Mas vale a pena.

P.S.: eu uso pochete e tenho uma tese a ser comprovada de que Sócrates também usava....

1.5 Cronograma de Aulas

Não há novidades no plano de aulas. Eu, basicamente, segui o que foi publicado no Edital. Só fiz duas alterações, na verdade, fiz uma reacomodação dos tópicos para ficarem mais didáticos. Eles estão marcados de amarelo.

Aula 0	INTRODUÇÃO À FILOSOFIA PARTE I: 1. História da Filosofia: instrumentos de pesquisa. 2. Introdução à Filosofia da Ciência. 2.1. O intelecto: empirismo e criticismo.	01/05/2020
Aula 1	INTRODUÇÃO À FILOSOFIA PARTE II: 1. Introdução à Filosofia da Cultura. 2. Introdução à Filosofia da Arte. 3. Política: Democracia e justiça. 3.1. Os direitos humanos. 3.2. Empirismo e Criticismo na filosofia política.	16/05/2020
Aula 2	FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: 1. O eu racional: introdução ao sujeito ético. 2. Introdução à bioética. 3. A técnica.	30/05/2020
Aula 3	IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA PARA A CIDADANIA: 1. O homem como um ser da natureza. 2. A concepção platônica da desigualdade. 3. A desigualdade segundo Rousseau.	12/06/2020

2. HISTÓRIA DA FILOSOFIA: INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Vamos separar essa parte em duas. Primeiro, vamos discutir o que é filosofia e seus instrumentos de pesquisa e depois a história da Filosofia. Dê bastante atenção a essa primeira parte, pois o número de questões, diretas ou indiretas, sobre isso nos concursos é grande.



2.1 O que é filosofia?



Figura 1 : Pixabay

Ao final desse tópico, você deve responder as seguintes questões:

O que é a filosofia?

O que é que a filosofia estuda (seu objeto)?

A palavra Filosofia vem do grego, e estranhamente significa **amor/amizade (filo) à sabedoria (sofia)**. Preste atenção nessa tradução, ela, às vezes, frequenta questões. Mas isso diz pouco, porque o próximo passo é definir sabedoria. No caso, da história da filosofia ocidental (a que nasceu na Grécia), sabedoria significa não se entregar à opinião ou ao achismo. Ou seja, sábio era aquele que não se deixaria levar por qualquer ideia que fosse divulgada, mesmo que fosse pelo Papa, e olha que nem havia Papa naquela época. Novamente isso diz pouco. Por quê?



Figura 2 : Pixabay

Atenção: Não se define quase nada por uma oração negativa. Se eu digo "a roupa não é amarela", há uma gama grande de coisas que ela pode ser. Dizer que a filosofia é não aceitar o senso comum é definição precária.



Não tem uma resposta rápida?

Filosofia é um campo do saber humano desenvolvido na Grécia e caracterizado pela **busca sistemática do fundamento dos conceitos**.

Obviamente isso é muito...filosófico, abstrato. Então vamos à explicação, que vai ser um pouco longa. Agora é preciso entender.

Ao explicar o que isso significa, Marilena Chauí, filósofa, professora aposentada da USP, em *Convite à Filosofia*, dá um exemplo que acho esclarecedor. No dia a dia, questionamos as coisas, mas não fazemos isso de forma radical até porque estamos inseridos num cotidiano prático, no qual a dúvida é pontual, e as respostas requeridas têm uma finalidade prática e definida. Por exemplo, para que você possa organizar suas tarefas num dia, é preciso que tenha consciência dos horários a cumprir.

Eventualmente, você vai perguntar para alguém: Que horas são? O pensamento filosófico vai além.



Detalhe do quadro de Salvador Dali "A persistência da memória".



Filosoficamente pode-se perguntar: Há equivalência entre essa convenção em horas, minutos e segundo e a passagem de tempo? A preocupação com o tempo sempre existiu? Por que perguntar sobre o tempo? Afinal, o que é o tempo? Ele existe?¹

Perguntar por “o que é o tempo” é perguntar pelo fundamento dessa palavra toda vez que a usamos, mesmo das formas mais corriqueiras. E como podemos responder a essa pergunta? Observando o que ocorre no mundo não basta. Quanto a isso, Kant (filósofo alemão do século XVIII) tinha toda razão quando dizia que tempo não existe. Ele não existe na nossa experiência do cotidiano como uma coisa observável. Onde está o cheiro do tempo? Onde está o som do objeto tempo? Onde está o gosto do tempo? Onde está a forma que pudesse ser tocada do tempo? Onde está o aspecto visual do tempo?

Você já deve estar dando risada e dizendo: mas é claro que o tempo existe, eu cresci. Verdade, mas você deduz que o tempo existe porque se lembra de quando era pequeno e percebe que agora, mais velho, você tem outra aparência. Em outras palavras, o tempo é deduzido. Pois é, a filosofia pergunta pelo fundamento de nossas ideias que não podem ser determinadas simplesmente pela observação da realidade. É preciso deduzir “ideias mestras” (parâmetros, conceitos, paradigmas) que devem servir para suporte de afirmações que não sejam pura opinião.

Ou seja, a **filosofia problematiza os conceitos que usamos no cotidiano e estuda os seus significados**.

Você estar pensando que isso é um desperdício de tempo. Não é bem assim. Vamos considerar algo muito importante para alguém que deseja ser policial. Essa é uma atividade executiva da justiça, executiva porque põe em prática o que o juiz decidiu. Ora, para saber o que é próprio da atividade de um policial, é preciso saber como definir a tal da justiça. Há várias definições e cada uma produz um efeito diferente. Se considerarmos como Rousseau que a propriedade privada é injusta, um policial que protege a tal propriedade não está exercendo a justiça.

Por outro lado, posso considerar o que dizia Locke. Para ele, cada ser humano tem direito àquilo que conseguiu pelo trabalho, sendo sua propriedade. Isso significa que se alguém toma algo de uma vítima, o prejudicado tem o direito de se vingar. Numa sociedade “civilizada”, diria Locke, esse direito individual foi dado ao Estado. O policial, portanto, é aquele que, no Estado, faz cumprir a justiça, no caso uma vingança. Ou seja, por essa premissa, o trabalho policial é justo. Adivinha qual das premissas fundamentam a nossa Constituição?

Mas voltemos à definição e vou repeti-la para você fixar bem: a **filosofia problematiza os conceitos que usamos no cotidiano e estuda os seus significados**. Ela é muito parecida com a ciência, também na ciência, há problematização do cotidiano. Mas qual a diferença?

¹ O quadro de Salvador Dali retrata justamente o tempo sob a perspectiva da subjetividade, que tem outra lógica. Imagem disponível em <https://www.culturagenial.com/a-persistencia-da-memoria-de-salvador-dali/>, acessado em 08.05.2019.



Considere a seguinte questão: do que a água é formada? Esse é um problema da ciência ou da filosofia? Essa resposta é fácil porque você estuda água em química. É uma pergunta científica porque diz respeito ao mundo natural. A água pode ser observada como coisa no mundo que está aí. O começo do processo é empírico.

E, nesse momento, gostaria que você assimilasse outra palavra, **empirismo**. Essa palavra significa conhecimento que se tem a partir da experiência da realidade. Se você aprendeu trocar a resistência do chuveiro da sua casa tomando choque, você tem conhecimento empírico, se você aprendeu lendo um livro, seu conhecimento é teórico. Pois é, o conhecimento científico parte da empiria (realidade), enquanto a filosofia parte do conceito.

Voltando à nossa questão anterior. Quando eu pergunto “o que é justiça?”, o começo do processo é conceitual. O que se pode responder? Será preciso um esforço sistemático do pensamento para podermos responder algo que não seja desmentido pela mundo empírico.

Todos aqueles problemas que não podem ser respondidos pelo método científico são objeto da filosofia: deve-se dizer a verdade? Por que esse objeto é belo? Como se dão as relações de poder? Deus existe? É possível realmente conhecer a realidade?

Essas perguntas nos levam às 5 áreas da filosofia.

Epistemologia

- O que é o falso e o verdadeiro?
- Como reconhecer a verdade? O que é o real?

Ética

- O que é o bem e o mal? Como viver? Existe o bem absoluto? O mal existe?

Estética

- O que é o belo e o feio? Existem critérios universais para o belo? Por que o homem precisa do belo?

Política

- O que é o poder? Por que nos submetemos ao poder? Quem tem o direito de exercer o poder?

Metafísica

- De onde veio tudo o que existe? Há alguma causa que não pode ser explicada pela natureza? Há alguma fonte do bem?



2.1.1 Instrumentos de pesquisa



Ao final desse tópico, você deve responder as seguintes questões:

O que é pensamento sistemático ?

O que é que senso comum ?

O que é postura crítica e reflexão filosófica ?

Qual o método filosófico?

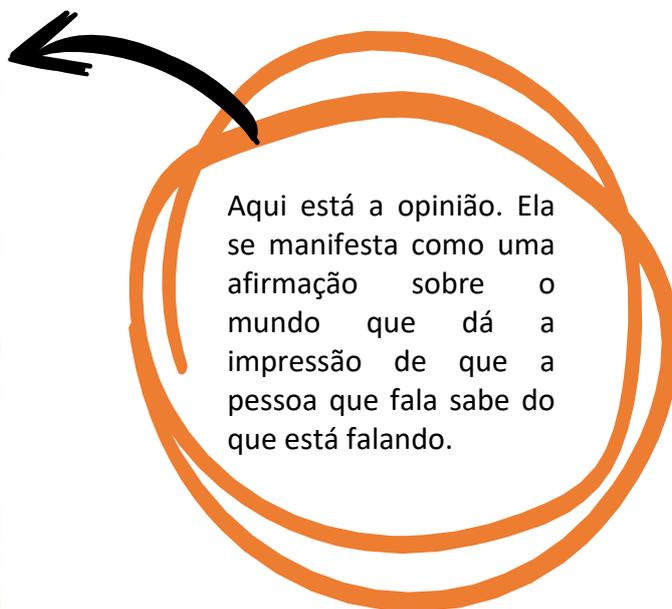
É engraçado falar em instrumento de pesquisa em Filosofia porque é tudo “papo cabeça”. Você já deve ter percebido que o objeto da filosofia é o pensamento, pois conceitos são ideias produzidas pelo pensamento e o instrumento de pesquisa também passa pelo pensamento.

Vamos retomar a ideia de que filosofia tem a ver com aquela sabedoria que eu expliquei anteriormente: a sabedoria de não aceitar a primeira opinião, a primeira ideia. Por quê?

Considere uma opinião qualquer.



Figura 3



O que é uma opinião? É uma afirmação que emitimos sobre o mundo. A todo momento emitimos opiniões, porque elas balizam a nossas atitudes. Por exemplo, se acho que vai chover porque o céu está escuro, provavelmente, levarei um guarda-chuva. O problema passa a ser quando acreditamos em afirmações totalmente falsas em momentos que precisamos tomar alguma ação urgente.

Recentemente, no Irã, pessoas morreram porque acreditaram que, bebendo etanol, poderiam se ver livres da ameaça do coronavírus, que não resiste ao álcool. Lógico que, em outras situações, a opinião é inofensiva, pelo contrário, serve unir as pessoas. O que seria de uma festa se as pessoas não manifestassem opiniões?

O problema é quando opiniões se passam como verdades e, mais ainda, quando se cristalizam em forma de ideias que não podem de forma alguma ser contrariadas, tornando-se quase um dogma. E preste atenção à essa palavra. Você tem que saber o que é dogma. **Dogma** é opinião que alcança o status de verdade absoluta que não pode ser contestada.

Essa passagem da opinião de fraco valor referencial para o status de impressão de verdade ocorre no cotidiano quando várias opiniões circulam criando um sistema de valores que nem questionamos. Isso é o que chamamos de senso comum.

O termo já diz, trata-se de um juízo (senso) compartilhado por todos e tão amplamente, que acreditamos ser verdadeiro, pois todo mundo pensa assim. Qual o problema desse tipo de pensamento? Ele engana. No quadrinho da Mafalda, acima, a Mãe, apoiando-se em frases feitas, bastante reconfortantes, dá uma resposta para aquilo que el não sabe.

“o conhecimento adquirido por tradição, herdado dos antepassados e ao qual acrescentamos os resultados da experiência vivida na coletividade a que pertencemos. Trata-se de um conjunto de ideias que nos permite interpretar a realidade, bem como de um corpo de valores que nos ajuda a avaliar, julgar e, portanto, agir (ARANHA, 1993, p.35).”

Segundo Maria L. A. Aranha e Maria H. P.Martins, o senso comum pode ser definido como? Podemos apontar algumas das características do senso comum que mostram o perigo de se valer desse expediente quando o conhecimento da realidade se faz necessário.

Ingênuo ou não-crítico: não se pergunta se é verdade ou não

Fragmentário, parcial: aceita-se como verdade para todos o que vale para um grupo

Generalizante: diante de uma experiência, considera-se que aquilo vale para todos

Superficial



2.1.2. A razão

Esse método filosófico, é pautado pelo que costumamos chamar de razão. No senso comum, ter razão remete a uma luta de opiniões. Ganha quem tem o melhor argumento. De certa forma, razão realmente se relaciona com o melhor argumento, mas é mais do que isso.

Na filosofia, tal palavra, durante muito tempo, quase se tornou sinônimo de filosofia.

Bom, vamos para a pergunta que qualquer filósofo adora fazer....**O que é razão ou lógica?**

O senso comum diria que pensar é refletir, pensar. Então passemos para a sessão...

Fonte: Shutterstock



Fonte: Showeet



“Pensar” envolve toda a atividade mental e, portanto, está muito além da razão. Segundo Marilena Chauí, a Razão foi uma invenção dos gregos. O que ela quer dizer com isso?

Bom, podemos definir quais são as habilidades mentais, no mínimo, em 6: intuição, emoção, sensações (os 5 sentidos), imaginação, memória, razão etc.

As cinco primeiras são naturais e as exercemos a todo momento, mas e a razão? A palavra vem do latim e significa cálculo. Isso aponta para um tipo de habilidade que o homem adquiriu a partir da união entre intuição, imaginação e memória.

Percebemos que há fenômenos regulares, como as estações do ano, devido à memória e algo próprio da mente humana (intuição), que compara momentos diferentes e consegue perceber repetições. Isso permite que alguém imagine que, na próxima primavera, por exemplo, as plantas irão florir.

As previsões, um tanto quanto intuitivas, em alguns momentos da história, foram sendo sistematizadas de forma mais abstrata, na forma de matemática.

Quando a matemática surge timidamente no Egito, ela tem uma finalidade prática: a contabilidade de grãos e a distribuição dessa riqueza. Os gregos irão mais longe. Perceberão na matemática uma linguagem à parte. Pitágoras vai dizer que tudo é número, acreditando que tudo no universo exala proporção e poderia ser expresso em fórmula matemática.

Mas, acima de tudo, o que mais impressionou os pensadores é o fato de que tal área do conhecimento se vale de uma linguagem perfeita que não admite ambiguidades e que leva a uma conclusão exata e incontestável.



Fonte: Pixabay

E se... a linguagem do cotidiano se aproximasse da matemática? Isso seria perfeito, pois as conclusões sobre a realidade seriam inequívocas e, finalmente, o problema da epistemologia estaria resolvido. A **razão**, portanto, é esse discurso desnatural. É um método aprendido com muito custo e esforço, mas capaz de produzir um tipo de discurso que permite aos indivíduos estarem certos de que aquilo que foi expresso linguisticamente é adequado ao fenômeno da realidade.

Por que se diz que os gregos inventaram a razão? Óbvio que esse processo mental pode ser realizado por qualquer ser humano, se não fosse assim, só alguns aprenderiam matemática. Em outras civilizações, as pessoas também fizeram cálculos ou previsões. Contudo, esse tipo de atividade era espontâneo de acordo com a exigência do cotidiano.

Os gregos vão eleger essa habilidade mental como a mais importante e vão postular a primazia da razão diante de todas as outras habilidades. Isso leva a uma pedagogia da razão. Ela deve ser ensinada. Além disso, a boa ordem social seria aquela que mais se aproximasse do cálculo lógico da razão.

Característica do discurso racional

Quais as características do discurso racional? A finalidade desse tipo de pensamento é chegar a uma generalização que possa servir para explicar e prever qualquer situação particular. Quando alguém afirma que um objeto cai a uma velocidade constante, essa é uma afirmação racional, pois isso vale tanto para uma pena quanto para uma bigorna. Em outras palavras, o discurso próprio da razão se vale de abstrações e conceitualizações.



Para tanto, há um método. Pode ser o método científico que veremos mais à frente, pode ser o método filosófico que já vimos. Resumindo, em filosofia, muitas vezes, razão é essa capacidade humana de ligar ideias para produzir conclusões.

2.1.3. Questões de fixação

01. (Autorial). Com relação à delimitação do campo da filosofia e de seus instrumentos de pesquisa, analise as afirmativas a seguir:

- () A filosofia é o estudo sistemático de perguntas que não podem ser respondidas empiricamente.
- () O método filosófico difere do científico simplesmente pelo fato de que a conclusão a que se chega não será dogmática.
- () O rigor pela tentativa de ir além do senso comum levou a filosofia a desenvolver a lógica.

Sendo V para a(s) afirmativa(s) verdadeira(s) e F para a(s) falsa(s), a sequência correta é:

- a) F – V – F;
- b) F – V – V;
- c) V – F – V;
- d) V – V – F;
- e) F – F – V.

2. Q (Banca IBFC/2017 MT Concurso Professor Ed. Básica/ Adaptada)

Leia as afirmativas a seguir:

- I. A Filosofia se expressa na busca da compreensão da totalidade do diverso percebido por meio de um princípio unificador, por um conceito, que deve servir de base para defesa de outras ideias.
- II. A Filosofia se expressa como atividade especulativa na busca e na análise dos pressupostos que pretendem fundamentar uma verdade
- III. A Filosofia se expressa como atividade reflexiva na intenção de questionar a produção cultural humana.
- IV. A Filosofia se expressa como atividade interlocutora do conhecimento estabelecido em forma de ciência tematizando a sua fundamentação, a sua justificação.

Estão corretas as afirmativas:



- a) I, II e III, apenas
 - b) II, III e IV, apenas
 - c) III, IV apenas
 - d) I,III e V, apenas
 - e) Todas estão corretas
-

3. Q (Banca FEPESE/2019 Prefeitura de Fraiburgo - SC Concurso Professor)

Analise as afirmativas abaixo acerca da filosofia.

1. Uma das características da filosofia é a busca do conhecimento e dos vínculos da verdade com a transcendência.
2. O termo filosofia vem do grego antigo e, etimologicamente, significa amor pela sabedoria.
3. Ela, assim como as religiões e as ciências, busca respostas para as questões que inquietam os seres humanos.
4. Tanto a filosofia como as ciências fazem uso de uma racionalidade específica para construir suas respostas e teorias.

Assinale a alternativa que indica todas as afirmativas **corretas**.

- a) É correta apenas a afirmativa 2.
- b) São corretas apenas as afirmativas 3 e 4.
- c) São corretas apenas as afirmativas 1, 2 e 3.
- d) São corretas apenas as afirmativas 1, 2 e 4.
- e) São corretas apenas as afirmativas 2, 3 e 4.

Gabarito

- 1. C
- 2. E
- 3. E



Questões comentadas

1. (Autorial). Com relação à delimitação do campo da filosofia e de seus instrumentos de pesquisa, analise as afirmativas a seguir:

- () A filosofia é o estudo sistemático de perguntas que não podem ser respondidas empiricamente.
- () O método filosófico difere do científico simplesmente pelo fato de que a conclusão a que se chega não será dogmática.
- () O rigor pela tentativa de ir além do senso comum levou a filosofia a desenvolver a lógica.

Sendo V para a(s) afirmativa(s) verdadeira(s) e F para a(s) falsa(s), a sequência correta é:

- a) F – V – F;
- b) F – V – V;
- c) V – F – V;
- d) V – V – F;
- e) F – F – V.

Gabarito: C

Comentário.

Primeira afirmação: verdadeira. A característica da filosofia é ter um discurso rigoroso, baseado em deduções lógicas, para enfrentar questões que não podem ser respondidas através da experiência (empirismo).

Segunda afirmação: falsa. O método científico segue um protocolo mínimo que envolve: observação da realidade, hipótese, experiência, reelaboração da hipótese e divulgação. O método filosófico não tem todas essas etapas. Além disso, tanto a ciência quanto a filosofia não são dogmáticas (não supõem verdades absolutas).

Terceira afirmação: verdadeira. O fundamento principal da filosofia é o rigor do discurso; para isso vários filósofos desenvolveram ferramentas discursivas que garantissem a coerência do que se fala, a mais notável é a lógica.

2. Q (Banca IBFC/2017 MT Concurso Professor Ed. Básica/ Modificada)

Leia as afirmativas a seguir:



I. A Filosofia se expressa na busca da compreensão da totalidade do diverso percebido por meio de um princípio unificador, por um conceito, que deve servir de base para defesa de outras ideias.

II. A Filosofia se expressa como atividade especulativa na busca e na análise dos pressupostos que pretendem fundamentar uma verdade

III. A Filosofia se expressa como atividade reflexiva na intenção de questionar a produção cultural humana.

IV. A Filosofia se expressa como atividade interlocutora do conhecimento estabelecido em forma de ciência tematizando a sua fundamentação, a sua justificação.

Estão corretas as afirmativas:

- a) I, II e III, apenas
- b) II, III e IV, apenas
- c) III, IV e V, apenas
- d) I, III e V, apenas
- e) Todas estão corretas

Gabarito: E

Comentário.

Primeira afirmação: verdadeira. A filosofia procura o fundamento das opiniões, as ideias ou conceitos que servem de base para argumentos, nesse sentido, ela procura ideias que unificam e daí tira consequências.

Segunda afirmação: verdadeira. “Filo” em grego significa “amor”; “sofia”, sabedoria.

Terceira afirmação: verdadeira. Essas três áreas do conhecimento se pautam pela procura de afirmações que expliquem a realidade, elas diferem quanto aos métodos e quanto aos objetos. A religião tem como objeto o sobrenatural; a ciência, a natureza; e a filosofia, as ideias e o pensamento.

Quarta afirmação: verdadeira. A racionalidade é a capacidade humana de fazer cálculos através de regras precisas, tanto a ciência quanto a filosofia se baseiam em métodos.

3. Q (Banca FEPESE/2019 Prefeitura de Fraiburgo - SC Concurso Professor)

Analise as afirmativas abaixo acerca da filosofia.

1. Uma das características da filosofia é a busca do conhecimento e dos vínculos da verdade com a transcendência.



2. O termo filosofia vem do grego antigo e, etimologicamente, significa amor pela sabedoria.
3. Ela, assim como as religiões e as ciências, busca respostas para as questões que inquietam os seres humanos.
4. Tanto a filosofia como as ciências fazem uso de uma racionalidade específica para construir suas respostas e teorias.

Assinale a alternativa que indica todas as afirmativas **corretas**.

- a) É correta apenas a afirmativa 2.
- b) São corretas apenas as afirmativas 3 e 4.
- c) São corretas apenas as afirmativas 1, 2 e 3.
- d) São corretas apenas as afirmativas 1, 2 e 4.
- e) São corretas apenas as afirmativas 2, 3 e 4.

Gabarito: E

Comentários.

A afirmação 1 está errada. Não é filosofia que busca a verdade vinculada à transcendência, mas a religião.

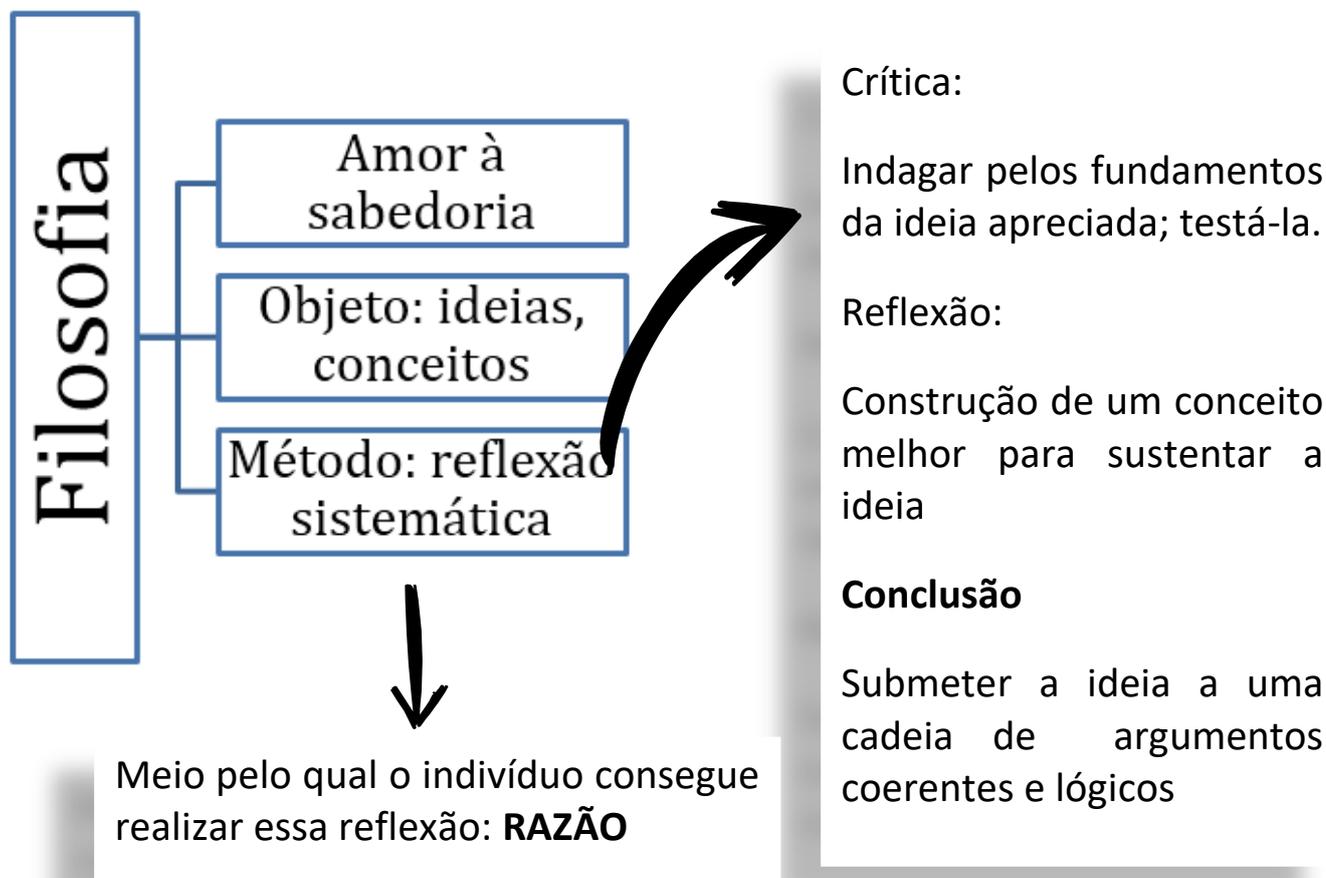
A afirmação 2 está correta. “Filo” em grego significa “amor”; “sofia”, sabedoria.

A afirmação 3 está correta. A Filosofia nasce como não aceitação das respostas que eram dadas para explicar a realidade.

A afirmação 4 está correta. A ciência e a Filosofia são metódicas, isto é, baseiam-se em métodos precisos de argumentação (racionalidade).



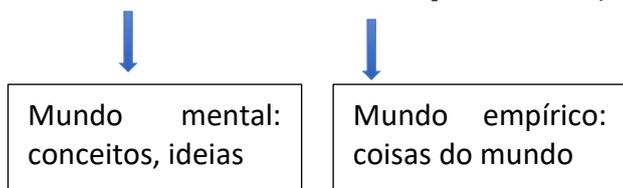
2.1.4 Quadro Sinóptico



✓ A filosofia se opõe ao **senso comum**

“o conhecimento adquirido por tradição, herdado dos antepassados e ao qual acrescentamos os resultados da experiência vivida na coletividade a que pertencemos. Trata-se de um conjunto de ideias que nos permite interpretar a realidade, bem como de um corpo de valores que nos ajuda a avaliar, julgar e, portanto, agir (ARANHA, 1993, p.35).”

✓ A filosofia difere da ciência quanto ao objeto.



Vocabulário da filosofia:

Empírico: relativo à realidade, diz-se do conhecimento que se adquire pela experiência.

Dogmático: uma opinião que ganha status de verdade absoluta; crença

2.2 História da filosofia

No edital, aparece claramente que o aluno deve saber um pouco de história da filosofia para associá-la à compreensão do que é filosofia e suas ferramentas. Isso ocorre porque aqueles que configuraram o que chamamos de filosofia, lá na Grécia do VI ao IV século antes de Cristo, deram esse formato a essa área do conhecimento humano.

Não será um curso exaustivo de história da filosofia, mas vou considerar aqueles autores que formataram o sentido de filosofia e sua metodologia, os primeiros filósofos gregos. A discussão inicial se dá em relação ao conhecimento.

2.2.1 Conhecimento, verdade e realidade



Ao final desse tópico, você deve responder as seguintes questões:

O que é conhecer ?

Como se dá o processo do conhecimento ?

Já vimos que a filosofia nasce como uma oposição ao senso comum. Mas por que se colocar contra aquilo que todo mundo acredita como verdade? Justamente por causa dessa palavrinha, “a verdade”.

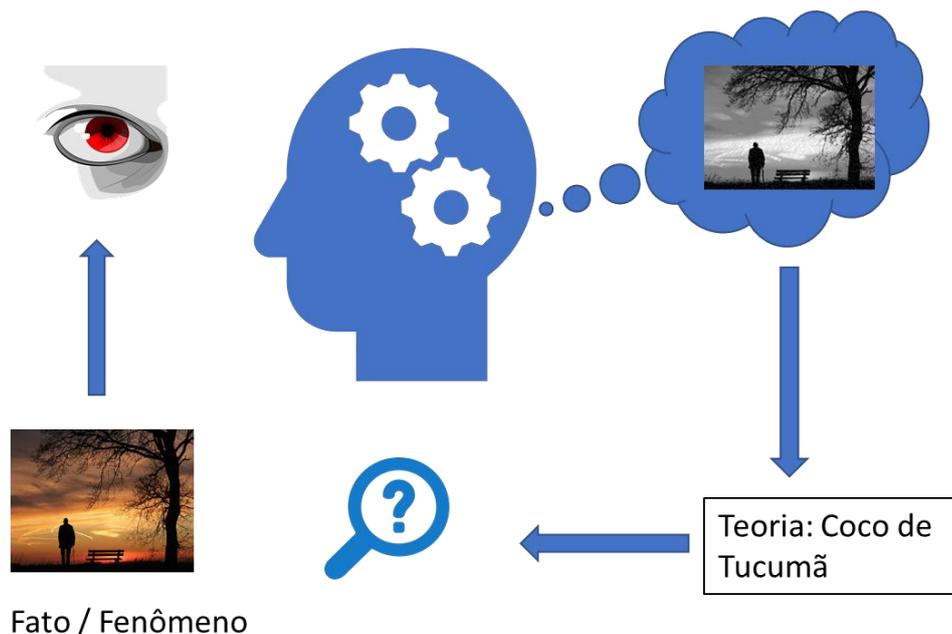
Uma opinião fundada em fantasias, diríamos hoje “fake News”, não leva a sociedade a lugar algum e pode representar um grande perigo. A verdade deve ser revelar a partir de um processo de conhecimento da realidade. Então...

Vamos falar de conhecimento? O que é conhecer?

Observe atentamente, esse quadro de como se dá o conhecimento. Comece olhando pelo fenômeno e acompanhe as flechas.



Fonte imagem: Pixabay; gráfico: showweeet



Essa arte mostra como se dá o processo de conhecimento. O olhos (ou os sentidos) captam os fenômenos que são absorvidos pela mente como imagem do real. Basta você imaginar que a imagem captada pelo olho fica invertida no fundo do olho, fato que exige um trabalho mental para inverter novamente a imagem. Ou seja, a percepção que temos do real é medida por um jogo corporal que altera a sensação que temos do real.



Então, a gente não conhece o real do jeito como ele é ?

É impossível que tenhamos percepção do real tal como ele é. Lembre-se de que algo que é corporal, como a temperatura do corpo, altera toda sua compreensão do que ocorre a sua volta. Já percebeu que o mundo fica diferente quando você está com febre?

Mas é por isso que entra em jogo a elaboração mental da realidade. As observações de fenômenos que se repetem levam os homens a produzirem explicações, hipóteses ou teorias. O processo de conhecimento leva a uma hipótese que se traduz em afirmação sobre o mundo.

Quando se elabora uma explicação que parece estar adequada ao mundo, dizemos que o conhecimento é verdadeiro; se elaboramos uma afirmação que não se adequa à realidade, ela deve ser falsa.

Por muito tempo, acreditava-se que não se poderia comer manga com leite. É falso. Ingerir etanol para se curar do coronavírus leva a morte é uma hipótese que, infelizmente, adequa-se à realidade. É verdadeira. O que determina a falsidade ou veracidade de nossas afirmações? O real. Então, como ter certeza de que a hipótese que fazemos da realidade é verdadeira?



2.2.2 Mito e Nascimento da Filosofia



Ao final desse tópico, você deve responder as seguintes questões:

**O que é o mito?
Quais são suas funções?
Qual a relação entre mito de Filosofia?**

A primeira forma de conhecimento que o homem desenvolveu foi o pensamento mitológico. Nele, os fenômenos resultam das vontades e interações dos deuses com os homens. Três características básicas definem o mito:

A explicação se dá de forma narrativa

Ingerências de forças sobrenaturais

Através dessas histórias, explica-se a origem dos fenômenos físicos.

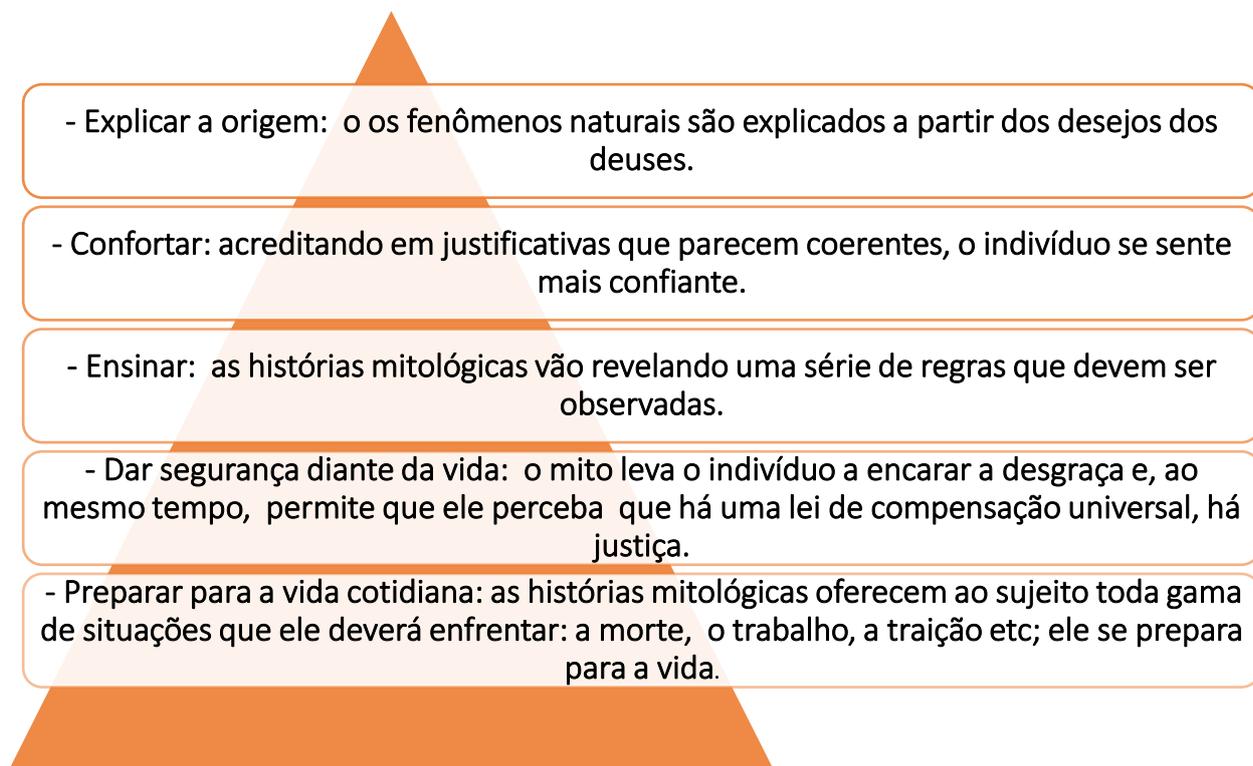
Até pouco tempo atrás, havia uma certa relutância em se aceitar o mito como uma forma de conhecer. Normalmente, acreditava-se que tal forma de se relacionar com o mundo era totalmente ilusória e que não haveria nada de verdadeiro nesse mecanismo que os nossos ancestrais desenvolveram para se situar no mundo.

Qualquer tipo de explicação nasce da necessidade do homem de aplacar seu



medo de estar no mundo. O ser humano é, sem dúvida, um animal estranho. O medo, que é uma reação natural para defesa da sobrevivência, no indivíduo homem, deixa de ser totalmente natural. O que o homem teme? Aquilo que ele não pode conhecer.

Os mitos não versam simplesmente sobre os deuses. Normalmente, as histórias envolvem homens que são requisitados a viver aventuras de interesse das deidades, surgem os heróis. Desse jogo entre deuses e humanos, o mito se presta também a ensinar à geração mais nova alguns valores de socialização passados dos mais velhos através dessas histórias que vão além da explicação do mundo físico. Abaixo, você encontra um quadro com as principais funções do mito.



Por mais que esse tipo de explicação revele um conhecimento de como as pessoas de uma tribo devem agir, o conhecimento do mundo natural é bastante inadequado.

Em algum momento da história humana, alguém ia perceber que essas histórias não batiam com a realidade. Eram ilusórias. E isso aconteceu na Grécia.

Tales de Mileto (625 – 546 a.C) foi o primeiro ser humano que ousou pensar fora da caixinha do senso comum. E se os fenômenos não ocorressem pela vontade dos deuses, mas pelas relações entre elementos da natureza?

Ele observou a natureza e observou algo simples: sem água as coisas não acontecem. Tudo seca e o movimento para. Afinal, a água faz as coisas apodrecerem ou vivificarem. Mas a água não tem vontades, ela é um elemento com propriedades, simplesmente isso.

Parece besta, mas não é. Isso dá início à filosofia. Percebeu por quê? Há uma contestação em relação à ideia anterior de como funcionaria o universo. Ou seja, questiona-se o que se acredita, e estabelece-se novo parâmetro para explicar o mundo baseando-se num discurso rigoroso.

2.2.3 Pré-Socráticos



Ao final desse tópico, você deve responder as seguintes questões:

**Qual novidade é trazida pelos Pré-Socráticos?
Por que são considerados os filósofos da *physis*?
Qual a diferença básica entre Heráclito e Parmênides?**

Para discutir essa questão, vamos aquecer os motores. Que tal um pouco de texto filosófico?

A filosofia grega parece começar com uma ideia absurda, com a proposição: a água é a origem e a matriz de todas as coisas. Será mesmo necessário deter-nos nela e levá-la a sério? Sim, e por três razões: em primeiro lugar, porque essa proposição enuncia algo sobre a origem das coisas; em segundo lugar, porque o faz sem imagem e fabulação; e enfim, em terceiro lugar, porque nela, embora apenas em estado de crisálida, está contido o pensamento: Tudo é um. NIETZSCHE, F. Crítica moderna. In: Os pré-socráticos. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

Esse foi o texto escolhido pelo Enem como apoio para uma das questões da prova. Nesse fragmento, Nietzsche aponta qual é, em linhas gerais, a característica mais importante do início da Filosofia. Muda-se a pergunta. A religião e o mito perguntavam a respeito de “quem criou” todas as coisas. Os primeiros filósofos abandonam a pretensão de saber quem criou e procuram saber como funciona. Passa-se da teogonia para cosmologia.



Fonte: Pixabay



Teogonia

*Genes: Origem
Teo: Deuses
Preocupação: a
origem dos
deuses
(mitologia)*



Cosmogonia

*Genes: Origem
Cosmo: Universo
organizado
Preocupação: como
materialmente o
universo se
organizou*

Em segundo lugar, os Pré-socráticos se atêm em causas materiais, não mágicas, aquilo que Nietzsche chama de “fabulação”, ou seja, sem apelar para fatores mágicos. A explicação deve ser mecânica e causal. Um elemento material deve ser o que causou o movimento das coisas e o que produziu tudo o que observamos.

Por último, Nietzsche fala de algo um tanto quanto enigmático: “Tudo é um”. Ele se refere ao ímpeto desses pensadores de encontrar o elemento originário ou a *arché*². Eles imaginam o universo como se fosse uma construção de lego. Tudo o que vemos como variedade deve ter sido montado por peças iguais, únicas, bastaria reconhecer o que seria esse “um”.



Fonte: Pixabay

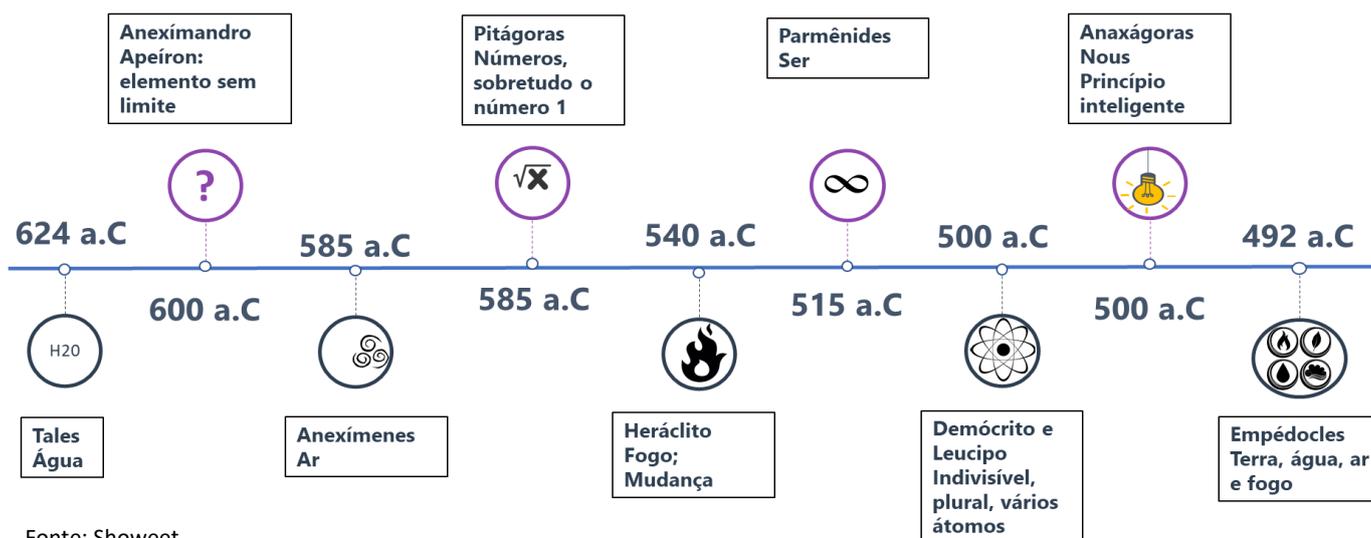
Como começou essa brincadeira? O próprio Nietzsche mencionou no início do parágrafo e nós já vimos. Começou com Tales de Mileto propondo que tudo é feito de água.

A moda pegou. Surgiram outros que propuseram outros elementos como princípios de composição da natureza. Foi nesse período que surgiu a ideia de átomo, por exemplo.

Obviamente, agora deveríamos considerar cada um dos pré-socráticos. Mas, sinceramente, acredito que isso terá pouco valor no concurso. Quando cai, a lógica é a mesma, a banca dá um texto e pede que o candidato o interprete. O examinador entende que exigir o conhecimento de cada pré-socrático é transformar a prova de Filosofia em “decoreba”. Se cair algo sobre o tema, você conseguirá se sair bem com o básico que apresentei aqui.

Contudo, para que você tenha uma noção geral, segue um quadro dos principais filósofos e qual elemento eles postulavam como sendo o elementar.

² Essa palavra grega está no português em “arquétipo”, o que significa uma ideia originária que dá origem a outras, por exemplo, o arquétipo do pai como aquele que cuida e protege, embora também castigue. Essa imagem aparece em quase todas as culturas como se fossem oriundas de uma ideia única e ancestral.



Fonte: Showeet



Há um elemento em comum a todos esses pensadores e muito importante: eles partem do pressuposto de que o real (o elemento primordial que anima o mundo) é diferente daquilo que percebemos como real. **O mundo da multiplicidade é uma ilusão.**

Heráclito versus Parmênides

Esses dois pré-socráticos merecem especial atenção. Defendem ideias opostas que vão configurar uma grande questão a ser resolvida na filosofia.

Dentro do pensamento grego, a efemeridade das coisas sempre incomodou os pensadores. Haveria algo que permaneceria além da mudança ou tudo muda constantemente?

Heráclito (540-470 a.C)



Fonte: Pixabay

Heráclito defendia que a mudança era a constante no universo e que nada, absolutamente nada, poderia estar parado. **A mudança, para ele, era produto da luta dos contrários que deveria levar à mais bela harmonia.** Não se tratava de dizer que alguma coisa muda, mas que todas as mínimas partículas não encontrariam descanso.

É de Heráclito a famosa frase: “Para os que entram nos mesmos rios, correm outras e novas águas” ou, na sua versão mais corriqueira, “Não se entra duas vezes no mesmo rio”. O pensador aponta para o fato de “rio” ser apenas uma palavra que cria a ilusão de que há algo permanente, quando alguém retorna ao rio do qual acabou de sair, as margens já mudaram e as águas são outras, aliás, até o indivíduo que entra no rio é outro.



Parmênides (530-460 a. C)

O pensamento de Parmênides é complicado, mas vou traduzir da seguinte forma, ele está certo de que as coisas em estado de mudança não têm essência. Por exemplo, o vento que muda o tempo todo não pode ser entendido nem estudado, mas o ar, que é elemento que forma o vento e é estático, esse tem essência.

O principal de Parmênides é que ele estabelece um parâmetro para o conhecimento. **Só podemos conhecer aquilo que não se altera.**

Parmênides

A essência não muda. Existe essência. Conhecer é conhecer a essência.



Tudo está em mudança. Harmonia dos contrários.

Heráclito

Fonte: Pixabay

2.2.4 Filosofia Clássica e Cristã

Ao final desse tópico, você deve responder as seguintes questões:

Qual novidade trazida por Sócrates?

Qual era o método socrático ?

Qual era a principal ideia de Platão? Qual o método platônico?

Qual era o método de Aristóteles?

O que a filosofia cristã trouxe de novo para o debate?

A filosofia da *Physis* caminhava muito bem obrigado, mas eis que surge em Atenas um homem que não tomava banho, não usava sandálias, era extremamente feio e



ficava interrogando as pessoas importantes que iam ao mercado. Esse quase mendigo revolucionou a filosofia, pois ele passou a se preocupar com outro objeto, o próprio homem. Ele dizia que tinha recebido uma missão dos deuses de fazer com que todos procurassem atender à máxima: “conhece-te a ti mesmo”.

Essa passagem da filosofia da *Physis* (natureza) para a filosofia do Antropos (Homem) é a marca de que chamaremos filosofia socrática e, de certa forma, de toda filosofia desde então.

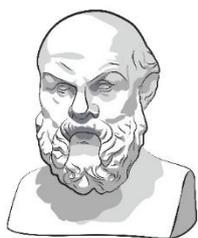
O quadro agora é esse:

Pensamento mítico	Pensamento Pré-socrático	Filosofia a partir de Sócrates
Explicação dos fenômenos por meio de histórias envolvendo deuses; explicação teogônica.	Explicação da <i>physis</i> a partir de elementos da natureza; procura pelo elemento primeiro que constrói toda a realidade.	Elaboração de um método para explicação da realidade; preocupação com a realidade humana

A filosofia de Sócrates gera frutos na Grécia, dois monstros da Filosofia, Platão e Aristóteles, se tornam referência de tudo que será feito depois. Por isso associamos esses três pais da filosofia ao que chamamos de filosofia clássica.

Sócrates (460-399 a. C)

Fonte: Shutterstock



Sócrates viveu no auge de Atenas. Ele não deixou nada escrito e, basicamente, a sua grande filosofia que mudou os rumos do pensamento estava condensada na sua forma de agir. Como ele conseguiu isso?

Na época em que ele viveu, os aristocratas se dirigiam ao mercado para encontrar os amigos e participar de rodas de discussão tão apreciadas pelos gregos. Sócrates dirigia-se para lá e começava a interrogar quem encontrasse pela frente. Ele tinha um método. Começava com uma pergunta do senso comum e que um ilustre ateniense, com todo seu orgulho, achasse que era fácil de responder, como por exemplo, “o que é justiça?”.

Dada a resposta, Sócrates procurava na afirmação feita alguma exceção, alguma falha, e fazia outra pergunta que expunha a primeira resposta dada como falsa ou incompleta. Ele continuava no jogo até seu interlocutor afirmar algo que fosse o contrário do que tinha dito anteriormente. Óbvio que, nesse momento, a pessoa que estava sendo questionada ficaria visivelmente irritada e diria para Sócrates, “ok, espertalhão, eu reconheço que não sei o que é justiça, então diga você o que é?” Ao que ele responderia, provocando irritação maior: “Sei que nada sei”.



Que cara chato, por que ele fazia isso?

Por dois motivos. Primeiro, ele queria despertar as pessoas do sonho das certezas, mostrar que a convicção que elas tinham a partir do senso comum era frágil. O conhecimento exige inconformismo. Quem se conforma com o que sabe, nada sabe. Em segundo lugar, o filósofo acreditava que cada um tinha que buscar a verdade. Sócrates tinha certeza de que todos os homens, por serem racionais, seriam capazes de encontrar a verdade, só precisavam de um método.

Método Socrático

Dialética: através do diálogo que colocava ideias em disputa, Sócrates despertava o indivíduo para o encontro com sua sabedoria.

Ironia: método de perguntar sobre uma coisa em discussão, contradizendo o interlocutor, com a finalidade de purificar o pensamento, desfazendo ilusões.

Maiêutica: depois do impasse, o interlocutor era obrigado a refletir por si mesmo. Nesse momento, a pessoa questionada paria uma verdade. **Maiêutica** significava a arte da parteira.

Platão (428-348 a.C)

Fonte: Pixabay



Platão foi discípulo de Sócrates e escreveu *A República*, uma coletânea de textos em forma de diálogos. Há uma contextualização em que os personagens do diálogo são apresentados; a seguir, alguém propõe um tema e, depois, alguém defende uma tese que será questionada por um interlocutor capaz de ir mostrando as deficiências do argumento.

Nesses diálogos, ele registra algo dos diálogos que ele testemunhou entre Sócrates e seus interlocutores, mas na verdade, na maioria das vezes, ele põe da boca do Sócrates sua própria teoria sobre a realidade. Dizemos, portanto, que, nos “diálogos”, o Sócrates que aparece é um personagem de Platão,



com raras exceções. Sua ideia mais famosa que, de certa forma, explica o sentido da filosofia aparece no livro VII, da *República*, onde ele conta o Mito da Caverna.

Mito da Caverna



Ele começa esse com Sócrates pedindo que Glauco imagine uma situação inusitada. Numa caverna, vários prisioneiros estariam acorrentados, presos pelos braços, pernas e também pescoços de tal forma que não poderiam olhar para o lado. Deveriam estar nessa condição desde que nasceram. O que eles veem é simplesmente a projeção das sombras do que ocorre ao lado deles, pois há uma fogueira e um espaço entre a fogueira e o lugar onde estão. Nesse espaço, passam outras pessoas.

Isso significa que a percepção que eles têm da realidade é falsa. Veem sombras que acham que são reais e, quando ouvem barulhos, atribuem às sombras. Num dado momento, um deles é libertado. De imediato, ele se recusa a crer no que está vendo. Vê seus amigos presos e entende que também estava preso. Vê o fogo. Suas vistas doem. E vê que há uma luminosidade maior atrás do fogo, que indica o lado de fora da caverna. Ele sai. Não, a luz o cega. Mas ele quer ver onde está. Olha para chão, depois para as árvores e depois olha diretamente para o sol.

Entende que o que viveu sempre foi uma grande ilusão. Resolve voltar para contar a verdade para os seus companheiros prisioneiros. Mas quando volta, é ameaçado de morte.

Ao final de história, Sócrates diz: nós somos esses prisioneiros. O que ele quer dizer? Que nós vivemos num mundo que nos engana e, por isso, formamos opiniões totalmente equivocadas sobre a realidade.

Trata-se de uma alegoria, uma grande metáfora. Podemos traduzir os elementos da seguinte forma:



Lição de Alex Gendler, animação de Stretch Films, Inc. (Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1RWOpOXTItA>, acessado em 13.05.2019)

Caverna

• Mundo em que vivemos

Prisioneiros

• Cada ser humano, todos nós.

Sombras

• Como vemos a realidade

O importante nessa história toda é o radicalismo da incerteza. A ideia de Platão é que não podemos jamais conhecer a realidade das coisas, pois estamos presos no corpo que se conecta com o mundo externo através dos sentidos.



Então nunca vou chegar a conhecer nada da realidade?

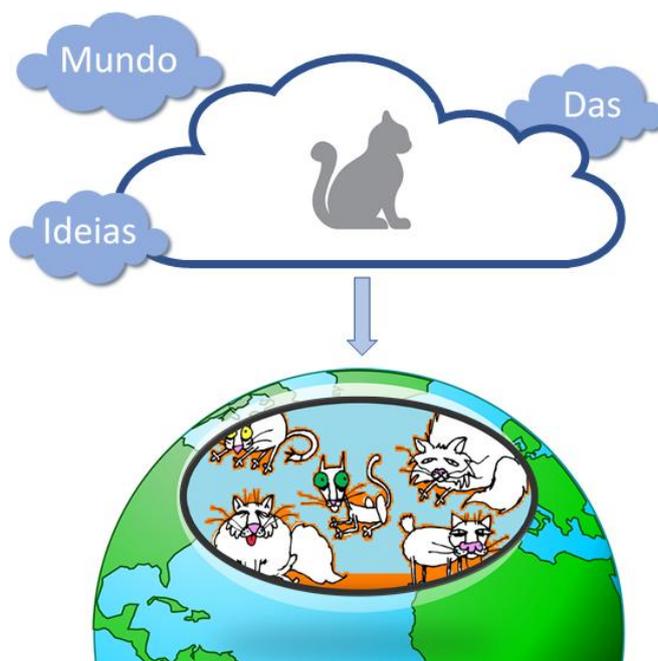
Calma, há o mundo de fora da caverna.

Para Platão, se nós nos desligarmos de todas as nossas experiências dos cinco sentidos e nos aprimorarmos na mentalização dos conceitos, das ideias que estão dentro de nossa cabeça, perceberemos que trazemos ideias perfeitas das coisas, e essas ideias nós vamos chamar de modelos. Os modelos de perfeição que habitam nossa mente trazem a verdade sobre o mundo.

Você deve estar se perguntando, como a mente pode trazer ideias perfeitas do mundo. Para Platão, já fomos alma e, nesse mundo do além, conhecemos a essência e a perfeição das coisas, pois no mundo espiritual, os seres e objetos existem como conceito já que não são materiais.

Nesse outro mundo, estão todas as formas de tudo o que existiu e existirá na Terra. Essas formas não têm materialidade, são simples esqueletos geométricos, pura matemática e perfeitos, que são a essência de qualquer objeto ou ser que exista aqui na Terra. Seriam como aquelas forminhas de areia que as crianças ganham dos pais. As formas permitem a reprodução da mesma figura, mas a materialidade da areia faz com que cada boneco criado seja diferente, pois apresenta falhas em diferentes pontos.

O quadro ao lado exemplifica isso a partir da forma gato. Há no outro plano uma ideia de gato, essa forma que é perfeita, dá origem aos vários gatos que potencialmente virão à existência no mundo, isso explicaria por que nenhum deles é perfeito e, ao mesmo tempo, explicaria a variedade entre os gatos.

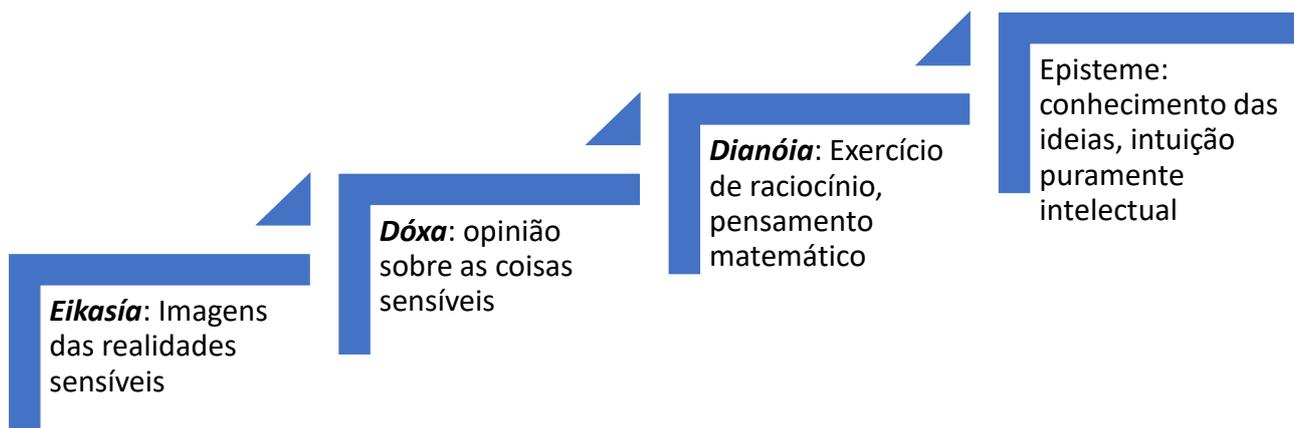


Fontes: Showeet e Pixabay

No vocabulário filosófico, esse mundo ficou conhecido como **mundo das ideias, mundo inteligível ou mundo das formas**. O contrário disso, o lugar onde habitamos, seria o **mundo sensível**.

Para Platão, a filosofia significa essa recusa no que percebemos como verdadeiro e procura pelas ideias verdadeiras. E ele propõe um método.





Começa-se pela percepção da realidade, depois pela formação de opinião, a seguir o exercício do pensamento abstrato através da matemática até chegarmos a conceitos sobre o mundo marcados pela perfeição e pela coerência.

Nesse ponto, duas palavras são importantes para você interpretar uma questão de filosofia: idealismo e inatismo.

Idealismo: as ideias são mais verdadeiras que a realidade; um amor idealizado é mais verdadeiro que o amor real

Inatismo: temos ideias inatas (ideias que nascem conosco), por exemplo a ideia dos números ou a ideia de justiça.

Aristóteles (384-322 a.C)



Escultura de Lisíppos (390-300 a.C) exposta no Museo nazionale romano di palazzo Altemps

Aristóteles foi o brilhante discípulo de Platão e um dos cotados para suceder o mestre na Academia platônica; como isso não ocorreu, o filósofo criou seu próprio liceu. Viveu na época em que a Grécia perde sua independência e passa a fazer parte do Império macedônio. Aliás, ele foi o professor de Alexandre, o Grande.

Esse grande pensador ficou conhecido por trazer “as ideias do céu à terra”. Ele acreditava que Platão tinha ido longe demais na sua teoria das formas ao jogar o suporte do real para um mundo que não poderia ser conhecido, a não ser na morte. Aristóteles acredita que o conhecimento está aqui mesmo na Terra. Onde?

Ele percebe que a variedade e as transformações obedecem a certo padrão. Um cacto pode mudar bastante desde que começa a se desenvolver, mas não se transforma em uma baleia. Ele deduziu que o padrão de mudança dos seres e o padrão do que é permanente devem estar nos próprios seres (hoje falaríamos em código genético). Algo interno ao cacto faz com que o cacto em particular que eu vejo pertença a um grupo de seres e tenha um desenvolvimento próprio desse grupo, mesmo que a planta espinhosa que eu ganhei no dia dos professores (será que os alunos queriam dizer algo?) seja pequenino, achatado, de formato indefinido, tenha uma flor e se diferencie bastante do cacto gigante que eu vi na loja de jardinagem.

Mas e quando selecionamos cactos diferentes?



A resposta de Aristóteles é a seguinte: eles têm a mesma estrutura, a mesma **FORMA**. O formato deve ser descrito como um conceito imutável e capaz de diferenciá-lo de outras plantas: trata-se de uma suculenta, plantas que são capazes de armazenar água, com presença de auréola onde crescem espinhos. O que é passível de mudança? O material de que essas plantas são feitas.



Fonte: Pixabay

Para se chegar ao conhecimento, o pesquisador deve observar a natureza, diferenciar as espécies e descrevê-las pelas características fundamentais. Aquilo próprio da materialidade ou das sensações não deve ser considerado. Por exemplo, para entender o que é o ser humano, devem-se desprezar os atributos acidentais: cor da pele, cor do cabelo, altura do indivíduo etc, e procurar o elemento essencial, aquilo que o diferencia de outros seres: o homem é um animal racional.

Esse valor dado ao que se observa e a crença de que existe uma racionalidade do real leva parte da crítica a classificar Aristóteles como realista.

Segundo o dicionário Houaiss on line, **REALISMO** (filosófico) é a crença na "precedência do mundo objetivo sobre a cognição humana, que se limita a fornecer significado ou compreensão a uma realidade autônoma e previamente existente".

O que quer dizer isso? Que o filósofo não deve procurar, nas suas ideias, o conhecimento do mundo, mas olhar para o mundo e deduzir dele formas que expliquem as características de conjuntos de coisas ou seres.

O método de Aristóteles inclui uma parte empírica e outra de reflexão. Por isso, além de tudo, ele vai desenvolver toda uma teoria sobre **lógica**. Ele vai separar as duas formas de raciocínio válidas e vai estudá-las para propor como podemos chegar a conclusões mais acertadas sobre o mundo.

Dedução

As premissas iniciais são generalizantes, segue-se a particularização.

Todos os cactos têm espinhos.

A planta que ganhei é um cacto.

A planta que ganhei tem espinhos.

Indução

As premissas iniciais são particularizantes, a conclusão generaliza.

Eu vi um cacto na casa do meu amigo e ele tinha espinhos.

Eu vi outro cacto no barbearia e ele tinha espinhos.

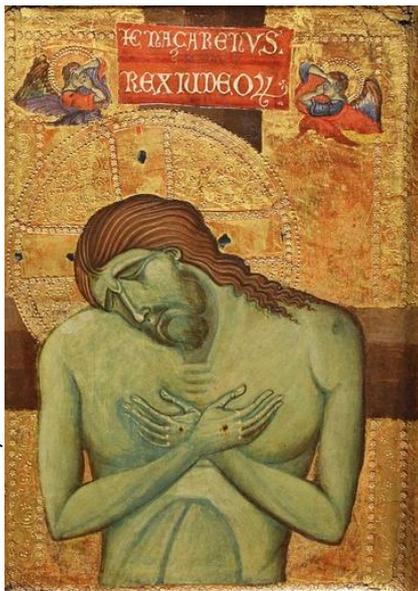
Eu vi...outro, ele tinha espinhos.

Todos os cactos têm espinhos.

Segundo o dicionário, lógica é "parte da filosofia que trata das formas do pensamento em geral (dedução, indução, hipótese, inferência etc.) e das operações intelectuais que visam à determinação do que é verdadeiro ou não". Esse será o método desenvolvido por Aristóteles.

Filosofia cristã





Fonte: Pixabay

A filosofia se desenvolveu bastante depois desses três autores principais, mas para aquilo que nos interessa, a definição de filosofia e seus métodos, nada houve de muito diferente até o advento do cristianismo.

O cristianismo revolucionou o pensamento ocidental por vários motivos, mas vou me concentrar em um traço muito importante. Quando a nova religião surge, os romanos dominavam o Mediterrâneo e tinham desenvolvido uma civilização bastante sofisticada calcada no legado cultural da Grécia. Isso significa que o Cristianismo, para conquistar corações e mentes no Império, vai se valer da argumentação e da racionalização típicas da filosofia. Em outras palavras, a religião vai se apropriar da filosofia, sem destruí-la, usando-a. Nos primeiros séculos depois de Cristo, dizia-se que a filosofia era a serva da teologia.

Na verdade, os grandes padres da Igreja usarão as ideias ou de Platão, ou de Aristóteles para fundamentar a fé cristã. De tudo o que se passou nesse período, é importante que você tenha em mente essa relação entre fé e razão e saiba o significado de duas palavras: patrística e escolástica.

O nome Patrística está relacionado aos pais de Igreja (Pater), refere-se a uns 12 teólogos/filósofos que configuraram os dogmas de Igreja nos primeiros séculos depois de Cristo. Do ponto de vista da filosofia, eles determinaram a relação entre fé e razão. O maior expoente da Patrística foi Santo Agostinho, que realmente desenvolveu a filosofia, fez reflexões sobre o tempo e sobre a liberdade. Para esse filósofo, a razão, ou a filosofia, deve levar o indivíduo a avaliar a fé cristã e levá-lo às portas da fé. O fiel se aproxima da Igreja pela razão, mas a abraça pela fé, que é uma dádiva de Deus.

A Escolástica desenvolve-se por volta do século XI, quando as primeiras universidades foram formadas na Europa. Era preciso sistematizar o conhecimento que os primeiros pais da Igreja elaboraram para dar base à prática católica. Nessa sistematização, a filosofia ganhou ares de conhecimento científico. A incorporação de Aristóteles na reflexão dos escolásticos deu um caráter "científico" às reelaborações escolásticas. O maior expoente foi São Tomás de Aquino. Para o filósofo, fé e filosofia não entram em choque, porque a razão deve se voltar para o mundo que está aí, enquanto a fé deve se preocupar com o mundo espiritual. Ele separa fé e razão e entende que há uma conciliação entre elas.

Para lembrar então:



Fé e razão - A filosofia cristã em alguma medida propõe conciliar razão e fé.

Patrística - primeiros séculos - pais da igreja - preocupação mais teológica - influência de Platão - finalidade: fornecer parâmetros para o cristianismo nascente.

Escolástica - séculos XI-XV - filósofos da Igreja já consolidada - preocupação mais filosófica - Influência de Aristóteles - finalidade: fornecer conhecimento sistemático para as universidades nascentes - escola..

2.2.5 Questões de fixação

1. Q. (Banca VUNESP/2018 MT Aluno-oficial PM-SP)

Na obra *Teeteto*, Platão apresenta um método para auxiliar os jovens a examinar se suas opiniões são justificadas, analisando-as, verificando seus pressupostos, quais podem ser suas consequências e se conduzem a uma conclusão contraditória. Esse método se mostra especialmente importante quando se trata de verificar se opiniões são verdadeiras ou não. Segundo o método proposto por Platão, é correto afirmar que as opiniões

- (A) podem ser consideradas verdadeiras se são defendidas por uma autoridade política ou religiosa.
- (B) devem ser submetidas a uma verificação exaustiva antes de serem consideradas verdadeiras ou falsas.
- (C) devem ser consideradas falsas por princípio se forem repetidas por uma maioria que as defende.
- (D) podem ser logicamente consideradas verdadeiras e falsas ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto.
- (E) devem ser aceitas como verdadeiras caso seja impossível verificar ou justificar suas conclusões.

2. Q. (Banca FCC/2018 Câmara Legislativa do Distrito Federal - Consultor)

Sócrates é um dos personagens mais conhecidos e influentes do pensamento ocidental. Embora não tenha deixado nada escrito, suas ideias foram redigidas por um de seus discípulos, Platão, que lhe atribui a seguinte máxima: “a única coisa que sei é que nada sei”. Com essa máxima, Sócrates expressa que o caminho do conhecimento

- a) é impossível e todo o saber possível é uma ilusão.
- b) depende da experiência e não de proposições teóricas.
- c) desconsidera a opinião sobre assunto que se ignora.



d) pressupõe dar opinião sobre assunto que se ignora.

e) é limitado porque a razão humana não pode saber tudo.

Q 3.(Uel / Adaptada)

Que terá levado o homem, a partir de determinado momento de sua história, a fazer ciência teórica e filosofia? Por que surge no Ocidente, mais precisamente na Grécia do século VI a.C, uma nova mentalidade, que passa a substituir as antigas construções mitológicas pela aventura intelectual, expressa através de investigações científicas e especulações filosóficas?

(PESSANHA, J. A. M. Do Mito à Filosofia. In. *Os Pré-Socráticos*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996. p.5. Coleção “Os Pensadores”.)

Leia as afirmativas a seguir:

I. No fragmento, o autor iguala filosofia e ciência, pois tais áreas do conhecimento podem ser consideradas sinônimas.

II. As questões feitas no fragmento manifestam espanto diante um fato histórico: em determinado momento na Grécia, os homens deixaram de acreditar nos mitos e desenvolveram outras explicações.

III. Nitidamente, há um julgamento de valor no fragmento, desvaloriza-se as construções mitológicas em detrimento da ciência e filosofia, pois as últimas permitem um perspectiva mais segura da realidade.

IV. A nova mentalidade que dá início a aventura filosófica e científica, segundo o texto, refere-se à passagem da explicação teogônica para a explicação cosmogônica.

Estão corretas as afirmativas:

a) I, II apenas.

b) I, II e IV, apenas.

c) II e IV apenas.

d) I,III apenas.

e) Todas estão corretas.

4. Q (Uem 2017\ Adaptada) Em uma série de fragmentos, Heráclito de Éfeso (c. 540-c. 480 a.C.) legou à tradição filosófica ocidental uma explicação teórico-racional acerca da natureza do real e do vir-a-ser.

Considere os seguintes fragmentos do filósofo:

B49a: “Descemos e não descemos para dentro dos mesmos rios; somos e não somos”.



B10: “Correlações: completo e incompleto, concorde e discorde, harmonia e desarmonia, e todas as coisas, um, e de um, todas as coisas”.

B60: “O caminho para o alto e para baixo é um e o mesmo”.

MARCONDES, D. *Textos básicos de Filosofia: dos Pré-Socráticos a Wittgenstein*. 2ª ed., rev. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 15 e 16.

A partir dos fragmentos selecionados, e considerando suas repercussões, assinale o que for **correto**.

- O fragmento B60 é o fundamento para considerar Heráclito de Éfeso defensor do imobilismo, teoria segundo a qual o ser é imóvel.
- Heráclito de Éfeso defende que o real resulta do embate e da conjunção de aspectos contrários ou contraditórios, os quais o constituem incessantemente.
- A teoria platônica das formas (ideias) reafirma a doutrina de Heráclito de que tudo flui, já que as formas estão sempre sujeitas ao movimento e ao vir-a-ser perpétuo.
- O fato de Heráclito se valer de paradoxos aponta para o que ele acreditava ser impossível: determinar uma causa material para explicar os fenômenos.
- Heráclito defende que o universo é caótico e que nenhum tipo de compreensão é possível.

Sendo V para a(s) afirmativa(s) verdadeira(s) e F para a(s) falsa(s), a sequência correta é:

- a) F – V – F – V -F;
- b) F – V – V – F -V;
- c) V – F – V – V -V;
- d) V – V – F – F – V;
- e) F – F – V -V -V -V.

5. Q (Ufu 2011) No pórtico da Academia de Platão, havia a seguinte frase: “não entre quem não souber geometria”. Essa frase reflete sua concepção de conhecimento: quanto menos dependemos da realidade empírica, mais puro e verdadeiro é o conhecimento tal como vemos descrito em sua Alegoria da Caverna.

“A ideia de círculo, por exemplo, preexiste a toda a realização imperfeita do círculo na areia ou na tábula recoberta de cera. Se traço um círculo na areia, a ideia que guia a minha mão é a do círculo



perfeito. Isso não impede que essa ideia também esteja presente no círculo imperfeito que eu tracei. É assim que aparece a ideia ou a forma.”

JEANNIÈRE, Abel. *Platão*. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. 170 p.

Com base nas informações acima, assinale a alternativa que interpreta corretamente o pensamento de Platão.

- a) A Alegoria da Caverna demonstra, claramente, que o verdadeiro conhecimento não deriva do “mundo inteligível”, mas do “mundo sensível”.
- b) Todo conhecimento verdadeiro começa pela percepção, pois somente pelos sentidos podemos conhecer as coisas tais quais são.
- c) Quando traçamos um círculo imperfeito, isto demonstra que as ideias do “mundo inteligível” não são perfeitas, tal qual o “mundo sensível”.
- d) As ideias são as verdadeiras causas e princípio de identificação dos seres; o “mundo inteligível” é onde se obtêm os conhecimentos verdadeiros.

Gabarito

- 1. B
- 2. C
- 3. C
- 4. B
- 5. E

Questões Comentadas

- 1. Q. (Banca VUNESP/2018 MT Aluno-oficial PM-SP)



Na obra *Teeteto*, Platão apresenta um método para auxiliar os jovens a examinar se suas opiniões são justificadas, analisando-as, verificando seus pressupostos, quais podem ser suas consequências e se conduzem a uma conclusão contraditória. Esse método se mostra especialmente importante quando se trata de verificar se opiniões são verdadeiras ou não. Segundo o método proposto por Platão, é correto afirmar que as opiniões

- (A) podem ser consideradas verdadeiras se são defendidas por uma autoridade política ou religiosa.
- (B) devem ser submetidas a uma verificação exaustiva antes de serem consideradas verdadeiras ou falsas.
- (C) devem ser consideradas falsas por princípio se forem repetidas por uma maioria que as defende.
- (D) podem ser logicamente consideradas verdadeiras e falsas ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto.
- (E) devem ser aceitas como verdadeiras caso seja impossível verificar ou justificar suas conclusões.

Gabarito: B

Comentário.

Letra a: errada. Na filosofia, o argumento de autoridade não tem validade. A opinião deve ser provada verdadeira pela força argumentativa de seus pressupostos.

Letra b: errada. Esse foi o método que Platão presenciou quando em companhia de seu mestre Sócrates e continuou defendendo, questionar exaustivamente e verificar as afirmações.

Letra c: errada. Essa é a definição de senso comum, algo contra o que a filosofia reage.

Letra d: errada. O pressuposto da coerência argumentativa é que algo não pode ser e não ser ao mesmo tempo.

Letra e: errada. Se não for possível verificar a informação, dir-se-á que a questão é indefinida.

2. Q. (Banca FCC/2018 Câmara Legislativa do Distrito Federal - Consultor)

Sócrates é um dos personagens mais conhecidos e influentes do pensamento ocidental. Embora não tenha deixado nada escrito, suas ideias foram redigidas por um de seus discípulos, Platão, que lhe atribui a seguinte máxima: “a única coisa que sei é que nada sei”. Com essa máxima, Sócrates expressa que o caminho do conhecimento

- a) é impossível e todo o saber possível é uma ilusão.
- b) depende da experiência e não de proposições teóricas.
- c) desconsidera a opinião sobre assunto que se ignora.



- d) pressupõe dar opinião sobre assunto que se ignora.
e) é limitado porque a razão humana não pode saber tudo.

Gabarito: C

Comentário.

Letra a: errada. Nessa frase, o autor reconhece sua ignorância, o defeito é seu, e não da impossibilidade de se conhecer algo de forma geral.

Letra b: errada. Sócrates dizia isso diante de discussões sobre conceitos, mas não para afirmar que a prática resolveria as questões, pelo contrário, ele se propunha a considerar ideias amplas, como sobre a justiça.

Letra c: correta. Sócrates quer dizer com essa frase que não dará opinião sobre algo que não conhece com profundidade.

Letra d: errada. Essa alternativa afirma o contrário do que defendia Sócrates. Nela se diz que se deve dar opinião mesmo sobre uma matéria ignorada.

Letra e: errada. . Sócrates não discutia a limitação do conhecimento.

3. Q. (Uel / Adaptada)

Que terá levado o homem, a partir de determinado momento de sua história, a fazer ciência teórica e filosofia? Por que surge no Ocidente, mais precisamente na Grécia do século VI a.C, uma nova mentalidade, que passa a substituir as antigas construções mitológicas pela aventura intelectual, expressa através de investigações científicas e especulações filosóficas?

(PESSANHA, J. A. M. Do Mito à Filosofia. In. *Os Pré-Socráticos*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996. p.5. Coleção “Os Pensadores”.)

Leia as afirmativas a seguir:

- I. No fragmento, o autor iguala filosofia e ciência, pois tais áreas do conhecimento podem ser consideradas sinônimas.
- II. As questões feitas no fragmento manifestam espanto diante um fato histórico: em determinado momento na Grécia, os homens deixaram de acreditar nos mitos e desenvolveram outras explicações.
- III. Nitidamente, há um julgamento de valor no fragmento, desvaloriza-se as construções mitológicas em detrimento da ciência e filosofia, pois as últimas permitem um perspectiva mais segura da realidade.
- IV. A nova mentalidade que dá início a aventura filosófica e científica, segundo o texto, refere-se à passagem da explicação teogônica para a explicação cosmogônica.



Estão corretas as afirmativas:

- a) I, II apenas.
- b) I, II e IV, apenas.
- c) II e IV apenas.
- d) I,III apenas.
- e) Todas estão corretas.

Gabarito: C

Comentário.

A afirmação I está errada. Filosofia e ciência não são iguais, têm métodos diferentes.

A afirmação II está correta. O texto começa com perguntas que não responde, apontando realmente para o espanto em torno dessa mudança de perspectiva que não parecida necessária.

A afirmação III está errada. Não há nenhuma expressão que demonstre julgamento de valor e, além disso, o texto fala da aventura da trajetória da ciência ou filosofia, isso é o contrário de uma “perspectiva mais segura da realidade”.

A afirmação IV está correta. São os pré-socráticos que dão início a essa mudança, eles deixam de lado as explicações a partir dos deuses (teogônicas) e passam a considerar a causa natural das coisas (cosmogônicas), o universo dá origem aos fenômenos.

4. Q (Uem 2017\ Adaptada) Em uma série de fragmentos, Heráclito de Éfeso (c. 540-c. 480 a.C.) legou à tradição filosófica ocidental uma explicação teórico-racional acerca da natureza do real e do vir-a-ser.

Considere os seguintes fragmentos do filósofo:

B49a: “Descemos e não descemos para dentro dos mesmos rios; somos e não somos”.

B10: “Correlações: completo e incompleto, concorde e discorde, harmonia e desarmonia, e todas as coisas, um, e de um, todas as coisas”.

B60: “O caminho para o alto e para baixo é um e o mesmo”.

MARCONDES, D. *Textos básicos de Filosofia: dos Pré-Socráticos a Wittgenstein*. 2ª ed., rev. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 15 e 16.



A partir dos fragmentos selecionados, e considerando suas repercussões, assinale o que for **correto**.

- () O fragmento B60 é o fundamento para considerar Heráclito de Éfeso defensor do imobilismo, teoria segundo a qual o ser é imóvel.
- () Heráclito de Éfeso defende que o real resulta do embate e da conjunção de aspectos contrários ou contraditórios, os quais o constituem incessantemente.
- () A teoria platônica das formas (ideias) reafirma a doutrina de Heráclito de que tudo flui, já que as formas estão sempre sujeitas ao movimento e ao vir-a-ser perpétuo.
- () O fato de Heráclito se valer de paradoxos aponta para o que ele acreditava ser impossível: determinar uma causa material para explicar os fenômenos.
- () Heráclito defende que o universo é caótico e que nenhum tipo de compreensão é possível.

Sendo V para a(s) afirmativa(s) verdadeira(s) e F para a(s) falsa(s), a sequência correta é:

- a) F - V - F - V -F;
- b) F - V - V - F -V;
- c) V - F - V - V -V;
- d) V - V - F - F - V;
- e) F - F - V -V -V -V.

Gabarito: B

Comentário.

A afirmação 1 é falsa. Heráclito é pensador que propõe que tudo muda, o caminho pode ser o mesmo, mas o movimento determina se se vai para baixo ou para o alto.

A afirmação 2 é verdadeira. O uso de paradoxos mostra que o autor considera o embate entre contrários como aquilo que leva à harmonia.

A afirmação 3 é falsa. Platão considera que o mundo das ideias é verdadeiro sempre, isso significa que ele não pode mudar. Heráclito defende que a verdade está na mudança.

A afirmação 4 é verdadeira. Heráclito acredita no movimento e não em um elemento material que constitua o universo, por isso ele se vale de paradoxos que demonstram que aquilo que agora existe daqui a pouco deixa de existir.



A afirmação é falsa. No fragmento B10, Heráclito diz “e todas as coisas, um, e de um, todas as coisas”, ou seja, é possível uma unidade, harmonia.

5. Q (Ufu 2011) No pórtico da Academia de Platão, havia a seguinte frase: “não entre quem não souber geometria”. Essa frase reflete sua concepção de conhecimento: quanto menos dependemos da realidade empírica, mais puro e verdadeiro é o conhecimento tal como vemos descrito em sua Alegoria da Caverna.

“A ideia de círculo, por exemplo, preexiste a toda a realização imperfeita do círculo na areia ou na tábula recoberta de cera. Se traço um círculo na areia, a ideia que guia a minha mão é a do círculo perfeito. Isso não impede que essa ideia também esteja presente no círculo imperfeito que eu tracei. É assim que aparece a ideia ou a forma.”

JEANNIÈRE, Abel. *Platão*. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. 170 p.

Com base nas informações acima, assinale a alternativa que interpreta corretamente o pensamento de Platão.

- a) A Alegoria da Caverna demonstra, claramente, que o verdadeiro conhecimento não deriva do “mundo inteligível”, mas do “mundo sensível”.
- b) Todo conhecimento verdadeiro começa pela percepção, pois somente pelos sentidos podemos conhecer as coisas tais quais são.
- c) Quando traçamos um círculo imperfeito, isto demonstra que as ideias do “mundo inteligível” não são perfeitas, tal qual o “mundo sensível”.
- d) As ideias são as verdadeiras causas e princípio de identificação dos seres; o “mundo inteligível” é onde se obtêm os conhecimentos verdadeiros.

Gabarito: B

Comentário.

Letra a: errada. Está escrito no fragmento “quanto menos dependemos da realidade empírica, mais puro e verdadeiro é o conhecimento”, ou seja, o verdadeiro conhecimento deriva do mundo das ideias.

Letra b: errada. Para Platão, o conhecimento adquirido pelo corpo é desprezível, é equivalente ao estar preso na caverna, no mundo das sombras.



Letra c: errada. No fragmento, está claro que a ideia que se tem de círculo é perfeita, a materialidade da areia é que não permite que o desenho seja perfeito.

Letra d: errada. A ideia expressa nessa alternativa fica clara no exemplo do círculo. É a ideia perfeita que leva ao desenho mesmo que ele não seja perfeito ao final da execução. As ideias são causas das coisas.

2.2.6 Quadro Sinóptico

Conhecer = adequação ao real / afirmação sobre o mundo deve ser verdadeira



Fonte: Showeet



Vocabulário da filosofia:

Idealismo: concepção filosófica que supõe que o mundo exterior só pode ser compreendido pelo esforço conceitual da mente.

Inatismo: concepção de que, ao nascermos, trazemos certos conceitos na mente (inato i= não, nato= o que nasce, ou seja, aquilo que não nasce porque já está dentro do indivíduo).

Realismo: o contrário do idealismo, supõe que a verdade está nos objetos da realidade e cabe ao intelecto percebê-los.

Patrística: Filosofia dos primeiros pais da Igreja, a razão é vista como aquilo que leva à fé.

Escolástica: Filosofia do final da Idade Média, sistematizada para ser ensinada nas Universidades; propunha a separação da fé e razão, mas sem que houvesse conflito entre elas.

3. INTRODUÇÃO À FILOSOFIA DA CIÊNCIA

Ao final desse tópico, você deve responder as seguintes questões:

Qual é o objeto da ciência ?

Qual é o método científico ?



No tópico anterior, na história da filosofia, eu parei por volta do Renascimento. É claro que a filosofia continuou, e como! Mas o que interessava, pelo que está no edital, é a história do nascimento dessa forma de pensar tão específica que ocorreu lá na Grécia. Para atender o edital, isso bastava, até porque, no Renascimento, um outro tipo de pensamento tem início, o pensamento científico.

E aqui entramos na segunda parte do Edital.

Mas afinal, o que é ciência? Ah, a resposta não deve ser tão difícil já que, ao falar sobre filosofia, fui fazendo algumas comparações com a ciência. A primeira observação não diz muito, etimologicamente ciência significa conhecimento. Bom, aí, você já sabe. Até mito pode ser um conhecimento. O que diferencia essa área de outras? O objeto e o método.



O objeto, nós já vimos qual é. A ciência se volta para o mundo físico. Sua finalidade é fazer afirmações sobre esse mundo que não sejam meras opiniões, mas que se mostrem adequadas a como o universo se comporta. No sentido de se desconfiar do senso comum, a ciência segue o mesmo caminho da filosofia. A resposta do senso comum não é válida a não ser que possa ser justificada por um método muito preciso e que tenha se mostrado eficiente.

Em ciência, queremos saber como cada coisa nesse mundo funciona: como as plantas se desenvolvem, qual a composição dos elementos, por que os objetos caem, por que temos febre etc. Essas perguntas podem ser respondidas através do mito, de credices e até de superstições. São respostas. Ou através do método científico, desenvolvido a partir de 1500 d. C.

Esse método tem uma história e, depois, vamos nos debruçar sobre ele. Por ora, precisamos é saber como é o método científico.

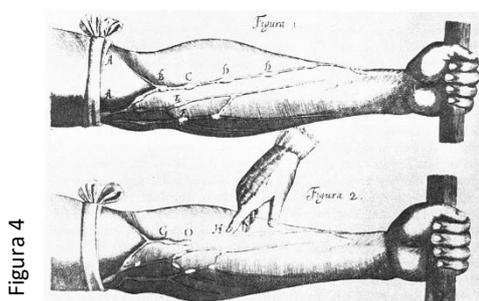


Image from Harvey's *Exercitatio*

Vamos considerar como exemplo, a descoberta do sistema circulatório do corpo humano, algo banal hoje em dia. Até 1600 d. C, acreditava-se na teoria de Galeano (131-201 d.C.). Para ele, o coração era simplesmente uma espécie de câmara de combustão que deveria aquecer o sangue. O pulmão era o responsável por fazer com que o sangue entrasse em contato com “espíritos vitais” que davam ânimo ao corpo. O sangue chegava a todo corpo num vai e vem como o das marés.

Mas, no início do século XVII, o inglês Willian Harvey descobriu que o coração tinha outra finalidade: bombear o sangue através das veias e artérias. Como ele descobriu isso?

O MÉTODO CIENTÍFICO

Ele desconfiou das ideias de Galeano		Questionamento
Observou animais abertos e o funcionamento do coração, observou que o coração era um músculo.		Observação

Levantou a hipótese de que o coração deveria ser uma espécie de bomba que servia para fazer circular o sangue.		Hipótese
Ele fez uma experiência: parou a circulação do sangue em um braço com um torniquete para provar que o sangue corria de forma circular.		Experimento:: provocar fenômenos em condições controladas (no laboratório, por exemplo)
E fez um cálculo matemático para provar que a teoria de Galeano era absurda.		Verificar em quantos casos os fenômenos esperados ocorrem. Levantamento estatístico.
Tendo feito isso, sua hipótese se tornou uma teoria.		Resultado final: a hipótese se torna uma teoria ou é descartada.

A ciência é, portanto, **um conhecimento ativo sobre o mundo**, pois ela se volta para a descoberta dos processos físicos para melhor se apropriar deles. Conhecendo o funcionamento do aparelho circulatório, foi possível desenvolver técnicas cirúrgicas para interferir em doenças do coração, por exemplo.

Tal conhecimento só pode se dar em torno de fenômenos que se repetem, ou seja, fenômenos regulares, pois atendem ao requisito daquela expressão estranha, o que é, é; o que não é, não é. A ciência só pode ter como matéria aquilo que apresenta algum tipo de coerência.

Fundamental para o desenvolvimento do método científico foi a validação da **indução** como forma de processar os dados e a **observação empírica** como forma de recolher informações. Para entender melhor isso, é preciso outra história.

3.1 História da Filosofia da Ciência: a contemplação

Quando esse olhar metódico sobre a natureza surge na história humana? Ah, nós já vimos. Surge como filosofia pré-socrática. Mas aquele tipo de conhecimento ainda não era a ciência que conhecemos hoje, porque ele era especulativo.

O que isso significa? Que eles observavam de fato a natureza, levantavam hipóteses que eram lógicas, dedutivas. Não se preocupavam em provar empiricamente a hipótese que levantaram. Além disso, era um conhecimento diletante. Segundo o dicionário Priberam on-line, essa palavra significa “Que ou quem se dedica a algo por prazer, e não como modo de ganhar a vida”. Aqueles filósofos eram



nobres que não precisavam ganhar a vida e, como não tinham nada para fazer, pensavam na vida, ou melhor, no mundo. O conhecimento para eles era uma marca de almas elevadas.

Veja que isso está muito distante da ciência moderna, que tem uma postura ativa. O conhecimento deve se tornar técnica e ajudar-nos a viver melhor na Terra.

Então vamos para uma rápida história da ciência nesse período em que predominava a contemplação como postura e a especulação dedutiva como método.



Nossa história, como já foi dito, começa lá com os Pré-socráticos, os pensadores que eram “pela” procura de um elemento que pudesse explicar a constituição material do universo e como ele funciona. O pai de todo esse movimento, **Tales** (século VII a.C) não só propôs a água como elemento fundamental (o que para nós parece bobagem) como também na matemática, campo do pensamento puro.

Mas foi **Pitágoras** (século VI a.C), outro grande pensador, que dará um passo importante dentro do pensamento científico grego. Ele elege a matemática como elemento primordial da formação do mundo.



Como assim, a matemática não tem materialidade, é puro pensamento?

Pois é, isso é para você perceber como essa ciência era especulativa. Pitágoras supunha que toda a ordem do universo seguia pressupostos matemáticos, a linguagem da natureza seria essa, portanto, ela seria um elemento primordial. Uma das formas que ele prova isso é através da música. Uma coisa sempre impressionou qualquer pensador: por que alguns sons são percebidos como barulhos e outros como música? Ele analisou as composições musicais a partir do instrumento lira, e percebeu que havia uma relação de proporcionalidade entre as cordas, uma era de um tamanho, a outra era $3/4$ desse tamanho a outra $1/2$ e assim por diante.

Ou seja, quando escutamos uma música, o que, lá fundo, nosso cérebro processa é a matemática. E aliás, você deve conhecer algo dele, pois foi quem formulou o célebre teorema de Pitágoras, que permite descobrir medidas de um triângulo. Na geometria, ainda outro pensador surge, **Euclides** (século III a.C), e estabelece os fundamentos da área do conhecimento: o ponto, a reta e o plano.

Outro monstro da ciência especulativa foi **Demócrito** (século V a.C), que introduziu a ideia de átomos, retomada posteriormente com muito sucesso.





Fonte: 5: Pixabay

Na Mecânica, surgiu **Arquimedes (século III a.C)**, responsável por aquela lei do empuxo que estudamos até hoje: força exercida por um fluido sobre um objeto mergulhado total ou parcialmente nele. A história é interessante. O rei havia pedido para o sábio que descobrisse se sua coroa era de ouro maciço ou se ele tinha sido enganado. Detalhe: ele não poderia derreter a peça. Com esse problema na cabeça, ele foi tomar banho e percebeu "um corpo imerso em um líquido irá flutuar, afundar ou ficar neutro de acordo com o peso do líquido deslocado por este corpo".

Aí foi só mergulhar na água um bloco de ouro que deveria ter a mesma massa da coroa e depois mergulhar a própria coroa e ele descobriu que... ela era uma fraude. Ah... ele também teria inventado a expressão "Eureka".

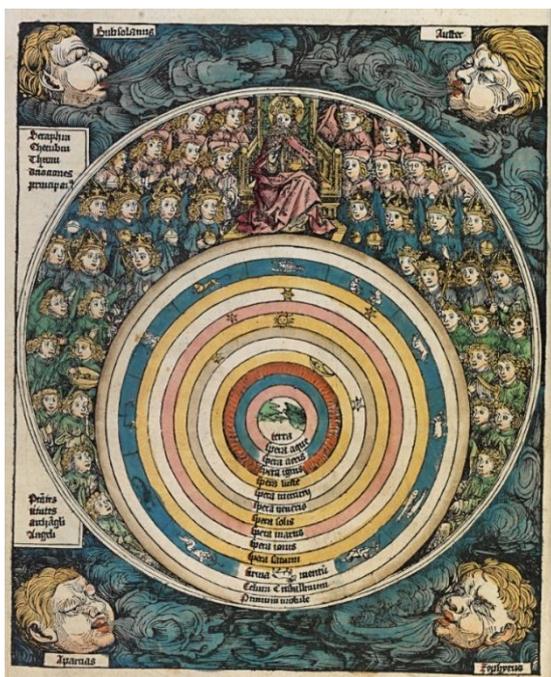
Na medicina, outro pensador famoso, **Hipócrates (século V a. C)**, formulou os pressupostos de uma medicina que perduraria por séculos. Ele tentou resolver o problema do que seria a doença. Sua resposta seria de acordo com a crença de cosmos ordenado dos gregos, doença é uma desarmonia. Ele percebeu que havia líquidos no corpo: sangue, fleuma (os líquidos transparentes e viscosos) e a bÍlis. Para seu modelo, ele imaginou que deveria haver um quarto líquido, não observável e que seria responsável pela melancolia: a bÍlis negra. Esses fluÍdos deveriam estar em doses certas. Por isso, muito tempo mais tarde, ainda se acreditava que, quando alguém estava doente, deveriam ser aplicadas sanguessugas para forçar o corpo a voltar à sua harmonia.

Mas quem vai definir o que será ciência durante os próximos séculos será **Aristóteles (século IV a.C)**. Esse pensador, já conhecido, amante da biologia, deu os primeiros passos para o que seria o método experimental. Ele acreditava que conhecer algo era saber sua essência, daí a necessidade de observar os animais para separá-los por espécies e defini-los bem, pois daí, seguindo um raciocínio dedutivo a partir do que o animal era, tornava-se possível conhecer a natureza.

Na física e na astronomia, ele deixou suas marcas. Aceitou a teoria dos quatro elementos, água, ar, terra e fogo, e supôs que o movimento era provocado pelo fato de esses elementos estarem à procura do lugar natural deles. Quando alguém solta uma pedra, ela cai, pois o seu lugar é embaixo. Isso revela algo muito importante dessa física aristotélica. Ele entende o universo como uma hierarquia de elementos. Cada coisa deveria estar no seu lugar.

Reelaborou as ideias de Eudoxo (século VI a.C). O universo seria finito limitado pela esfera do Céu. Fora disso, haveria absolutamente nada. A Terra seria o centro do universo envolta em sete círculos onde estão cravados os sete corpos celestes, Sol, Lua e os cinco planetas. Ao todo deveriam existir 55 esferas para que as ligações mecânicas pudessem ocorrer.

Hartmann Schedel. *Liber chronicarum* (fol. 5v). Xilogravura colorida à mão. Nuremberg, Anton Koberger, 1493.



Observe, novamente, como esse modelo era especulativo. Só para se ter uma ideia, eles não supunham a possibilidade de os movimentos dos astros ocorrerem em forma de elipse, pois tal forma geométrica não era perfeita como o círculo.

Em linhas gerais, essa ciência grega é que vai predominar até o Renascimento, quando começa de fato o que chamamos de ciência moderna.

3.2 História da Filosofia da Ciência: o saber ativo

Ao final desse tópico, você deve responder as seguintes questões:

**Como era a ciência no passado?
O que significava ciência contemplativa ?**



O Renascimento foi um movimento cultural, econômico que surgiu na Europa entre os séculos XIV e XVI, inspirado nos valores da Antiguidade (antropocentrismo e racionalismo). Esse movimento reformulou totalmente a forma de viver na Europa, dando início à Idade Moderna.

O comércio floresce na região a partir do século XIII, outra classe social torna-se um ator social importante, o burguês, e novas necessidades surgem, demandando respostas criativas e técnicas para situações, como a das navegações.

Dos séculos XIV ao XVI, toda uma nova cultura é criada no velho continente: novas artes, novos conhecimentos, novos métodos de abordar o real.

Surge, então, o primeiro "sábio" preocupado com a natureza, que vai revolucionar a forma de produzir conhecimento sobre o mundo: Galileu Galilei (1564-1642 d.C).

Antes de mais nada, vamos para o básico desse senhor que ousou descobrir mais do que devia. É sabido seu grande pecado, dizer que a Terra não é o centro do universo, pecado que demorou séculos para ser perdoado pela Igreja.

Ele aperfeiçoa lentes e faz um telescópio com o qual começa a observar as estrelas. Contraria Aristóteles em relação ao que o pensador havia falado sobre a lua e começa a questionar seriamente o geocentrismo. Valendo-se da observação da realidade, de instrumentos e de cálculos matemáticos, ele revoluciona o conhecimento e coloca novas questões para a Teoria do Conhecimento que só seriam sistematizadas mais tarde como Ciência. Mas o que havia de tão subversivo nessa forma de conhecer do italiano?



Abandonou o argumento de autoridade, do senso comum e desprezou a tradição.

Observou atentamente a realidade, valendo-se inclusive de instrumentos.

Programou e organizou o experimento com o objetivo de confirmar uma hipótese.

Usou a matemática como instrumento do conhecimento.

Valeu-se da lógica indutiva e não da dedutiva.

3.2.1 A nova organização do conhecimento: o método



Ao final desse tópico e dos dois posteriores (Bacon e Descartes), você deve responder as seguintes questões:

**Quais são as duas contribuições de Bacon?
Para que serve a dúvida em Descartes?
Qual é o método cartesiano?**

E, no princípio, Aristóteles criou o *Organon*, e o *Organon* criou o conhecimento. Este poderia ser o início mais sistematizado da história da Teoria do Conhecimento. Mas o que é esse tal de *Organon*? É o nome dado à reunião de textos sobre lógica do pensador grego. A palavra significa “instrumento”, pois era o meio pelo qual alguém poderia alcançar a verdade, já que estaria apto para conduzir bem o raciocínio.

Só que isso já não bastava para os novos tempos. A lógica aristotélica não impediu o desenvolvimento de um tipo de conhecimento baseado na tradição, típico da Idade Média e se mostrou estéril para a elaboração de técnicas que permitissem avançar no conhecimento do mundo. Na verdade, a união entre racionalismo antigo e teologia acabou redundando na Escolástica.

Essa forma de ciência baseava-se na tradição e no método dedutivo. Por conta disso, durante quase dois séculos, não se produziu conhecimento significativo. O Renascimento comercial precisava de outras



matrizes de conhecimento. O mundo que se descortinava era bastante diferente daquele que os livros desenhavam.

Surgiram pensadores maravilhosos, homens que mudaram a face da Europa: Copérnico, Galileu, Colombo, Paracelso etc. Não se apoiavam nos instrumentos do passado para suas grandes contribuições para a humanidade. Era preciso um novo Organon...

Figura : Pixabay



Mas qual foi a novidade que esses cientistas introduziram que revolucionou o conhecimento?

- A experimentação, o empirismo, a observação da realidade;
- O uso da matemática aplicada para a explicação dos fenômenos;

3.2.2 Francis Bacon

Francis Bacon ou Primeiro Visconde de Alban (1561-1626) foi um político, filósofo, cientista, que se notabilizou por se tornar um grande defensor da ciência, tanto que, para alguns, ele seria um dos fundadores da ciência moderna.

Entusiasta da nova forma de abordagem da realidade, esse inglês percebeu que seria preciso um novo instrumento, e, sendo assim, ele escreveu essa obra pretensiosa chamada *Novo Organon*. O inglês considerou a necessidade de se valer de exemplos negativos para poder confirmar uma nova teoria. De qualquer maneira, ele deixava explícito que a “nova onda” em relação ao conhecimento seria a aceitação da experiência. Por esse motivo, ele figura sempre ao lado dos grandes empiristas ingleses (autores que consideram a experiência determinante para o conhecimento).

Contudo, ele será lembrado muito mais pela campanha na qual se lançou contra as amarras que impediam o conhecimento científico de avançar. Já que na religião, a idolatria era um dos maiores pecados, o pensador valeu-se desse vocabulário para livrar os homens das imagens que os impediam de ver a realidade tal como ela era. Ele chamou os obstáculos para o conhecimento de ídolos. E ele enumerou 4 deles.



Figura : Shutterstock





Ídolos do Fórum

- Opiniões que têm origem no mal uso da palavra; a ciência define muito bem os termos dos quais vai se utilizar para evitar má compreensão.



Ídolos da Tribo

- Referem-se às ideias que adotamos por conveniência; pois nos são mais favoráveis. Surgem da tendência de preferirmos aderir a explicações mais simples, evitando análises mais trabalhosas. Além disso, tais ídolos nos permitem viver em harmonia com os nossos pares.



Ídolos da caverna

- Essa ideia Bacon recortou e colou de Platão mesmo. Trata-se das opiniões que desenvolvemos por confiar nos sentidos e nas ideias que deduzimos deles; tais ídolos nos levam a uma postura arrogante diante daquilo em que acreditamos.



Ídolos do teatro

- O teatro é o lugar onde somos simplesmente espectadores passivos; os ídolos do teatro referem-se às opiniões que adotamos por serem expressas por autoridades que nos impõem determinados pontos de vista.

Figuras: Pixabay

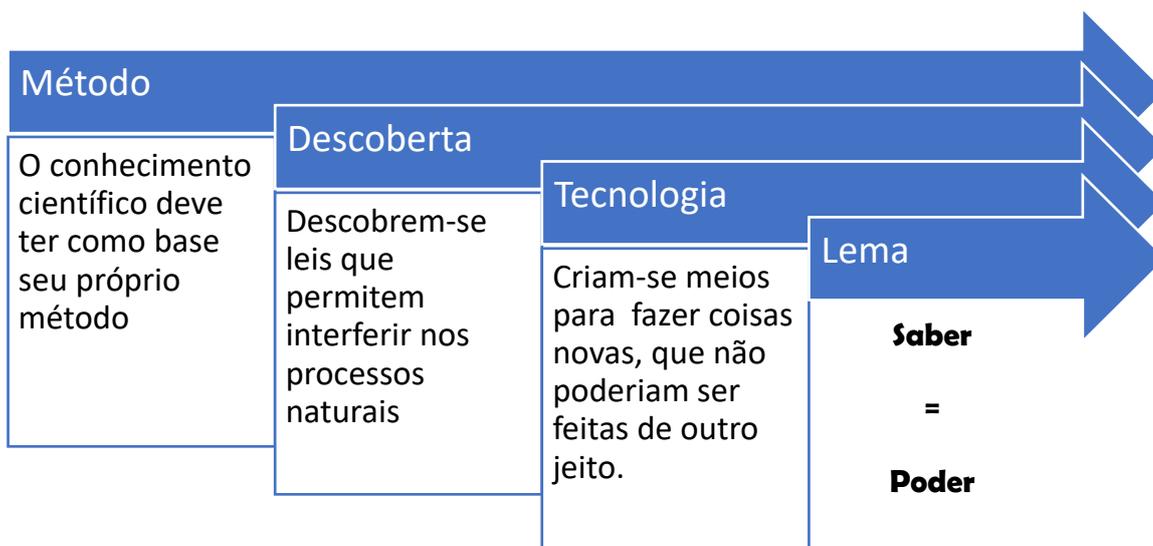
Como você pode perceber, o nosso querido Bacon ficou muito mais conhecido pelo seu esforço de proteger o novo tipo de conhecimento nascente do que por criar realmente o *Novo Organon*. Ao combater todo tipo de preconceito e de ideias do senso comum, ele deixava claro que era preciso que o campo do conhecimento fosse neutro, livre, no qual as pessoas pudessem expor opiniões inovadoras sem medo.

Há ainda um outro detalhe pelo qual Bacon se tornaria muito importante dentro da história da Filosofia. É dele a expressão:

Saber é poder

A conclusão advém do seguinte raciocínio:





Preste bem atenção nessa ideia: a ciência saía do patamar de conhecimento diletante, que serve apenas para matar a curiosidade, para o centro da atividade humana. A ciência agora tinha uma finalidade. Transformar a natureza.

3.2.3. Descartes: um método para chamar de seu

Já estamos adentrando o século XVI, muita coisa “rolou” nos 3 séculos anteriores que mudaram a cultura europeia e que compõem aquilo que chamamos de Renascimento. Essa mudança do pensamento foi muito radical e precisava ser sistematizada, se não, continuariam a ocorrer situações como as que levaram à excomunhão de Galileu Galilei em 1636. Era preciso que, na própria filosofia, houvesse alguém que pudesse lançar os fundamentos do que poderia ser chamado de “pensamento moderno”.



Mas o que é pensamento moderno?

Poxa, boa pergunta! Vou responder com uma questão, que tal?



Q. (Unesp 2013)

A modernidade não pertence a cultura nenhuma, mas surge sempre CONTRA uma cultura particular, como uma fenda, uma fissura no tecido desta. Assim, na Europa, a modernidade não surge como um desenvolvimento da cultura cristã, mas como uma crítica a esta, feita por indivíduos como Copérnico, Montaigne, Bruno, Descartes, indivíduos que, na medida em que a criticavam, já dela se separavam, já dela se desenraizavam. A crítica faz parte da razão que, não pertencendo a cultura particular nenhuma, está em princípio disponível a todos os seres humanos e culturas. Entendida desse modo, a modernidade não consiste numa etapa da história da Europa ou do mundo, mas numa postura crítica ante a cultura, postura que é capaz de surgir em diferentes momentos e regiões do mundo, como na Atenas de Péricles, na Índia do imperador Ashoka ou no Brasil de hoje.

(Antonio Cícero. Resenha sobre o livro “O Roubo da História”. Folha de S.Paulo, 01.11.2008. Adaptado.)

Com a leitura do texto, a modernidade pode ser entendida como

- a) uma tendência filosófica especificamente europeia e ocidental de crítica cultural e religiosa.
- b) uma tendência oposta a diversas formas de desenvolvimento da autonomia individual.
- c) um conjunto de princípios morais absolutos, dotados de fundamentação teológica e cristã.
- d) um movimento amplo de propagação da crítica racional a diversas formas de preconceito.
- e) um movimento filosófico desconectado dos princípios racionais do iluminismo europeu.

Comentário.

Essa questão dá uma boa medida do que chamamos de Modernidade na história do pensamento. É algo simples de se entender e extremamente complicado de se implantar, pois a Modernidade está sempre desafiando os poderes estabelecidos. Diz-se moderna essa nova postura que vai servir de base para sociedade europeia depois de 1500 d. C. Define-se pela não aceitação dos padrões estabelecidos a não ser que haja algum tipo de prova racional para sua aceitação.

Alternativa a falsa (segundo o texto de apoio). A ideia de modernidade relacionada à crítica cultural e religiosa aparece logo no primeiro período do texto: “A modernidade...surge sempre CONTRA uma cultura particular”, portanto, essa parte está correta. Contudo a alternativa afirma que se trata de uma tendência especificamente europeia, já o texto diz o contrário, que a “modernidade não consiste numa etapa da história da Europa ou do mundo” (eu discordo disso, mas enfim, para responder a questão, você deveria levar em consideração o fragmento).

Alternativa b, falsa. A autonomia individual é uma das características da filosofia Renascentista, baseada no antropocentrismo, que contaminou todo o pensamento posterior.



Alternativa c, falsa. O texto discute a cultura cristã dentro do contexto das descobertas científicas, e não no contexto da discussão do comportamento (moral).

Alternativa d, indeterminada. A crítica racional da modernidade se volta contra os preconceitos, pois eles são fundados na tradição; mas o texto fala da questão mais ampla, da cultura como um todo, ou seja, essa alternativa particulariza demais.

Alternativa e, falsa. No texto, há referências a autores que viveram no Renascimento ou foram influenciados por esse movimento histórico. O Iluminismo ocorreu quase dois séculos depois.

Gabarito: D (a menos pior)

Dentro desse contexto, Descartes “é o cara”. Ele foi o responsável por expressar filosoficamente de forma mais clara o rompimento com o pensamento anterior e lançou as bases para o cientificismo possível que viria a se desenvolver nos séculos seguintes. Na verdade, conseguiu expressar, em um sistema filosófico, o caldo cultural da sua época. Percebeu que mudanças radicais estavam em andamento e precisavam ser sistematizadas.

A grande questão que pairava sobre as cabeças dos pensadores do século XVI era: como garantir que aquele novo jeito de conhecer a realidade, aquela forma de pesquisar a *physis* inaugurada por Galileu, não seria também uma ilusão? Ora, tanto o mito quanto a tradição calcada na Bíblia eram formas de explicar a realidade, e, contudo, mostraram-se insuficientes ou produziram opiniões que não se adequavam à realidade. Vamos à pergunta que não queria calar: o que diferencia a ciência da tradição? O método. Descartes tentou explicitar que método era esse.

Antes que você se assuste diante de um problema que para você é fácil de resolver, lembre-se de que a ciência estava nascendo e os cientistas estavam experimentando formas de produzir conhecimento instintivamente, não tinham ainda chegado naquilo que para nós é até pueril, o método científico. Demandou muito tempo e discussão para que esse método pudesse ser assim definido como chegou para nós.

Descartes foi o pensador que deu uma boa formulação do que seria o novo método. Então começamos pelo nascimento do método.



Figura : Pixabay

Descartes: o homem...

"É preferível ter os olhos fechados, sem nunca tentar abri-los, do que viver sem filosofar".



René Descartes (1596 – 1650) nasceu em Haye, França. Estudou no colégio jesuíta no castelo de La Fleche. Depois, cursou Direito na Universidade de Poitiers. Essa experiência o deixou frustrado. Percebeu que o conhecimento adquirido não tinha aplicabilidade. Criticou a filosofia escolástica, a que era ensinada nas universidades e que derivava do esforço de pensadores como São Tomás de Aquino de conciliar filosofia e razão.

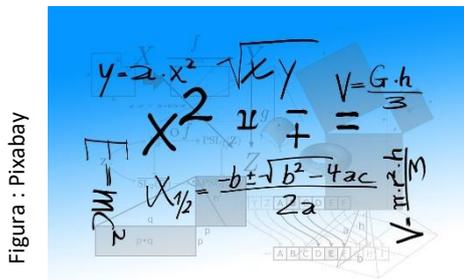


Figura : Pixabay

Ante os conhecimentos dúbios, como os da retórica ou mesmo os da filosofia antiga, o pensador francês defendia que a matemática era a única área do conhecimento humano de cujos resultados não se poderia duvidar. Não foi à toa, portanto, que ele se tornou matemático. Com 22 anos, época em que começou a formular as bases da geometria analítica, rompeu com a filosofia aristotélica e propôs

uma ciência unitária e universal.

Cansado das eternas discussões teóricas, alistou-se no exército de Maurício de Nassau em 1617, chegando a participar da Guerra dos Trinta Anos. Entre 1629 e 1649, viveu na Holanda. Sentiu na pele a oposição às novas ideias. Tinha em mente publicar uma obra em defesa do heliocentrismo, quando soube da condenação de Galileu pela inquisição. Desistiu de publicar seu “Tratado do Mundo”. Em 1641, publicou “Meditações Sobre a Filosofia Primeira”. Dois anos depois, aparecem as primeiras reações ao seu pensamento, o cartesianismo foi condenado pela Universidade de Utrecht.

A partir de 1644, Descartes começa a se corresponder com a rainha Cristina da Suécia, fato que o leva a aceitar o convite para ir para Estocolmo, onde falece devido a uma pneumonia.

Descartes: a dúvida...

Descartes elegeu a matemática como forma perfeita de conhecimento. Mas como passar da matemática, um conhecimento puramente teórico e abstrato, para a realidade física e, principalmente, humana, na qual múltiplas variáveis compõem um problema?

Ele parte da constatação de que os homens sempre acreditam que têm razão e de que a capacidade de raciocinar é uma das habilidades mais bem distribuídas entre os homens. Então, por que, frequentemente, eles falham nas suas opiniões? Por que chegam a conclusões enganosas? O primeiro passo para começar a pensar bem seria se desfazer de todas as opiniões que parecem nos dar certezas. Bacon tinha classificado 4 ídolos, que representavam motivos de erro e que deveriam ser demolidos. Descartes vai mais longe.

Em *Meditações Sobre a Filosofia Primeira*, Descartes expõe uma experiência um tanto quanto estranha. Vestido com um roupão, de frente para uma lareira, num chalé, como um perfeito vadio que podia se dar ao luxo de ficar sem fazer nada, ele resolve fazer uma introspecção doida tentando duvidar de tudo e arranjando argumento para tanto. Seu desafio, dele para ele mesmo, era: tentar achar algo do qual ele não pudesse duvidar. Seu instrumento: **dúvida hiperbólica ou dúvida metódica**.





Que argumentos eu teria para poder duvidar de que eu esteja aqui ao pé da lareira?

O primeiro argumento a favor da dúvida é o de que os sentidos enganam; o segundo, o de que ele poderia estar sonhando, já que não existe diferença entre percepção entre sonho e realidade quando se está dormindo; e o terceiro girava em torno da desconfiança de que Deus talvez não fosse tão ordeiro.

Veja bem, Descartes está demonstrando qual é o primeiro passo para o desenvolvimento do método: **DESCONFIE, DUVIDE!!!** Mesmo que dúvida não pareça fazer sentido.

Alguns acusaram Descartes de **ceticismo**. E estamos diante de uma palavra que, em filosofia, você precisa conhecer. Diz-se cético daquele que dúvida de tudo. No caso de Descartes, isso não é verdade. Ele dúvida para chegar a uma verdade, aquilo sobre o qual não se pode duvidar. Seu ceticismo é parcial. Ele duvida com a finalidade de encontrar uma base sólida para o novo conhecimento que está sendo formatado.

Descartes: a certeza...

Você deve estar se perguntando onde Descartes chegou com essa viagem toda. Ele chegou a isto. *Cogito* é uma palavra latina para designar a frase inteira, "Cogito ergo sum", cuja tradução é "penso, logo existo". A finalidade dessa certeza para Descartes seria a de estabelecer uma ideia indubitável sobre a qual seria possível construir o edifício do novo conhecimento.

Ele poderia se enganar em relação aos sentidos, em relação ao lugar que ele ocupava no mundo e em relação aos pensamentos matemáticos, mas jamais poderia se enganar em relação ao pensamento. Seria impossível acreditar que estava pensando quando, na verdade, era outra pessoa que estava pensando, fazendo-o imaginar que o processo especulativo era dele.

O conteúdo do pensamento poderia ser falso, como muitas vezes é, ele poderia pensar que vacas voam, mas não poderia negar que estaria pensando ao pensar isso. Dessa maneira, Descartes sagra o sujeito pensante como aquele que é capaz de chegar a verdades se tiver muito cuidado com aquilo que pensa. Como ter certeza de que não se cometeu um erro no momento em que alguém elabora uma ideia sobre o mundo?

Finalmente o método

Toda essa experiência de Descartes permitiu que ele estabelecesse o método para se chegar à verdade. Ele se inspirou no método geométrico. Vamos recapitular.

Ele se isolou para começar suas meditações, depois duvidou de tudo, chegou a uma hipótese (cogito), a partir daí encontrou uma ideia clara e distinta na sua mente, o que lhe permitiu reconstituir toda a cadeia de explicação.



Figura : Pixabay

Ele expôs o seu método da seguinte forma:

- ✓ Aceitar somente como verdadeiro o que for claro e distinto (utilizar a dúvida hiperbólica como uma espécie de ácido para eliminar o que pode ser duvidado e deixar só o indubitável como matéria de estudo).
- ✓ Dividir o que vai ser estudado, resolvendo cada parte isoladamente (análise).
- ✓ Integrar as partes estudadas (síntese).
- ✓ Enumerar o processo, revisando o que foi feito.

É incrível como esse método se aproxima da matemática. Veja, se você está diante de uma equação, o que você deve fazer? Separar cada uma das partes, resolvê-las individualmente, depois fazer a operação com os resultados parciais a que você chegou e fazer a operação final. Depois de resolvida, você deve rever para ter certeza de que não se perdeu no caminho.



Ué, se esse é o método da matemática, por que é tão incrível?

Ora, esse método era restrito à matemática. A novidade de Descartes é que ele trouxe o método para as outras áreas do conhecimento. Pense um pouco na medicina. Como se faz ciência nessa área? Primeiro se divide o corpo em partes, estuda-se cada parte e acredita-se que daí é possível entender o funcionamento do corpo humano como um todo.

Essa ideia de que a realidade pode ser decomposta em partes chama-se **mecanicismo**. Parte-se do pressuposto de que o universo funciona como um relógio e, para entender como ele funciona, deve-se decompor cada engrenagem e estudá-la.

Atenção: você deve ter percebido que o método cartesiano não traduz ainda o método científico. Faltam-lhe o empirismo, a experimentação. O pensador francês acreditava que se aprendêssemos a bem conduzir o raciocínio, seria possível encontrar verdades universais. O método científico tem alguns traços da proposta cartesiana: dúvida, análise, síntese etc, mas inclui a experiência, o que o diferencia ligeiramente do método cartesiano.

Do que mais você precisa saber..



Descartes é **racionalista**, isso significa que ele valoriza a razão (capacidade de encadear ideias segundo procedimentos pré-determinados que lembram o cálculo matemático). Ele estipulou o seguinte critério de verdade: aquilo que for pensado de forma clara e distinta deve ser verdadeiro. O racionalismo levou o filósofo a postular que haveria um tronco comum para o conhecimento humano, a *Mathesis Universalis*.

3.3 As mais recentes concepções da ciência

Devido a todo esse caminho da Teoria do Conhecimento, a perspectiva em relação ao que é conhecer e às possibilidades de se poder conhecer a realidade se alteraram no século XX. As críticas feitas à ciência, a admissão de limites e os resultados éticos da aplicação da tecnologia dividiram os filósofos e cientistas quanto ao significado da ciência.

Desenvolveram-se 4 perspectivas em relação ao conhecimento: positivista, realista, pragmática e relativista.

Positivista: acredita no **progresso científico**, que uma teoria nova deve conter a antiga, que esse processo é cumulativo; cultiva a observação e é contrária à causalção.

Realista: mantém a ideia tradicional de que a ciência, a cada nova teoria, **aproxima-se mais do real** e que se pode fazer uma boa **correspondência** entre a hipótese e o objeto; as teorias devem ter como referência os fenômenos e podem ser rechaçadas as que não cumprem esse papel.

Pragmática: não dá crédito à concepção de correspondência entre teoria e realidade; a verdade é o que o método científico estabelece; real é aquilo que uma comunidade científica determina que seja; procuram-se atingir as finalidades da ciência. A ciência é dinâmica e provisória. Sua finalidade é estabelecer um bom grau de predição e de capacidade manipulativa da natureza.

Relativista: parte da ideia de que a ciência é uma entre outras formas de descrever a realidade e não há possibilidade de saber se é a mais verdadeira; trata-se de uma percepção social.

Dentro desse quadro, dois filósofos se destacaram no século XX.

Popper



Karl Popper (1902-1994), geralmente associado ao Positivismo, é considerado um dos maiores filósofos da ciência do século XX. Ele rejeitou o empirismo clássico baseado na observação e na indução. Desde o avanço da ciência, o raciocínio se pautava na observação dos fenômenos, na estatística das ocorrências para daí estabelecer uma tese. A indução não é um sistema seguro. Não é porque nunca vimos um coelho cor de rosa que ele não possa existir.

Argumentou que as teorias são sempre provisórias. Elas devem prevalecer enquanto não forem contrariadas pelos fatos ou por outras teorias. Já que não é possível provar com certeza a infalibilidade de uma teoria, então o meio para acitá-la é confrontá-la com aquilo que poderia falseá-la (falseabilidade). Uma observação que negue uma teoria pode derrubá-la, enquanto indefinidas observações que reforçam uma teoria jamais provarão que ela é verdadeira.

Kuhn

Thomas Kuhn (1922-1996) nasceu nos EUA e formou-se em Física por Harvard. Tornou-se historiador da ciência. Ele privilegiou o contexto social de descobertas científicas, destacando os aspectos psicológicos, sociológicos e históricos como sendo importantes para a fundamentação do conhecimento de dada época. Para ele, a ciência não é progressiva, mas desenvolve-se em quadros, ou unidades amplas de metodologia que marcam tanto o avanço naquele sentido, quanto os limites do que a comunidade científica irá aceitar. A essa unidade metodológica de grande alcance ele chamou de **paradigma**.

Para ele, pode-se numerar 6 fases.

1. Estabelecimento de um paradigma
2. Ciência Normal (em que as pesquisas e o avanço da ciência se dão dentro do paradigma)
3. Crise (percebe-se que o paradigma não dá conta de vários fenômenos)
4. Ciência Extraordinária (criam-se paradigmas concorrentes)
5. Revolução científica (um dos paradigmas substitui o anterior)
6. Estabelecimento de um novo paradigma

Pode-se tomar como exemplo o aristotelismo, que perdurou até o Renascimento. A partir do momento que o conhecimento necessário se tornou insuficiente devido às grandes navegações, por exemplo, as teorias existentes dentro desse paradigma não deram conta da realidade. Tal paradigma entrou em crise, e Galileu forneceu um novo paradigma que vai circunscrever a ciência nos próximos séculos.

Se a ciência se desenvolve a partir de paradigmas, ela não é progressiva e tampouco marcada pela isenção objetivista. Ela é determinada por limites explicativos que são aceitos em determinada época.

A ciência nas mãos de Kuhn ganha ares de um mito social particular que funciona durante algum tempo para ser substituído por outro.



3.4. Questões de fixação

1. Q. (Banca VUNESP/2018 MT Aluno-oficial PM-SP)

“A ciência, tanto por sua necessidade de coroamento como por princípio, opõe-se absolutamente à opinião. Se, em determinada questão, ela legitimar a opinião, é por motivos diversos daqueles que dão origem à opinião; de modo que a opinião está, de direito, sempre errada. A opinião *pensa* mal; não *pensa*: *traduz* necessidades em conhecimentos. Ao designar os objetos pela utilidade, ela se impede de conhecê-los. Não se pode basear nada na opinião: antes de tudo, é preciso destruí-la. Ela é o primeiro obstáculo a ser superado. Não basta, por exemplo, corrigi-la em determinados pontos, mantendo, como uma espécie de moral provisória, um conhecimento vulgar provisório. O espírito científico proíbe que tenhamos uma opinião sobre questões que não compreendemos, sobre questões que não sabemos formular com clareza”.

(Gaston Bachelard, *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996)

O excerto discute uma questão de ordem epistemológica que atravessa, em certa medida, a história da filosofia. No entender do autor, a ciência

- (A) é habitualmente desviada de seu caminho necessário pela opinião pública.
- (B) confirma a racionalidade estrita dos postulados baseados na opinião.
- (C) é contrária à opinião, pois visa produzir conhecimentos úteis à humanidade.
- (D) opõe-se à opinião, pois suas teses não são formuladas espontaneamente.
- (E) contradiz a opinião porque parte de hipóteses baseadas no senso comum.

2. Q.(Enem/2013)

Os produtos e seu consumo constituem a meta declarada do empreendimento tecnológico. Essa meta foi proposta pela primeira vez no início da Modernidade, como expectativa de que o homem poderia dominar a natureza. No entanto, essa expectativa, convertida em programa anunciado por pensadores como Descartes e Bacon e impulsionado pelo Iluminismo, não surgiu “de um prazer de poder”, “de um mero imperialismo humano”, mas da aspiração de libertar o homem e de enriquecer sua vida, física e culturalmente.

CUPANI, A. A tecnologia como problema filosófico: três enfoques, **Scientiae Studia**. São Paulo, v. 2 n. 4, 2004 (adaptado).

Autores da filosofia moderna, notadamente Descartes e Bacon, e o projeto iluminista concebem a ciência como uma forma de saber que almeja libertar o homem das intempéries da natureza. Nesse contexto, a investigação científica consiste em

- a) expor a essência da verdade e resolver definitivamente as disputas teóricas ainda existentes.
 - b) oferecer a última palavra acerca das coisas que existem e ocupar o lugar que outrora foi da filosofia.
 - c) ser a expressão da razão e servir de modelo para outras áreas do saber que almejam o progresso.
 - d) explicitar as leis gerais que permitem interpretar a natureza e eliminar os discursos éticos e religiosos.
 - e) explicar a dinâmica presente entre os fenômenos naturais e impor limites aos debates acadêmicos.
-



3 Q. (Upe-ssa 3 2018)

Considere o texto a seguir sobre o paradigma da Modernidade.



Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=Revolução+científica>

Não nos esqueçamos de outra não menos importante verdade histórica: a Revolução Científica foi profetizada por Bacon, realizada por Galileu, tematizada por Descartes, mas só concluída e sistematizada por Newton.

(JAPIASSU, Hilton. *Como Nasceu a Ciência Moderna*. Rio de Janeiro: Imago, 2007, p. 112. Adaptado.)

O autor acima retrata, com singularidade, alguns dos expoentes do pensamento moderno. Sobre esse assunto, assinale a alternativa **CORRETA**.

- a) Com a revolução galileana, a teologia ganha sua autonomia, libertando-se da ciência.
- b) O pensamento cartesiano adota uma atitude de dúvida metódica para bem conduzir a razão e procurar a verdade nas ciências.
- c) Galileu Galilei foi o verdadeiro fundador do método indutivo na ciência da matemática.
- d) A ciência para Francis Bacon é teórica e contemplativa, tendo o filósofo profetizado o papel da religiosidade no marco da cientificidade.
- e) O pensamento newtoniano, com direcionamento na física e na matemática, não foi um marco essencial para a história e para a filosofia da ciência.

4. Q (UEL 2009)

De há muito observara que, quanto aos costumes, é necessário às vezes seguir opiniões, que sabemos serem muito incertas, tal como se fossem indubitáveis [...]; mas, por desejar então ocupar-me somente com a pesquisa da verdade, pensei que era necessário agir exatamente ao contrário, e rejeitar como absolutamente falso tudo aquilo em que pudesse imaginar a menor dúvida, a fim de ver se, após isso, não restaria algo em meu crédito, que fosse inteiramente indubitável [...] E, tendo notado que nada há no eu penso, logo existo, que me assegure de que digo a verdade, exceto que vejo muito claramente que, para pensar, é preciso existir,

julguei poder tomar como regra geral que as coisas que concebemos mui clara e mui distintamente são todas verdadeiras [...].

(DESCARTES, R. Discurso do Método. Quinta Parte. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 46-47.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o pensamento de Descartes, é correto afirmar.

- a) A dúvida metódica permitiu a Descartes compreender que todas as ideias verdadeiras procedem, mediata ou imediatamente, das impressões de nossos sentidos e pela experiência.
- b) A clareza e a distinção das ideias verdadeiras representam apenas uma certeza subjetiva, além da qual, apesar da radicalização da dúvida metódica, não se consegue fundamentar a objetividade da certeza científica.
- c) Somente com o cogito, a concepção cartesiana das ideias claras e distintas, inatas ao espírito humano, garante definitivamente que o objeto pensado pelo sujeito é determinado pela realidade fora do pensamento.
- d) Do exercício da dúvida metódica, no itinerário cartesiano, a certeza subjetiva do cogito constitui a primeira verdade inabalável e, portanto, modelo das ideias claras e distintas.
- e) A dúvida cartesiana, convertida em método, rende-se ao ceticismo e demonstra a impossibilidade de qualquer certeza consistente e definitiva quanto à capacidade do intelecto de atingir a verdade.

Gabarito

1.D

2.C

3.B

4.D

Questões comentadas

1. Q. (Banca VUNESP/2018 MT Aluno-oficial PM-SP)

“A ciência, tanto por sua necessidade de coroamento como por princípio, opõe-se absolutamente à opinião. Se, em determinada questão, ela legitimar a opinião, é por motivos diversos daqueles que dão origem à opinião; de modo que a opinião está, de direito, sempre errada. A opinião *pensa* mal; não *pensa*: *traduz* necessidades em conhecimentos. Ao designar os objetos pela utilidade, ela se impede de conhecê-los. Não se pode basear nada na opinião: antes de tudo, é preciso destruí-la. Ela é o primeiro obstáculo a ser superado. Não basta, por exemplo, corrigi-la em determinados pontos, mantendo, como uma espécie de moral provisória, um conhecimento vulgar provisório. O espírito científico proíbe que tenhamos uma opinião sobre questões que não compreendemos, sobre questões que não sabemos formular com clareza”.

(Gaston Bachelard, *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996)



O excerto discute uma questão de ordem epistemológica que atravessa, em certa medida, a história da filosofia. No entender do autor, a ciência

- (A) é habitualmente desviada de seu caminho necessário pela opinião pública.
- (B) confirma a racionalidade estrita dos postulados baseados na opinião.
- (C) é contrária à opinião, pois visa produzir conhecimentos úteis à humanidade.
- (D) opõe-se à opinião, pois suas teses não são formuladas espontaneamente.
- (E) contradiz a opinião porque parte de hipóteses baseadas no senso comum.

Gabarito: D.

Letra a: errada. A ciência não deve se deixar levar pela opinião pública, diz o texto : opõe-se absolutamente à opinião".

Letra b: errada. Confirmar os postulados baseados na opinião é o mesmo que dizer que a ciência se baseia na opinião, ideia que o texto contraria.

Letra c: errada. O texto diz que quem se pauta pela opinião é que busca utilidade nas coisas, isso está expresso no seguinte trecho: ". (A opinião) ao designar os objetos pela utilidade, ela se impede de conhecê-los".

Letra d: correta. O autor afirma que a " A opinião *pensa* mal; não *pensa*", ou seja, ela é caracterizada pela espontaneidade e por isso o autor diz que ciência não deve considerá-la.

Letra e: errada. Opinião e senso comum são a mesma coisa.

2. Q.(Enem/2013)

Os produtos e seu consumo constituem a meta declarada do empreendimento tecnológico. Essa meta foi proposta pela primeira vez no início da Modernidade, como expectativa de que o homem poderia dominar a natureza. No entanto, essa expectativa, convertida em programa anunciado por pensadores como Descartes e Bacon e impulsionado pelo Iluminismo, não surgiu "de um prazer de poder", "de um mero imperialismo humano", mas da aspiração de libertar o homem e de enriquecer sua vida, física e culturalmente.

CUPANI, A. A tecnologia como problema filosófico: três enfoques, **Scientiae Studia**. São Paulo, v. 2 n. 4, 2004 (adaptado).

Autores da filosofia moderna, notadamente Descartes e Bacon, e o projeto iluminista concebem a ciência como uma forma de saber que almeja libertar o homem das intempéries da natureza. Nesse contexto, a investigação científica consiste em

- a) expor a essência da verdade e resolver definitivamente as disputas teóricas ainda existentes.
- b) oferecer a última palavra acerca das coisas que existem e ocupar o lugar que outrora foi da filosofia.



- c) ser a expressão da razão e servir de modelo para outras áreas do saber que almejam o progresso.
- d) explicitar as leis gerais que permitem interpretar a natureza e eliminar os discursos éticos e religiosos.
- e) explicar a dinâmica presente entre os fenômenos naturais e impor limites aos debates acadêmicos.

Gabarito: C

Comentário.

Alternativa a, falsa. Segundo os autores, a finalidade de Bacon e Descartes é prática e não simplesmente “resolver definitivamente as disputas teóricas ainda existentes”.

Alternativa b, falsa. A ciência não pretende dizer o que as coisas são (“a última palavra acerca das coisas que existem”), mas explicar os fenômenos relacionados aos objetos para poder controlá-los.

Alternativa c, verdadeira. Tanto Bacon como Descartes acreditavam que o conhecimento metódico era a forma mais bem acabada da razão e poderia ser utilizado para analisar todo tipo de objeto que se oferece ao entendimento humano (“servir de modelo para outras áreas do saber que almejam o progresso”).

Alternativa d, falsa. Os dois autores não queriam “eliminar os discursos éticos”.

Alternativa e, falsa. Eles não queriam só “explicar a dinâmica” dos fenômenos, eles queriam um conhecimento que permitisse o controle da natureza.

3 Q. (Upe-ssa 3 2018)

Considere o texto a seguir sobre o paradigma da Modernidade.



Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=Revolução+científica>

Não nos esqueçamos de outra não menos importante verdade histórica: a Revolução Científica foi profetizada por Bacon, realizada por Galileu, tematizada por Descartes, mas só concluída e sistematizada por Newton.

(JAPIASSU, Hilton. *Como Nasceu a Ciência Moderna*. Rio de Janeiro: Imago, 2007, p. 112. Adaptado.)

O autor acima retrata, com singularidade, alguns dos expoentes do pensamento moderno. Sobre esse assunto, assinale a alternativa **CORRETA**.

- a) Com a revolução galileiana, a teologia ganha sua autonomia, libertando-se da ciência.
- b) O pensamento cartesiano adota uma atitude de dúvida metódica para bem conduzir a razão e procurar a verdade nas ciências.
- c) Galileu Galilei foi o verdadeiro fundador do método indutivo na ciência da matemática.
- d) A ciência para Francis Bacon é teórica e contemplativa, tendo o filósofo profetizado o papel da religiosidade no marco da cientificidade.
- e) O pensamento newtoniano, com direcionamento na física e na matemática, não foi um marco essencial para a história e para a filosofia da ciência.

Gabarito: B

Comentário.

Alternativa a, falsa. Não é a teologia que ganhou autonomia, mas a ciência.

Alternativa b, verdadeira. O método em Descartes começa com a dúvida que deve ser exercida até encontrar um solo seguro para a construção do conhecimento.

Alternativa c, falsa. Galileu se valeu sobretudo do método **indutivo** e não do dedutivo.

Alternativa d, falsa. Bacon defendia a ciência prática e procurou resguardar a ciência nascente das críticas da religião.

Alternativa e, falsa. As descobertas de Newton alteraram os caminhos da física e da filosofia, essa alternativa nega isso.

4. Q (UEL 2009)

De há muito observara que, quanto aos costumes, é necessário às vezes seguir opiniões, que sabemos serem muito incertas, tal como se fossem indubitáveis [...]; mas, por desejar então ocupar-me somente com a pesquisa da verdade, pensei que era necessário agir exatamente ao contrário, e rejeitar como absolutamente falso tudo aquilo em que pudesse imaginar a menor dúvida, a fim de ver se, após isso, não restaria algo em meu crédito, que fosse inteiramente indubitável [...] E, tendo notado que nada há no eu penso, logo existo, que me assegure de que digo a verdade, exceto que vejo muito claramente que, para pensar, é preciso existir, julguei poder tomar como regra geral que as coisas que concebemos mui clara e mui distintamente são todas verdadeiras [...].

(DESCARTES, R. Discurso do Método. Quinta Parte. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 46-47.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o pensamento de Descartes, é correto afirmar.

- a) A dúvida metódica permitiu a Descartes compreender que todas as ideias verdadeiras procedem, mediata ou imediatamente, das impressões de nossos sentidos e pela experiência.
- b) A clareza e a distinção das ideias verdadeiras representam apenas uma certeza subjetiva, além da qual, apesar da radicalização da dúvida metódica, não se consegue fundamentar a objetividade da certeza científica.



c) Somente com o cogito, a concepção cartesiana das ideias claras e distintas, inatas ao espírito humano, garante definitivamente que o objeto pensado pelo sujeito é determinado pela realidade fora do pensamento.

d) Do exercício da dúvida metódica, no itinerário cartesiano, a certeza subjetiva do cogito constitui a primeira verdade inabalável e, portanto, modelo das ideias claras e distintas.

e) A dúvida cartesiana, convertida em método, rende-se ao ceticismo e demonstra a impossibilidade de qualquer certeza consistente e definitiva quanto à capacidade do intelecto de atingir a verdade.

Gabarito: D

Comentário.

Alternativa a, falsa. Para se chegar ao cogito (“penso, logo existo”), Descartes teve que abstrair das sensações.

Alternativa b, falsa. A clareza e a distinção são para Descartes os critérios de verdade objetiva, ou seja, algo que deve ser reconhecido por toda pessoa que use bem o seu raciocínio.

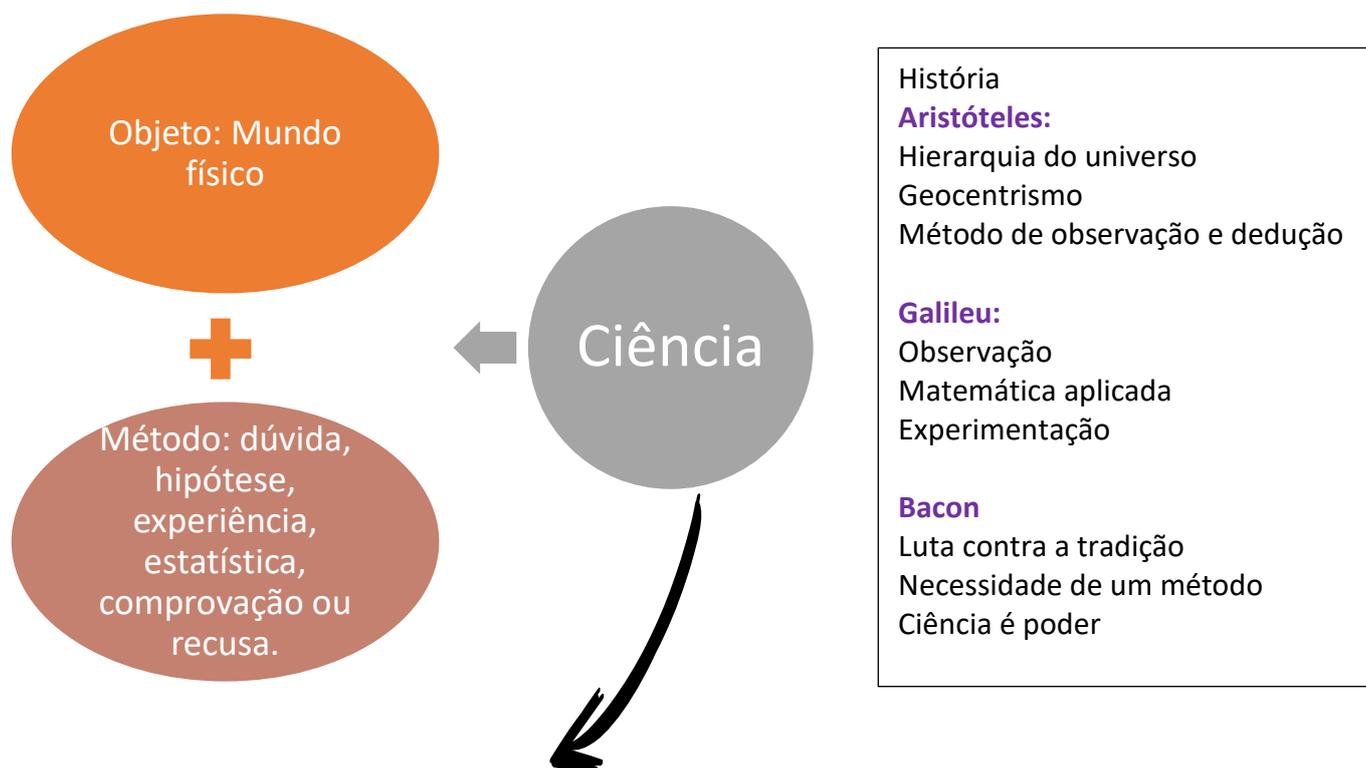
Alternativa c, falsa. O cogito não garante “que o objeto pensado pelo sujeito é determinado pela realidade fora do pensamento”, garante que aquilo que o sujeito pensar sobre o objeto deve ser verdadeiro.

Alternativa d, verdadeira. Descartes, ao chegar ao “penso, logo existo”, estabelece a primeira ideia indubitável sobre a qual se pode edificar todo o conhecimento humano.

Alternativa e, falsa. O cético não chega à verdade nenhuma, Descartes usa a dúvida somente como instrumento; ao chegar ao cogito ele para de duvidar.

Gabarito: D

3.5. Quadro Sinóptico



PASSADO	PRESENTE
Dedutiva	Indutiva
Contemplativa	Ativa
Matemática pura	Matemática aplicada
Pouco experimental	Experimental como método
Finalidade: conhecer	Finalidade: alterar o mundo

Descartes:

Dúvida hiperbólica: duvidar para destruir opiniões, deve ser exagerada.

Cogito: “Penso, logo existo”, o indivíduo racional e pensante é a base do conhecimento.

Método: Um percurso a ser adotado para não errar ao construir o pensamento, tem 4 passos – duvidar, analisar, fazer a síntese e depois conferir o processo.

Parâmetro de verdade: aquilo que for claro e distinto deverá ser verdadeiro.

Vocabulário da filosofia:

Ceticismo: concepção filosófica que pressupõe a impossibilidade do conhecimento e, portanto, vale-se da dúvida em relação a qualquer afirmação de verdade.

Racionalismo: qualquer doutrina que privilegia os processos argumentativos racionais em detrimento da experiência.

4. O INTELLECTO: EMPIRISMO E CRITICISMO.



Ao final desse tópico e do próximo (John Locke), você deve responder as seguintes questões:

O que é Empirismo?

O que significa “a mente uma folha em branco?”

No Edital, essa parte aparece depois do item 1.4. Introdução à Filosofia da Arte. Acredito que essa organização não é muito didática. Empirismo e criticismo são categorias da filosofia do conhecimento e não da filosofia da arte, portanto, vamos seguir nessa toada e fechar parte do que se pede no edital discutindo os três conceitos. Na verdade, somente o último deve ser estranho para você, pois os outros dois já foram trabalhados de alguma forma neste pdf. Intellecto refere-se à capacidade de elaborar ideias



conceituais sobre o mundo, o que, de alguma maneira, relaciona-se com a razão. Há uma sutil diferença entre intelecto e razão.

Razão, já vimos, é a organização lógica e sistemática das ideias; o intelecto refere-se à habilidade que o indivíduo tem de apreender a razão. Do ponto de vista do intelecto, a pergunta que se faz é: como apreendemos a ordem que há no mundo?



Idealismo é a postura de Platão, teoria para qual, hoje, não se dá muito valor. O racionalismo já discutimos bastante, afinal, tanto Aristóteles quanto Descartes eram racionalistas. Falta falar um pouco do empirismo.

4.1 Empirismo

Olhando o material de matemática, alguém desavisado pode encontrar questões como a seguinte: “Maria tem 5 blusas e 2 calças”. De quantas maneiras diferentes ela pode se vestir?” Primeiramente, é de bom senso nem se questionar por que Maria gostaria de usar todas as possibilidades, afinal, algumas delas, sem dúvida, representariam um atentado contra o bom gosto.

Passando dessa crítica, pode-se perceber que há duas maneiras de se resolver a questão. Fazendo um cálculo fatorial ou fazendo a combinação na prática, experimentar uma a uma das possibilidades e ir contando. O primeiro método é racionalista; o segundo, empirista. Descartes acreditava no primeiro. Por sua experiência matemática, ele acreditava que o racionalismo da matemática poderia se estender para outras esferas.

Contudo, sua concepção encontra resistência da própria “empíria”, palavra que significa “acontecimentos conhecidos através da experiência”. Os avanços da ciência já em sua época não dispensavam a empiria em alguma medida. Por conta disso, vários filósofos se opuseram ao racionalismo exagerado de Descartes, sobretudo os ingleses.

Surge na “ilha”, como os europeus costumavam chamar a Inglaterra, uma tradição de filósofos que duvidavam de qualquer tipo de inatismo, acreditando que a mente humana elabora teorias a partir da vivência no mundo. Vamos considerar o mais famoso deles, John Locke.

4.1.1 John Locke

John Locke (1632- 1704) ficou conhecido como “pai do Liberalismo” e foi um dos fundadores do empirismo moderno. Em *Ensaio acerca do Entendimento Humano*, ele discorre sobre sua teoria de como se dá o conhecimento humano.

Observando as crianças, o pensador verificou o óbvio: há um processo lento e demorado para que o indivíduo acabe por apreender o pensamento racional. O indivíduo que não for introduzido por um professor nas artes matemáticas não será capaz de desenvolver raciocínios desse porte.

Além disso, o contato que os ingleses tinham com as colônias mostrou claramente que havia um abismo cultural entre os povos: havia tribos de pessoas que viviam nuas, povos que desconheciam a matemática mais elaborada; populações que se alimentavam de maneira bem peculiar etc . Ora, se as pessoas tivessem ideias inatas, as culturas não poderiam diferir tanto assim.

A conclusão do inglês é clara: não temos nenhuma ideia na mente quando nascemos. Somos como uma folha em branco esperando ser preenchida; hoje diríamos, somos uma tela com um prompt de computador piscando, esperando que alguma informação nos seja dada para que, daí, possamos assimilar o dado inserido.

Quem insere os dados? O mundo à nossa volta, as experiências pelas quais passamos, nossos parentes e pessoas próximas etc. Ele não nega que haja habilidades impressas nas nossas mentes, como a habilidade de falar, mas elas não têm conteúdo, são apenas isso, habilidades que precisam do mundo externo e das sensações para que o indivíduo se desenvolva.

A máxima dele é...

A MENTE É UMA FOLHA EM BRANCO

4.2 Criticismo



Ao final desse tópico, você deve responder as seguintes questões:

O que é Criticismo?

Quais são os limites da razão (intelecto)?

Qual a relação entre criticismo e o que Kant chamou de maioridade?



Segundo a Wikipedia, "Criticismo representa em filosofia a posição metodológica própria de Immanuel Kant. Caracteriza-se por considerar que as análises críticas da possibilidade, da origem, do valor, das leis e dos limites do conhecimento racional constituem-se no ponto de partida da reflexão filosófica". Entender isso não é fácil, até porque, o criticismo não abarca só a filosofia e a ciência, mas se espalha como um crítica cultura como um todo.

Figura : Pixabay



De certa forma Kant vai enfrentar uma questão importante. Na época em que ele viveu, a ciência ganhava espaço tomando o lugar da religião como justificativa de tomadas de decisão. Esse período ficou conhecido como Iluminismo, movimento cultural ocorrido entre os séculos XVII e XVIII. O racionalismo deu origem a ideias de liberdade política, social e econômica. Os filósofos retomaram a alegoria já bastante utilizada, baseada na oposição entre luz e escuridão, entre ideias claras e obscurantismo, entre verdade e ilusão.

Os pensadores desse século, apoiados na burguesia, já próxima de conquistar o poder político, voltam-se contra todas as práticas sociais e políticas que se fundavam em algum tipo de tradição. Somente práticas sustentadas em premissas racionalmente justificáveis poderiam ser aceitas. Observa-se, portanto, uma efervescência filosófica e cultural baseada no criticismo.

A principal fonte de autoridade e legitimidade era a razão, que postulava liberdade, igualdade e tolerância. Os iluministas criticaram a monarquia absoluta, a os dogmas religiosos e a união entre Igreja e Estado. O lema que traduz melhor esse movimento é *Sapere aude* (ousar conhecer).

Vários importantes filósofos deixaram grandes contribuições para o pensamento, mas sobretudo dentro da filosofia política e ética. São conhecidas as ideias revolucionárias de Rousseau, reformadoras como as de Montesquieu, entre outras.

Toda essa movimentação do pensamento desemboca em dois grandes fatos históricos: a independência dos EUA e a Revolução Francesa. A última deixou um gosto amargo na boca e na consciência de quem acreditava no Iluminismo e na razão. Quer dizer que toda aquela discussão sobre liberdade e racionalidade terminaria assim, num terror banhado a sangue de guilhotina? Era preciso salvar a razão, Nosso super-herói da vez será um alemão sistemático e com uma vida até sem graça, mas que mudou a filosofia: Immanuel Kant.

Que fique bem claro. **Criticismo não significa criticar tudo e todos**, mas fazer a crítica da própria razão. No momento em que a ciência tomava o lugar da religião como referencial para decisões políticas e até pessoais, a racionalidade não poderia se comportar como dona da verdade, sob o perigo de se tornar uma outra forma de escravidão. Era preciso mostrar **os limites da racionalidade**.



4.2.1 Kant

Immanuel Kant (1724-1804) nasceu em Königsberg, Alemanha, ou seja, um pouco distante tanto do empirismo inglês quanto do racionalismo francês. Sua origem era modesta, filho de pais artesãos. Estudou na Universidade da cidade natal e, em 1770, foi nomeado professor dessa mesma instituição. Publicou sua grande obra, *Crítica da Razão Pura*, quando tinha mais de 50 anos.

Mas qual foi a grande contribuição desse autor? Ele conseguiu conciliar Racionalismo e Empirismo e, de quebra, ainda mapeou os limites da razão.

O desafio

Kant, na introdução de a *Crítica da Razão Pura*, afirma que o grande empirista David Hume (1711-1776) o despertou de seu longo sono dogmático. Isso significa que o autor, até ler Hume, encarava o racionalismo como uma verdade absoluta e fora de questionamento. Quando leu o texto do filósofo escocês, ele percebeu que aquela visão do conhecimento era um dogma, uma crença, nada mais que isso, a não ser que pudesse realmente ser justificada. Isso exigiria uma nova análise do processo de conhecimento e do intelecto.

Qual era a objeção mesmo? Hume diria que as relações estabelecidas mentalmente são arbitrárias e que somente a experiência tem caráter de verdade. Se Hume tem razão em várias de suas argumentações, Descartes também tem. Não é possível pensar a realidade dessa maneira tão caótica.

A priori & A posteriori

O filósofo de Königsberg tenta responder essa questão na sua grande obra *Crítica da Razão Pura*. Nome estranho, o que ele queria como isso? A obra propõe fazer uma análise da racionalidade pura, ou seja, o intelecto, sem analisar os seus conteúdos, mas discutindo como funciona nossa capacidade de conhecer.

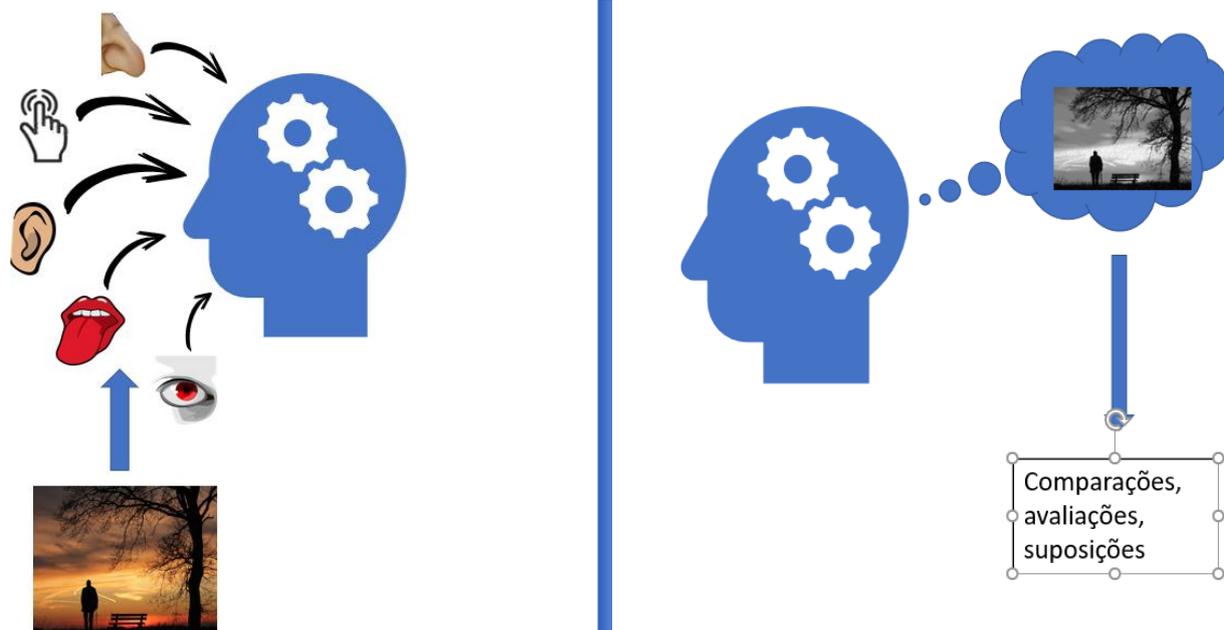
Ele parte de uma constatação simples, mas cheia de consequências:

Absorvemos empiricamente a imagem do mundo através dos 5 sentidos

No intelecto, formamos conceitos racionais dessas imagens

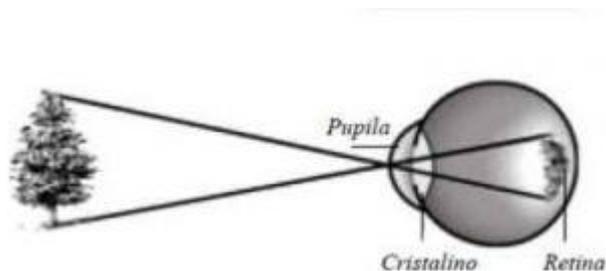


Fonte: Showeet



Qual dos processos ocorre primeiro (*a priori*)? Aparentemente, o empírico, pelo menos é isso que responderia um empirista. Mas vamos supor que pudéssemos captar as cores, as formas, o cheiro, o tato e o som do objeto observado, mas a mente não fosse capaz de reunir essas sensações que chegam por canais diferentes do corpo. O que aconteceria? Não haveria percepção da realidade.

Há um trabalho mental constante e bastante intenso em simplesmente observar um objeto qualquer sem formular qualquer juízo a respeito dele. Só para exemplificar, lembre-se de que a imagem que você vê quando abre os olhos chega ao fundo do olho invertida. Sua mente faz todo o trabalho de “desinverter” a imagem que você tem do mundo externo. Isso significa que é preciso que uma máquina extremamente poderosa (sua mente) já esteja presente em potência dentro de você para que, no momento em que o primeiro raio de luz atravesse seu olho, sua mente comece a funcionar.



Em resumo, primeiro temos em potência a capacidade de fazer sucessivas sínteses, ou junções. Vemos um passarinho porque nossa mente é capaz de, ao receber a imagem, o cheiro, o som, juntar tudo isso num objeto.

Agora, já podemos definir melhor o *a priori* (o que vem primeiro) e o *a posteriori* (o que acontece depois, posteriormente). Os empiristas se deixavam enganar pelas aparências. Em primeiro lugar, cada indivíduo tem sua capacidade mental de fazer sínteses em estado bruto. Essa capacidade “é ligada” quando o indivíduo recebe o primeiro *input* através de alguma de suas sensações.





E qual a importância disso?

Isso realmente não teria importância nenhuma se ele não tivesse analisado o conteúdo do *a priori*, da nossa capacidade de processamento dos dados. Quais são os conteúdos da nossa mente, aquilo que é inato a ela?

Os conteúdos do *a priori*

Kant dirá que nós organizamos todos os dados da experiência (5 sentidos) na mente através de 2 conteúdos mentais: o tempo e o espaço.

A crítica ou o tribunal da razão

A mente é uma máquina potente de sínteses (junções) cada vez mais complexas, e pode-se dizer que é viciada nesse jogo. Num primeiro momento, ela junta os dados das sensações, formando uma representação. Depois, ela junta, por comparações, uma representação com outra, depois classifica essas representações e imagina consequências dessas representações de forma cada vez ampla, fazendo isso sem parar.

Esse processo é o único meio de conhecermos a realidade, mas ele apresenta desafios e perigos. A mente humana pode fazer associações totalmente fora da realidade. Por exemplo, podemos considerar duas imagens, a de um pássaro e a de seus dois pés, e chegar à conclusão de que um pássaro voa porque tem dois pés. A razão não pode ser deixada livre.

TODA VEZ QUE A MENTE CONSIDERAR APENAS

- os dados dos 5 sentidos sem sistematizá-los racionalmente

- os raciocínios sem levar em consideração a vivência empírica

A razão produzirá monstros

Fonte: Pixabay



Ficou muito abstrato, não é? Vamos considerar a seguinte frase: "Todo político é ladrão". Ela vem de um raciocínio que considera a experiência parcial dos brasileiros com corrupção. Mas falta o elemento empírico. Foi feita alguma pesquisa nesse sentido? A realidade se revelará mais sutil, você será obrigado a reavaliar os termos: há um número considerável de parlamentares suspeitos de irregularidades. Agora você chegou perto da realidade.

Mas pode acontecer o contrário, você pode ter uma experiência sem raciocinar sobre ela. Por exemplo, há alguns anos, um pai e filho foram ofendidos por estarem abraçados. A pessoa, que além de não ter raciocinado era intolerante, fez isso baseando-se simplesmente no que viu.

Essa é uma forma um tanto quanto complexa para justificar o nascente método científico e a racionalidade. O cientista deve sempre se apoiar nas observações empíricas e num método racional (muito próximo daquele proposto por Descartes) para chegar a conclusões mais próximas da realidade.

Limites da razão

Kant deixa claro que nunca conseguiremos conhecer toda a realidade. Se houver algo muito pequeno ou muito grande, incapaz de ser percebido de algum modo pelos sentidos, não conheceremos. Se houver algo além das duas dimensões, tempo e espaço, também não conheceremos. Todo cuidado é pouco. As ideias que elaboramos são capazes de matar. Basta lembrar que, em nome de uma pseudo superioridade de raça, milhares de pessoas foram mortas por Hitler.

Razão, Esclarecimento e maioridade

Depois dessa viagem pela epistemologia mais consistente, agora podemos nos voltar para as consequências sociais da filosofia kantiana. O filósofo alemão admirava o Iluminismo francês, foi entusiasta da física e de Newton e tinha plena confiança na capacidade racional do homem.

Viu com tristeza e apreensão o resultado da Revolução Francesa. O racionalismo pode se tornar barbárie. Daí, mais do que nunca, as ideias de Kant fazem todo sentido. A razão não poderia ser deixada solta para ocupar o lugar da religião, a não ser que os próprios pensadores ficassem atentos aos riscos da razão em criar monstros. Kant aponta com precisão essa única saída.

A razão é limitada, mas seria a única maneira de não nos deixar arrastar por ideias da tradição desprovidas de adequação ao real e servindo a propósitos de manipuladores de plantão. Kant sonhava com um mundo no qual todas as pessoas poderiam exercer a sua racionalidade e, dessa maneira, não precisariam de tutores morais, políticos ou culturais. A isso, ele denominava "Aufklärung (**Esclarecimento**)". De certa forma, é uma maneira de diferenciar Iluminismo, como momento histórico na história do pensamento, do processo de autoconsciência proporcionado pelo uso da razão.

A maioridade kantiana se relaciona ao conceito de autonomia. A palavra deriva de "auto" que significa "próprio" e "nomos", lei. O sujeito autônomo é aquele que pode racionalmente avaliar as ideias éticas que lhe são oferecidas e escolher a melhor forma de agir, ou seja, dar a lei para si mesmo,



dispensando o Estado e outras instituições que se valem da coerção para que o indivíduo se comporte de maneira sociável.

Para conseguir essa autonomia, existem alguns requisitos:

- ✓ Livrar-se da covardia, preguiça e comodismo (ousar saber);
- ✓ Exercer a liberdade;
- ✓ Não aceitar a tradição a não ser que tenha passado pelo crivo da razão;
- ✓ Ser crítico das ideias apresentadas.

4.3. Questões de fixação

1. Q. (Banca VUNESP/2015 Aluno-oficial PM-SP)

“A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma tão grande parte dos homens, depois que a natureza de há muito os libertou de uma direção estranha, continuam no entanto de bom grado menores durante toda a vida. São também as causas que explicam por que é tão fácil que os outros se constituam em tutores deles. É tão cômodo ser menor. Se tenho um livro que faz as vezes de meu entendimento, um diretor espiritual que por mim tem consciência, um médico que por mim decide a respeito de minha dieta, etc., então não preciso esforçar-me eu mesmo. Não tenho necessidade de pensar, quando posso simplesmente pagar; outros se encarregarão em meu lugar dos negócios desagradáveis”. (Immanuel Kant, Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento? Em: *Textos seletos*. São Paulo: Vozes, 2005)

Considerando a argumentação do autor, é correto afirmar que

- (A) os indivíduos seriam infelizes caso exercessem o pensamento autônomo.
- (B) deixar-se guiar pelas paixões é a atitude mais racional.
- (C) a comodidade da menoridade é um obstáculo para a emancipação.
- (D) a preguiça e a covardia são as causas da superstição.
- (E) o dinheiro possibilita se livrar de tarefas desagradáveis e atingir a maioria

2. Q.(Uece 2019) Johannes Hessen afirma, sobre o empirismo e o racionalismo na modernidade, que “quem enxerga no pensamento humano, na razão, o único fundamento do conhecimento, está convencido da independência e especificidade psicológica do processo de pensamento. Por outro lado, quem fundamenta todo conhecimento na experiência negará independência, mesmo sob o aspecto psicológico, ao pensamento”.

HESSEN, J. *Teoria do conhecimento*. Trad. João Vergílio Gallerani Cuter. São Paulo: Martins Fontes, 2012, p. 48.



Relacione empirismo e racionalismo à descrição apresentada por Hessen e assinale a afirmação verdadeira.

- a) Racionalista é quem entende que o conhecimento depende psicologicamente de fatos extra mentais.
- b) Empiristas fundamentam todo seu conhecimento na capacidade da razão humana.
- c) Empirista baseia o conhecimento na experiência e o racionalista entende que a razão é o fundamento do conhecimento.
- d) Racionalista baseia o conhecimento na experiência e o empirista entende que a razão é o fundamento do conhecimento.

Gabarito

1.D

2.C

Questões comentadas

1. Q. (Banca VUNESP/2015 Aluno-oficial PM-SP)

“A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma tão grande parte dos homens, depois que a natureza de há muito os libertou de uma direção estranha, continuam no entanto de bom grado menores durante toda a vida. São também as causas que explicam por que é tão fácil que os outros se constituam em tutores deles. É tão cômodo ser menor. Se tenho um livro que faz as vezes de meu entendimento, um diretor espiritual que por mim tem consciência, um médico que por mim decide a respeito de minha dieta, etc., então não preciso esforçar-me eu mesmo. Não tenho necessidade de pensar, quando posso simplesmente pagar; outros se encarregarão em meu lugar dos negócios desagradáveis”. (Immanuel Kant, Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento? Em: *Textos seletos*. São Paulo: Vozes, 2005)

Considerando a argumentação do autor, é correto afirmar que

- (A) os indivíduos seriam infelizes caso exercessem o pensamento autônomo.
- (B) deixar-se guiar pelas paixões é a atitude mais racional.
- (C) a comodidade da menoridade é um obstáculo para a emancipação.
- (D) a preguiça e a covardia são as causas da superstição.
- (E) o dinheiro possibilita se livrar de tarefas desagradáveis e atingir a maioria

Gabarito: C



Comentário.

Letra a: errada. No texto, Kant defende justamente o pensamento autônomo.

Letra b: errada. Kant é racionalista, isso significa que ele jamais defendera as paixões acima da razão.

Letra c: correta. Essa ideia fica clara no seguinte trecho: " É tão cômodo ser menor."

Letra d: errada. O texto logo no começo deixa claro que a preguiça e a covardia são causas da menoridade.

Letra e: errada. O exemplo do dinheiro reforça a ideia de menoridade, a pessoa que paga pode se livrar da responsabilidade.

2. Q.(Uece 2019) Johannes Hessen afirma, sobre o empirismo e o racionalismo na modernidade, que "quem enxerga no pensamento humano, na razão, o único fundamento do conhecimento, está convencido da independência e especificidade psicológica do processo de pensamento. Por outro lado, quem fundamenta todo conhecimento na experiência negará independência, mesmo sob o aspecto psicológico, ao pensamento".

HESSEN, J. *Teoria do conhecimento*. Trad. João Vergílio Gallerani Cuter. São Paulo: Martins Fontes, 2012, p. 48.

Relacione empirismo e racionalismo à descrição apresentada por Hessen e assinale a afirmação verdadeira.

- a) Racionalista é quem entende que o conhecimento depende psicologicamente de fatos extra mentais.
- b) Empiristas fundamentam todo seu conhecimento na capacidade da razão humana.
- c) Empirista baseia o conhecimento na experiência e o racionalista entende que a razão é o fundamento do conhecimento.
- d) Racionalista baseia o conhecimento na experiência e o empirista entende que a razão é o fundamento do conhecimento.

GAbarito: C

Comentário.

Alternativa "a" está incorreta. A definição dada na alternativa, "depende psicologicamente de fatos extra mentais", refere-se ao empirista.

Alternativa "b" está incorreta. Não faz sentido a palavra "empirista" referir-se à razão, o mais óbvio é que o racionalista se valha da razão.

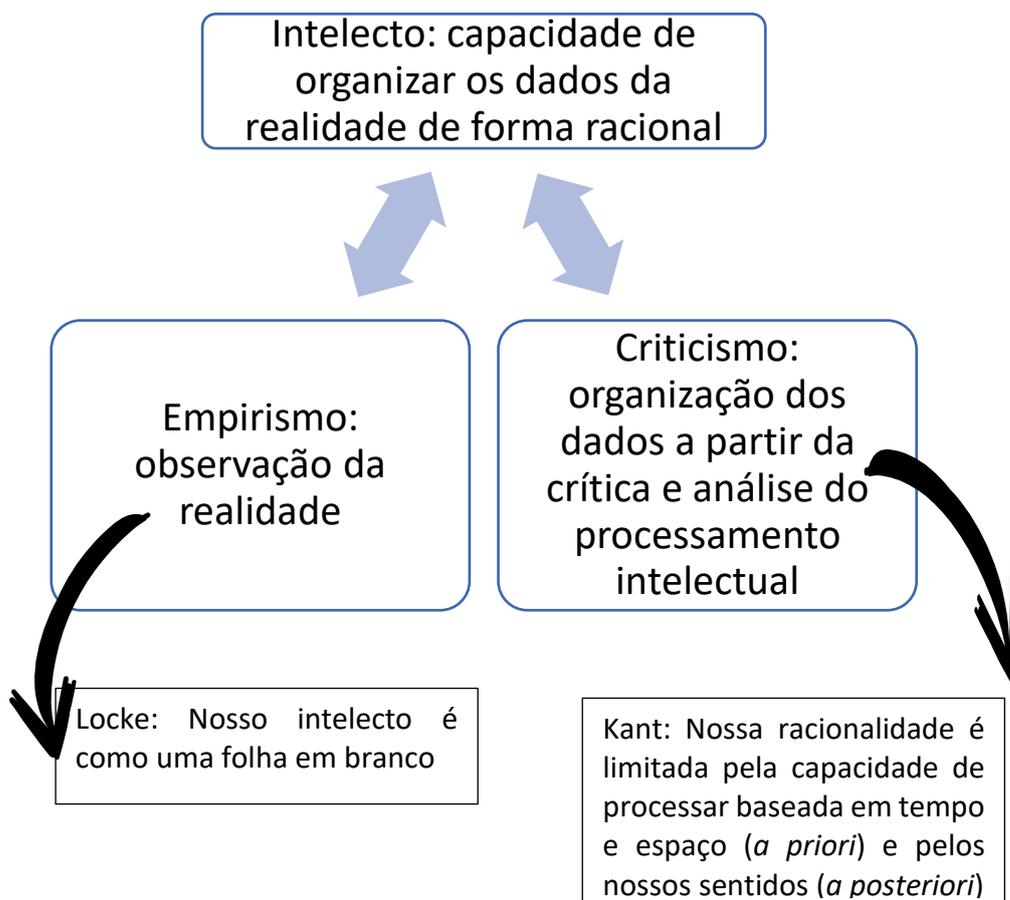
Alternativa "c" está correta. Essa alternativa expressa muito bem os dois conceitos; mas mesmo que você não se lembrasse, de certa forma, o texto permitia deduzir, pois o autor fala de quem enxerga no



pensamento humano o fundamento da razão (racionalismo) e daquele que funda o conhecimento na experiência.

Alternativa "d" está incorreta. Essa alternativa troca os termos de definição; racionalista é quem se baseia na razão; empirista, quem se baseia na experiência.

4.4. Quadro Sinóptico



CRITICISMO KANTIANO

Na ciência e no conhecimento: verificar constantemente se as afirmações com presunção a critério de verdade foram estabelecidas segundo critérios de racionalização (tempo, espaço) e com possibilidade de comprovação empírica.

No comportamento: pautar-se por valores considerados genuínos depois de questionamento e racionalização, não se deixar levar somente pela autoridade dos outros; comportamento autônomo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final da aula inaugural! Vimos uma parte da matéria e talvez a mais densa.

Minha finalidade foi apresentar o que é filosofia e ciência e dar uma ideia de história de ambas áreas do conhecimento humano. Segui à risca o que foi pedido, selecionando o que era mais relevante e o que frequentemente cai nos concursos. Fui o mais didático possível para que você entenda esse conteúdo e possa resolver as questões desse certame com facilidade.

Você teve uma ideia de como será desenvolvido o trabalho ao longo do Curso.



Há muita matéria ainda a ser estudada. Conte comigo nessa caminhada. Estarei à disposição no Fórum de Dúvidas. Apreciarei muito suas sugestões, críticas e comentários. O Fórum é o canal aberto para essa relação pessoal do aprendizado. O importante é que você tenha apoio para um estudo aprofundado.

O esforço é seu, o material e apoio deixe com a gente.

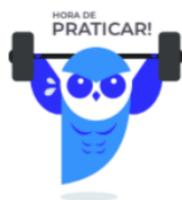
Bom estudo

Espero você na próxima aula.



@filosofia.do.portuga

QUESTÕES COMENTADAS



1. Q. (Banca FEPESE/2019 Prefeitura de Freiburg/ SC- Auxiliar Educacional)



A Filosofia é um estudo relacionado à existência, ao conhecimento, à verdade, aos valores morais e estéticos, à mente e à linguagem.

Seus métodos estão caracterizados pela:

- a) Argumentação.
- b) Segregação.
- c) Indução.
- d) Comparação.
- e) Homogeneidade.

Comentário.

Alternativa "A" está correta. O método filosófico é rigoroso, pauta-se pelo convencimento na construção de um argumento verificável.

Alternativa "B" está incorreta. Segregação não configura um método.

Alternativa "C" está incorreta. A indução é um método utilizado sobretudo pela ciência.

Alternativa "D" está incorreta. A comparação é um recurso metodológico, mas não configura o método filosófico como um todo.

Alternativa "E" está incorreta. Homogeneidade é uma propriedade de algo que é uno, não é um método.

Gabarito: A

2 Q. (Banca IBFC/2017 SEDUC-MT Profesor)

"A _____, desempenha um papel muito importante, não apenas na Filosofia, mas na construção de todo conhecimento que se pretenda _____, ou ao menos, sustentável, qual seja: ajudar a analisar a própria estrutura formal e expressiva do conhecimento, de como pode ser bem estruturado e, assim, bem compreendido".

Assinale a alternativa que completa correta e respectivamente as lacunas.

- a) Biologia – Falso
- b) Lógica – Verdadeiro
- c) Lógica – Falso
- d) Matemática – demonstrar
- e) Geografia – Construir

Comentário.

Alternativa "A" está incorreta. A biologia não poderia completar o primeiro espaço vazio, pois biologia não faz parte da filosofia.

Alternativa "B" está correta. A lógica como estudo da construção dos argumentos serve a filosofia e a outras áreas do conhecimento.

Alternativa "C" está incorreta. A lógica tem como objetivo auxiliar na identificação da verdade das afirmações.



Alternativa "D" está incorreta. A matemática desempenhou algum papel dentro da filosofia mas nada que se compare à Lógica.

Alternativa "E" está incorreta. A geografia não poderia completar o primeiro espaço vazio, pois geografia não faz parte da filosofia.

Gabarito: B

3. Q. (Banca VUNESP/2017 Aspirante PM-SP)



A academia de Atenas, de Rafael Sênzio, um pintor renascentista.

Embora não seja algo preciso e rigoroso, há uma tradição que concebe duas correntes filosóficas opostas a percorrerem os séculos, consagradas simbolicamente pelas duas figuras centrais, Platão e Aristóteles, presentes no célebre quadro de Rafael, *A escola de Atenas*. São elas:

a) o tomismo, desenvolvido na Idade Média, pela Igreja católica, e o ceticismo, surgido na Antiguidade, e que teve apogeu no século XIX.

b) o ceticismo, que diz que não há conhecimento seguro sobre o empírico, e o empirismo, que se fundamenta na experiência para a produção de conhecimentos científicos.

c) o empirismo, caracterizado pela ideia de que a razão é a fonte do conhecimento verdadeiro, e o racionalismo, que defende o uso de métodos racionais para se atingir um conhecimento seguro.

d) o racionalismo, que concebe o sujeito como fonte do conhecimento, e o empirismo, que entende que a origem do conhecimento está nos sentidos.

e) o platonismo, que concebe a existência de um mundo ideal, e o aristotelismo, que entende que a natureza é a origem da verdade.

Comentário.

Alternativa "A" está incorreta. Você pode não ter entendido o que é tomismo (as ideias de São Tomás de Aquino), mas deve saber que o ceticismo é um termo que se refere a Kant e não surgiu na Antiguidade.

Alternativa "B" está incorreta. Nem Platão nem Aristóteles eram céticos. O primeiro era idealista, o segundo, realista.

Alternativa "C" está incorreta. No quadro Platão aponta para o alto, para o mundo das ideias. Ele não era empirista nem racionalista.

Alternativa "D" está incorreta. Nenhum dos dois termos poderia ser aplicado a Platão, nem empirismo, nem racionalismo.

Alternativa "E" está correta. Platão defende o mundo das ideias e no quadro ele aponta para o alto; Aristóteles acredita que o conhecimento vem da percepção da forma e da matéria que estão no mundo em que vivemos.

Gabarito: E

PARA RESPONDER À PRÓXIMA QUESTÃO, LEIA O FRAGMENTO ABAIXO.

4. (Autorial)

“Chama-se realismo a posição filosófica que afirma a existência objetiva ou em si da realidade externa como uma realidade racional em si e por si mesma e, portanto, que afirma a existência da razão objetiva.

Há filósofos, porém, que estabelecem uma diferença entre a realidade e o conhecimento racional que dela temos. Dizem eles que, embora a realidade externa exista em si e por si mesma, só podemos conhecê-la tal como nossas idéias a formulam e a organizam e não tal como ela seria em si mesma. Não podemos saber nem dizer se a realidade exterior é racional em si, pois só podemos saber e dizer que ela é racional para nós, isto é, por meio de nossas idéias.

Essa posição filosófica é conhecida com o nome de idealismo e afirma apenas a existência da razão subjetiva. A razão subjetiva possui princípios e modalidades de conhecimento que são universais e necessários, isto é, válidos para todos os seres humanos em todos os tempos e lugares. O que chamamos realidade, portanto, é apenas o que podemos conhecer por meio das idéias de nossa razão”.

(CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ed. Ática, 2005)

Considerando a o idealismo e o racionalismo, pode-se dizer que...

- A) O Idealismo e o Racionalismo são a mesma coisa com nomes diferentes.
- B) O Idealismo se relaciona à concepção de Platão que considerava a reminiscência como forma de conhecer a realidade, enquanto o Racionalismo rejeita a ideia de aprendizado pela reminiscência, mas mantém a concepção de que a mente já tem em si algo que permite conhecer a realidade.
- C) O Idealismo é oposto ao Racionalismo. Enquanto o primeiro é religioso o segundo é ateu e científico.
- D) O Idealismo se completa com o Racionalismo. A concepção de ideias perfeitas de Platão é retomada pelos racionalistas que acreditam que as ideias da alma são racionais e verdadeiras.
- E) O Idealismo não permite chegar à conclusão de que podemos conhecer algo da realidade já que tudo é ideia, enquanto o Realismo acha que só conhecemos aquilo que percebemos pelas sensações.

Comentário.

Alternativa "a" está incorreta. O texto começa com a definição de Realismo e, no segundo parágrafo, com o conectivo, “porém” de oposição, estabelece o conceito de Idealismo como contrário ao Realismo. Eles não são a mesma coisa.

Alternativa "b" está correta. Para Platão, podemos conhecer as coisas, pois já fomos alma e conhecemos toda a verdade última das coisas (a essência), ao nascermos no mundo corruptível o corpo obscurece a alma e o conhecimento perfeito depende da lembrança do que foi visto em outra vida. Já o Racionalismo não



funda o conhecimento na alma, mas na capacidade que temos de aprender a partir da observação da realidade.

Alternativa "c" está incorreta. O idealismo não é religioso. Parte de um pressuposto metafísico, fomos alma no passado, para definir o que é conhecimento. Tampouco o Racionalismo é necessariamente ateu. Aristóteles, por exemplo, acreditava no motor imóvel (Deus).

Alternativa "d" está incorreta. O idealismo é contraposto ao racionalismo, como o fragmento indica.

Alternativa "e" está incorreta. Na concepção Idealista, o conhecimento perfeito vem das ideias e é através das ideias que conhecemos a realidade, ou seja, pretensão dos idealistas é sim conhecer a realidade .

Gabarito: B

5. (Autorial)

Com efeito, foi pela admiração que os homens começaram a filosofar tanto no princípio como agora; perplexos, de início, ante as dificuldades mais óbvias, avançaram pouco a pouco e enunciaram problemas a respeito das maiores, como os fenômenos da Lua, do Sol e das estrelas, assim como a gênese do universo. E o homem que é tomado de perplexidade e admiração julga-se ignorante (por isso o amigo dos mitos é, em certo sentido, um filósofo, pois também o mito é tecido de maravilhas); portanto, como filosofavam para fugir à ignorância, é evidente que buscavam a ciência a fim de saber, e não com uma finalidade utilitária.

(ARISTÓTELES. Metafísica. Livro I. Tradução Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969. p. 40.)

Assinale a alternativa que melhor comenta a perspectiva aristotélica expressa no fragmento.

- a) o trecho manifesta uma certa incoerência de Aristóteles, pois fugir da ignorância é uma função utilitária.
- b) Aristóteles não faz qualquer distinção entre o amigo dos mitos e o filósofo.
- c) Percebe-se uma visão aristocrática da filosofia, já que o conhecimento nasce da admiração não utilitária.
- d) O autor limita a filosofia ao associá-la simplesmente aos fenômenos astronômicos.
- e) A filosofia deve ser permeada pela postura modesta de quem sabe que é ignorante em relação à realidade.

Comentário.

Alternativa "a" está incorreta. Dentro da perspectiva de um grego o conhecimento se relacionava com a contemplação, eles não faziam a relação que nós, modernos, fazemos entre conhecimento, tecnologia e utilidade.

Alternativa "b" está incorreta. O texto diz que "o amigo dos mitos é, em certo sentido, um filósofo", ou seja, ele reconhece uma certa distinção entre esses dois personagens.

Alternativa "c" está correta. Aristóteles manteve a distinção Platônica e mesmo grega que separava o trabalho manual do trabalho intelectual. O último seria superior em relação ao anterior; por esse motivo, o filósofo faz questão de salientar que a filosofia não tem valor utilitário.

Alternativa "d" está incorreta. A admiração do homem diante dos fenômenos astronômicos são o ponto de partida para a admiração, mas isso não circunscreve a filosofia.

Alternativa "e" está incorreta. O texto simplesmente destaca que a consciência da ignorância dá início à filosofia, mas isso não significa que a própria filosofia seja permeada pela modéstia.



Gabarito C

6. (Autorial)

Texto I

"Se o sábio alguma vez der assentimento a algo, às vezes opinará; mas o sábio nunca tem opiniões; portanto, o sábio não dará assentimento a nada".

(Cícero, Acadêmicos)

Texto II

"[C]omo temos em nós uma faculdade real para conhecer o verdadeiro e distingui-lo do falso (como é possível provar pelo simples fato de possuímos em nós as ideias do verdadeiro e do falso), se essa faculdade não tendesse ao verdadeiro [...] não seria sem razão que Deus, que no-la concedeu, seria tido como enganador".

(Descartes, R. *Meditações Metafísicas*)

Considerando a relação entre os textos, assinale a alternativa correta.

- a) Os dois textos manifestam a mesma definição do que é um sábio.
- b) O texto I relaciona o sábio ao conhecimento baseado na opinião; já o texto II deixa claro que a sabedoria advém de ir para além do senso comum.
- c) O texto I manifesta dúvida em relação à capacidade de conhecer; no texto II, percebe-se a crença na capacidade do homem de conhecer a realidade.
- d) Os textos se opõem. O primeiro desqualifica o conhecimento, pois não reconhece a fonte divina da sabedoria, enquanto o segundo entende que, tendo Deus como fonte, não é possível errar.
- e) O primeiro fragmento tem como finalidade aconselhar a como se comportar de maneira sábia; já o segundo texto tem como finalidade fazer o infiel acreditar em Deus.

Comentário.

Alternativa "A" está incorreta. O primeiro texto manifesta desconfiança em relação à capacidade de distinguir o verdadeiro do falso; já o segundo defende que é possível conhecer o real. Ou seja, os textos não manifestam a mesma ideia.

Alternativa "B" está incorreta. De acordo com o primeiro texto, o sábio abdica tanto da opinião quanto do conhecimento.

Alternativa "C" está correta. Parte-se do pressuposto de que o sábio não deve opinar, porque não pode distinguir o verdadeiro do falso; já no texto II, de Descartes, afirma-se o contrário, o homem é capaz de produzir proposições verdadeiras sobre o mundo.

Alternativa "D" está incorreta. No fragmento I, não se discute Deus como fonte ou não do conhecimento, portanto, é falsa a afirmação de que o "primeiro (texto) desqualifica o conhecimento, pois não reconhece a fonte divina da sabedoria".

Alternativa "E" está incorreta. O texto de Descartes não procura fazer proselitismo, o apelo a Deus faz-se necessário como prova de que é possível chegar à verdade.

Gabarito: C



7 (Autorial)



(disponível em <https://www.picuki.com/media/2242260961325433062> , acessado em 30.03.2020).

A partir desse quadrinho, são feitas as afirmações abaixo.

- I. Essa imagem retoma de certa forma a divisão feita por Platão entre *doxa* (opinião) e *alética* (verdade).
- II. A prevalência da opinião, típica das redes sociais, tem uma defesa nos pressupostos dos sofistas para quem cada indivíduo tem sua forma de ver o mundo.
- III. A oposição expressa também pode ser caracterizada pelo abismo que separa senso comum de ciência.
- IV. O quadro expressa a ideia dos céticos de que a realidade não pode ser conhecida.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmações I e II são corretas.
- b) As afirmações I, II e III são corretas.
- c) Todas as afirmações são corretas
- d) Somente a afirmação I é correta.
- e) As afirmações I e III são corretas.

Comentário.

A afirmação I está correta. A ciência postula critérios de verdade e o desafiante com sua conta no Facebook representa a opinião. Platão opunha a opinião à verdade.

A afirmação II está correta. Os sofistas defendiam o que hoje chamamos de relativismo, qualquer um tem o direito de acreditar no que quiser e defender qualquer opinião, lógica que define a liberdade de expressão presente nas redes sociais.

A afirmação III está correta. Na charge, a distância e clima de guerra entre ciência e opinião mostra como essas formas de explicar a realidade estão distantes.

A afirmação I está correta. Não há nada no quadro que se refira à discussão do que pode ou não pode ser conhecido.

Gabarito: B

8 (Autorial)

Texto I

“Outro ponto é que, para saber se uma droga é eficaz, é necessária comparação com um grupo de controle e, em geral, um grande número de participantes. Idealmente parte dos pacientes recebe a droga, outra parte recebe um placebo. Aqui ainda entra a randomização, melhor método para criar grupos com características semelhantes. Isso é necessário para que não aconteça algo como dar o medicamento para casos mais leves (que irão morrer menos) e placebo para casos mais graves (que irão morrer mais), levando a falsas conclusões. Nenhuma dessas premissas foi seguida neste trabalho.”

(Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/replica-ciencia-e-nao-o-achismo-nos-levara-a-sucesso-no-combate-ao-coronavirus.shtml>, acessado em 08.04.2020).

Texto II

Xô gripe!

No primeiro dia de Lua Minguante, descasque um dente de alho, risque-o com um objeto de metal e coloque-o em meio copo com água. Tampe o copo e deixe-o passar a noite no sereno, coberto, até o outro dia. Antes do Sol nascer, pegue o copo e tome a água em jejum, jogando o alho fora. Repita esta simpatia nos dois dias seguintes. Depois de lavado, use o copo normalmente.

(Disponível em <https://joabidu.com.br/simpatias-imunidade-protecao>, acessado em 08.04.2020).

A partir da leitura dos dois textos, são feitas as seguintes afirmações:

- I. A oposição entre os textos pode ser associada à oposição entre sofistas e filósofos no que diz respeito à aceitação ou não de explicações naturalistas dos fenômenos.
- II. O que torna a ciência uma forma de conhecimento mais confiável é o fato de ela se apoiar em um método rigoroso e não adotar protocolos ao sabor das conveniências.
- III. O texto II manifesta uma concepção mítica sobre o mundo, que se apoia na concepção central de que há interferência proposital de entidades sobrenaturais no mundo material.
- IV. Embora partam de premissas bastante diferentes, nos dois, observa-se a tentativa do controle da natureza, no primeiro texto pela técnica, no segundo pela magia.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmações I e II são corretas.
- b) As afirmações I, II e III são corretas.
- c) Todas as afirmações são corretas
- d) As afirmações II e IV são corretas.



e) As afirmações I e III são corretas.

Comentário.

A afirmação I está incorreta. Os sofistas não discutiam a natureza. Os sofistas acreditavam na relatividade das ideias considerando o meio político. A oposição lembra o contraste entre período mitológico e pré-socrático.

A afirmação II está correta. O método científico, que demorou séculos para ser aprimorado, estabelece procedimentos e protocolos que devem ser obedecidos para que se possa afirmar que algo tem grande probabilidade de ser verdadeiro.

A afirmação III está incorreta. A concepção mítica deve necessariamente se pautar pela presença de deuses. No texto, o autor propõe uma simpatia, sem conexão com qualquer divindade.

A afirmação IV está correta. Os dois textos giram em torno de como evitar a disseminação do vírus da gripe. A finalidade dos dois é alterar o contágio natural. A diferença é que um se pauta por análise de causas naturais e propõe técnicas de interferência enquanto o outro acredita numa espécie de contaminação de propriedades mágicas.

Gabarito: D

9. (Autorial)

“Nossos ancestrais evoluíram em pequenos grupos, onde a cooperação e a persuasão tinham tanta influência no sucesso reprodutivo quanto ter crenças factuais precisas sobre o mundo. A integração a uma tribo requeria a assimilação do sistema de crenças ideológicas do grupo. Um viés instintivo a favor do grupo e suas visões de mundo está profundamente enraizado na psicologia humana.

O senso de identidade de um humano está intimamente ligado aos status e crenças do seu grupo identitário. Não surpreende, então, que as pessoas respondam automaticamente e defensivamente a informações que ameaçam suas visões ideológicas.”

(disponível em <https://www.nexojornal.com.br/externo/2020/02/07/Por-que-negamos-fatos-que-contrariam-as-nossas-cren%C3%A7as>, acessado em 18.04.2020).

Esse texto pode servir como explicação da postura

- a) empírica.
- b) epistemológica.
- c) metafísica.
- d) dogmática.
- e) ética.

Comentário.

Alternativa "A" está incorreta. O texto fala sobre a presunção de que crenças devem ser verdadeiras; o empirismo, ou seja, a observação da realidade, desconsidera a crença se não for embasada nos fatos.



Alternativa "B" está incorreta. Implicitamente, pode-se considerar que o texto tem um viés epistemológico, afinal, ele discute um grande problema para o conhecimento, a negação do que se descobre empiricamente; mas, de forma explícita, o texto discute mesmo a crença dogmática.

Alternativa "C" está incorreta. A palavra "metafísica" significa algo sobrenatural, o texto mostra como crenças relacionadas à própria natureza eram importantes para nossos ancestrais, não há nada de metafísico nisso.

Alternativa "D" está correta. A palavra "dogmático" significa afirmar uma ideia por pura crença e tê-la como absoluta, base do comportamento negacionista.

Alternativa "E" está incorreta. O texto não discorre sobre qual o efeito do negacionismo na definição do que é um comportamento virtuoso ou do que é um comportamento vicioso.

Gabarito: D

10. (Autorial)

Uma das áreas importantes da filosofia é a Epistemologia ou filosofia do conhecimento. Assinale a alternativa que aponta para o problema central dessa área da filosofia.

A) Se é possível avaliar qual dos filósofos tem razão, uma vez que eles divergem sobre quase tudo.

B) Se é possível saber se filósofos como Platão, Sócrates, Parmênides e outros existiram de fato.

C) Se é possível conhecer a realidade tal como se apresenta a nós ou não.

D) Se é possível que exista um mundo inteligível que só pode ser alcançado pela alma.

E) Se é possível que o mundo seja um dos opostos estudados pelos pré-socráticos: ou tudo muda ou nada muda.

Comentário.

Alternativa "a" está incorreta. Essa é uma questão de quem estuda filosofia. Ao entrar em contato com essa área do conhecimento, o novato fica sempre querendo saber quem tem razão. Dentro da filosofia, não há um estudo sobre isso.

Alternativa "b" está incorreta. Se a existência dos filósofos for uma questão relevante, ela se relaciona com a história e não com a filosofia em si, pois em filosofia discute-se a ideia e não necessariamente o autor da ideia.

Alternativa "c" está correta. Filosofia é questionamento radical, aplicando isso ao conhecimento, o filósofo é aquele que pergunta "como podemos ter certeza de que aquilo que nos parece verdadeiro realmente se adequa aos fenômenos da natureza?"

Alternativa "d" está incorreta. Essa é uma questão muito mais metafísica (que apela para causa sobrenatural) do que epistemológica.

Alternativa "e" está incorreta. A discussão sobre a mudança faz parte da epistemologia, mas não tal área da filosofia não se resume a isso.

Gabarito: C



11. (Autorial)

Texto I

‘O critério da verdade está no incremento do sentimento de poder.’

(Nietzsche, Friedrich. “A vontade de poder”. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.)

Texto II

“(...)a via científica é a que melhor conduz às verdades objetivas ou impessoais, porque ela se adequa ao mundo e ao nosso aparato cognitivo.”

(disponível em <https://universoracionalista.org/elogio-ao-cientificismo/>, acessado em 11.03.2019.

Os dois textos manifestam perspectivas opostas em relação

- a) à positividade do conhecimento.
- b) à relatividade da capacidade cognitiva.
- c) ao dogmatismo presente nos critérios de verdade.
- d) à eficácia observada no incremento do poder.
- e) ao utilitarismo da ciência.

Comentário.

Alternativa "a" está correta. Nietzsche desconfia do caráter positivo da ciência, pois vê o conhecimento como vontade de poder, já o texto II avalia a ciência como sendo capaz de levar o homem ao progresso. Lembre-se de que a palavra “positivo” associada à ciência, em filosofia ou sociologia, refere-se a visão de que tal área do conhecimento é a mais promissora dentre todas as outras. Ou seja, os textos divergem em relação à positividade do conhecimento.

Alternativa "b" está incorreta. Somente o texto II menciona o aparato cognitivo, e, mesmo assim, esse tema não é o tema central no fragmento. Logo, esse não é um tema comum aos dois textos.

Alternativa "c" está incorreta. Nenhum dos dois textos discute se os critérios de verdade da ciência são dogmáticos (ou seja, são baseados em crenças).

Alternativa "d" está incorreta. O primeiro texto discute o poder, o segundo, a característica positiva da ciência, ou seja, o utilitarismo não é um tema comum diante do qual os autores manifestam perspectivas contrárias.

Gabarito: A

12. (Autorial)

“De todos os argumentos por meio dos quais demonstramos a existência das ideias, nenhum é convincente. Alguns dentre eles não conduzem a uma conclusão necessária e outros conduzem a ideias de coisas das quais, na nossa opinião [sc. nós os platonistas], não pode haver ideias. Com efeito, segundo os argumentos



provenientes da existência das ciências (ἐκ τῶν ἐπιστημῶν) haverá ideias de todas as coisas das quais houver ciência; segundo o argumento da unidade de uma multiplicidade (τὸ ἓν ἐπὶ πολλῶν), haverá ideias mesmo de negações (ἀποφάσεων); enfim, segundo o argumento de que é possível pensar o perecido (τὸ νοεῖν τι φθαρέντος), haverá ideias de coisas perecíveis, pois podemos ter destas coisas uma imagem.

(Aristóteles. *A metafísica*)

O texto acima de Aristóteles discute uma postura contrária a do seu mestre Platão no que se refere

a) à forma de argumentar, já que Platão por utilizar de analogias e até mitos não consegue ser convincente.

b) ao apelo a um tipo de ciência que não se baseava em conhecimento observável.

c) à confusão entre unidade e multiplicidade, já que Platão não demarcava com precisão essas duas categorias.

d) à existência do mundo ideal, já que Platão não conseguiu provar a existência do idealismo.

e) à ideia de negação das coisas perecíveis por Platão, já que para ele aquilo que parece não existe.

Comentário.

Alternativa "a" está incorreta. Aristóteles não se refere ao uso de analogia e mitos como motivo para questionar as ideias de Platão.

Alternativa "b" está incorreta. O uso que Aristóteles faz da palavra "ciência" no texto não tem nada a ver com o conceito de ciência atual e com os requisitos de observação da realidade.

Alternativa "c" está incorreta. Platão circunscreveu muito bem multiplicidade e unidade; o mundo inteligível era o lugar da unidade; o mundo sensível era o lugar da multiplicidade.

Alternativa "d" está correta. Logo no início do parágrafo, Aristóteles deixa claro qual sua intenção, questionar a teoria do mundo das ideias, "De todos os argumentos por meio dos quais demonstramos a existência das ideias, nenhum é convincente."

Alternativa "e" está incorreta. Platão não defendia que as coisas perecíveis não existem, defendia apenas que elas eram imperfeitas e sombras de um mundo perfeito.

Gabarito: D

13. (Autorial)

Também aquele que ama o mito é, de certo modo, filósofo.

ARISTÓTELES, *Metafísica*, A 2, 982 b 18

"É certo que o lógos, assumindo progressivamente, na era clássica, o sentido de "discurso regrado" e, a partir daí, o de "raciocínio" que remete à "razão", ao "cálculo" e à "medida", assumiu um uso filosófico que tendia a se opor ao mito como narrativa sagrada. Entretanto, antes de chegar a uma oposição, mythos e lógos estiveram unidos, pelo menos segundo a antiga etimologia que identifica mythos e palavra."

(Perine, Marcelo. "Mito e Filosofia". In: *Philosophos* 2002.)

Comparando os dois textos, são feitas as seguintes afirmações:



I. Os textos parecem indicar perspectivas opostas no que se refere à relação entre filosofia e mito. Aristóteles vê a filosofia como uma continuidade da fase mítica; já o segundo texto aponta para uma diferença radical entre uma fase e outra: o mito se baseia em narrativas; a filosofia num discurso metódico.

II. O texto II oferece um argumento decisivo contra a perspectiva aristotélica.

III. Tanto o primeiro texto quanto o segundo fazem avaliação do mito segundo os mesmos parâmetros.

IV. O uso da expressão restritiva “até certo modo” em Aristóteles nos permite inferir que ele também acreditava que mito e filosofia se opunham.

Assinale a alternativa correta.

a) Somente as afirmações I e II são corretas.

b) As afirmações I, II e III são corretas.

c) Todas as afirmações são corretas

d) Somente a afirmação I é correta.

e) As afirmações I e III são corretas.

Comentário.

Afirmação I está correta. Aristóteles considera o amigo do mito, uma espécie de filósofo, ou seja, há continuidade; o texto II, ao analisar a linguagem, destaca uma diferença bastante grande entre uma e outra.

Afirmação II está incorreta. O argumento da linguagem não é tão decisivo, afinal uma ideia filosófica poderia ser expressa em forma mitológica, em alguns momentos Platão se utilizou desse expediente.

Afirmação III está incorreta. As afirmações se valem de premissas diferentes. Aristóteles se refere aos temas que são comuns tanto a filósofos quanto a amantes do mito; o texto II tem como parâmetro de julgamento não o tema, mas a linguagem.

Afirmação IV está incorreta. O termo restritivo foi utilizado apenas para salientar que há alguma diferença, mas no fundo Aristóteles reconhecia que havia uma passagem suave do mito ao pensamento filosófico.

Gabarito: D

14. (Autorial)

“O bom senso é a coisa mais comum do mundo: pois cada um pensa ser tão bem provido disso que mesmo os mais difíceis de contentar em tudo o mais não costumam absolutamente desejar mais bom senso do que têm. No que não é verossímil que todos se enganem; antes, isso demonstra que o poder de bem julgar e distinguir o verdadeiro do falso, que é propriamente o que se chama bom senso ou razão, é naturalmente igual em todos os homens; e, assim, que a diversidade de opiniões não decorre de serem alguns mais racionais que outros, mas unicamente do fato de conduzirmos nossos pensamentos por diversas vias e não considerarmos as mesmas coisas. Porque não basta ter um bom espírito, o principal é aplicá-lo bem.”

(Marcondes, Danilo. *Textos Básicos de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2009)

Nesse fragmento, Descarte deixa claro sua preocupação com os parâmetros necessários para que as pessoas possam distinguir o verdadeiro do falso. Assinale a alternativa na qual se encontra um comentário incorreto em relação à interpretação do texto ou das ideias do filósofo.



- a) O “penso, logo existo”, ou seja, o chamado cogito permite a certeza de que o indivíduo pensante poderia pensar bem, se adotasse um método.
- b) Descartes acreditava que o bom senso por si só já era garantia de que as pessoas seriam capazes de separar o falso do verdadeiro.
- c) Para Descartes, somos todos racionais e podemos chegar à verdade, isso não depende da possibilidade, negada pelo autor, de uns serem mais racionais que outros.
- d) Todos temos potencial para encaminhar bem o raciocínio, o problema é que nem todo mundo quer utilizar bem essa capacidade.
- e) A condução do raciocínio deve seguir um método pautado na distinção e clareza do que for pensado.

Comentário.

Alternativa "a" está correta. O cogito garante que todo indivíduo é racional e tem a capacidade de usar bem o seu raciocínio.

Alternativa "b" está incorreta. O bom senso seria o ponto de partida, mas para se pensar bem seria necessário conduzir bem o pensamento; ou seja, só o bom senso não seria garantia nada..

Alternativa "c" está correta. O trecho “a diversidade de opiniões não decorre de serem alguns mais racionais que outro” deixa claro que afirmação dessa alternativa é verdadeira.

Alternativa "d" está correta. Conduzir bem o raciocínio depende da vontade, muitas pessoas se deixam levar por conclusões apressadas.

Alternativa "e" está correta. Descartes utiliza um critério para defender que é possível conhecer a realidade: que a hipótese seja submetida a um método e que o resultado possa ser claro e distinto.

Gabarito: B

15 .Q.(UECE 2020)

“Toda a obra de Francis Bacon se destina a substituir uma cultura do tipo retórico-literário por uma do tipo técnico-científico. Bacon está perfeitamente consciente de que a realização deste programa de reforma comporta numa ruptura com a tradição. De que tal ruptura diz respeito não só ao modo de pensar, mas também ao modo de viver dos homens. O tipo de discurso filosófico elaborado no mundo clássico pressupõe, segundo Bacon, a superioridade da contemplação sobre as obras, da resignação diante da natureza sobre a conquista da natureza, da reflexão acerca da interioridade sobre a pesquisa voltada para os fatos e as coisas.”

ROSSI, Paolo. Os filósofos e as máquinas:1400-700. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.75/adaptado.

A passagem acima expõe a relação entre o pensamento filosófico moderno, representado por Francis Bacon, e o pensamento filosófico clássico. Sobre essa relação, é correto afirmar que

A) não houve nenhuma mudança substantiva entre a forma como os modernos pensavam o mundo e a forma como os antigos interpretavam a realidade, a não ser no aspecto da adoção de um processo metodológico diferenciado do pensamento.



B) a filosofia dos modernos buscava compreender a forma do pensamento e a partir de um raciocínio dedutivo, ao contrário dos antigos que baseavam o pensamento na forma indutiva e experimental de abordagem da realidade.

C) a mudança da maneira com que os filósofos da modernidade passaram a pensar a realidade foi radical em relação aos antigos, representando uma ruptura com um tipo de saber retórico e a adoção de um pensamento focado na pesquisa sobre os fatos e as coisas.

D) embora ancorada em raciocínio lógico e em um método mais preciso de análise, a filosofia dos modernos mostrava-se inferior ao pensamento antigo, em decorrência tanto de sua dependência excessiva da experiência, como do abandono do raciocínio.

Comentário.

Alternativa "a" está incorreta. Logo no primeiro período, o autor afirma que houve substituição de parâmetros culturais, isso é uma mudança substantiva.

Alternativa "b" está incorreta. O raciocínio dedutivo é típico do pensamento clássico, a ciência fundada por Galileu e elogiada por Bacon vale-se da indução.

Alternativa "c" está correta. A ideia expressa de ruptura dessa alternativa está demarcada textualmente no primeiro período, onde lê-se "Toda a obra de Francis Bacon se destina a substituir uma cultura do tipo retórico-literário por uma do tipo técnico-científico".

Alternativa "d" está incorreta. No final do fragmento, tem-se a impressão de que a filosofia dos modernos é inferior. Numa leitura mais atenta, pode-se perceber que o autor quis dizer o contrário. Para Bacon o discurso dos antigos privilegiava a contemplação e não a ação, mas essa não era a postura de Bacon, afinal a aparente inferioridade dos modernos tem mais aplicabilidade no mundo, uma vez que ele faz referência à "conquistada natureza" e à "a pesquisa voltada para os fatos e as coisas".

Gabarito: C

16. (Enem 2016)

Nunca nos tornaremos matemáticos, por exemplo, embora nossa memória possua todas as demonstrações feitas por outros, se nosso espírito não for capaz de resolver toda espécie de problemas; não nos tornaríamos filósofos, por ter lido todos os raciocínios de Platão e Aristóteles, sem poder formular um juízo sólido sobre o que nos é proposto. Assim, de fato, pareceríamos ter aprendido, não ciências, mas histórias.

DESCARTES. R. *Regras para a orientação do espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Em sua busca pelo saber verdadeiro, o autor considera o conhecimento, de modo crítico, como resultado da

- a) investigação de natureza empírica.
- b) retomada da tradição intelectual.
- c) imposição de valores ortodoxos.
- d) autonomia do sujeito pensante.
- e) liberdade do agente moral.

Comentário.



Alternativa "a" está incorreta. O autor não fala da observação da natureza, mas da própria capacidade do espírito em resolver os problemas.

Alternativa "b" está incorreta. Ele rechaça a tradição intelectual. Ele afirma que não seremos mais capazes por "ter lido todos os raciocínios de Platão e Aristóteles".

Alternativa "c" está incorreta. Não há no texto referência à imposição de valores.

Alternativa "d" está correta. O autor afirma que a ciência não se faz pela tradição que acessa a memória, mas pela própria capacidade individual de resolver "toda espécie de problemas".

Alternativa "e" está incorreta. No texto, Descartes está discutindo questões relacionadas ao conhecimento, não à moral.

Gabarito: D

17. Q.(Enem/2014)

É o caráter radical do que se procura que exige a radicalização do próprio processo de busca. Se todo o espaço for ocupado pela dúvida, qualquer certeza que aparecer a partir daí terá sido de alguma forma gerada pela própria dúvida, e não será seguramente nenhuma daquelas que foram anteriormente varridas por essa mesma dúvida.

SILVA, F. L. Descartes: a metafísica da modernidade. São Paulo: Moderna, 2001 (adaptado).

Apesar de questionar os conceitos da tradição, a dúvida radical da filosofia cartesiana tem caráter positivo por contribuir para o (a):

- a) dissolução do saber científico.
- b) recuperação dos antigos juízos.
- c) exaltação do pensamento clássico.
- d) surgimento do conhecimento inabalável.
- e) fortalecimento dos preconceitos religiosos.

Comentário.

Alternativa a, falsa. Descartes procurava uma base segura para o conhecimento.

Alternativa b, falsa. Descartes criticava os juízos antigos, pois eles provocavam mais dúvidas do que certezas.

Alternativa c, falsa. Descartes inaugura o pensamento moderno, sem conexão com o pensamento anterior, aliás quando menciona um argumento da tradição, faz isso atribuindo outros sentidos aos velhos conceitos.

Alternativa d, verdadeira. A dúvida para Descartes é um instrumento para se chegar à certeza.

Alternativa e, falsa. Descartes estava preocupado com a certificação do conhecimento e não com a afirmação da teologia.

Gabarito: D

18. Q.(UFPR 2019) Mas, logo em seguida, adverti que enquanto eu queria assim pensar que tudo era falso, cumpria necessariamente que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, notando que esta verdade: eu penso, logo existo, era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos cétricos não seriam capazes de abalar, julguei que podia aceitá-la, sem escrúpulo, como o primeiro princípio da Filosofia que procurava.

(DESCARTES. Discurso do método. Col. Os Pensadores. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo:



Nova Cultural, 1991, p. 46.)

O texto citado corresponde a uma das passagens mais marcantes da filosofia de Descartes, um filósofo considerado por muitos intérpretes como o pai do racionalismo. Com base no texto e na ideia geral de racionalismo, é correto afirmar:

- a) O racionalismo tem como garantia de verdade a experiência.
- b) Descartes é um filósofo empirista, visto que faz experiências de pensamento.
- c) Descartes inaugura um tipo de busca pela verdade que se ampara no exercício.
- d) A expressão “penso, logo existo” é uma das suposições dos cétricos sobre o conhecimento.
- e) Descartes não buscava um princípio seguro, pois duvidava de todas as coisas.

Comentário.

Alternativa "a" está incorreta. O racionalismo tem como garantia de verdade a razão, não a experiência.

Alternativa "b" está incorreta. Descartes é racionalista.

Alternativa "c" está correta. Essa alternativa não está completa. Descartes se ampara no exercício mental de análise e síntese.

Alternativa "d" está incorreta. Os cétricos não chegariam a nenhuma conclusão, pois a proposta dessa escola filosófica é sempre duvidar.

Alternativa "e" está incorreta. O fragmento desmente essa alternativa, pois é possível ler “eu penso, logo existo, era tão firme e tão certa que ...cétricos não seriam capazes de abalar”, ou seja, ele buscava um ponto de partida seguro.

Gabarito: C

19.Q. (Ufu 2018)

Na obra *Discurso do método*, o filósofo francês René Descartes descreve as quatro regras que, segundo ele, podem levar ao conhecimento de todas as coisas de que o espírito é capaz de conhecer.

Quanto a uma dessas regras, ele diz que se trata de "dividir cada dificuldade que examinasse em tantas partes quantas possíveis e necessárias para melhor resolvê-las".

Descartes. *Discurso do método*, I-II, citado por: MARCONDES, Danilo. *Textos Básicos de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000. Tradução de Marcus Penchel.

Essa regra, transcrita acima, é denominada

- a) regra da análise.
- b) regra da síntese.
- c) regra da evidência.
- d) regra da verificação.



Comentário.

Alternativa "a" está correta. "Análise" significa "dividir".

Alternativa "b" está incorreta. "Síntese" significa "juntar".

Alternativa "c" está incorreta. A evidência é o resultado de todo o processo metodológico.

Alternativa "d" está incorreta. A verificação é uma regra de segurança. Depois de feita a análise e a síntese, deve-se verificar se não houve erro no meio do processo.

Gabarito: A

20 . Q(Unioeste 2010)

"Há já algum tempo dei-me conta de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões por verdadeiras e de que aquilo que depois eu fundei sobre princípios tão mal assegurados devia ser apenas muito duvidoso e incerto; de modo que era preciso tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões que recebera até então em minha crença e começar tudo novamente desde os fundamentos, se eu quisesse estabelecer alguma coisa de firme e de constante nas ciências. [...] Agora, pois, que meu espírito está livre de todas as preocupações e que obtive um repouso seguro numa solidão tranquila, aplicar-me-ei seriamente e com liberdade a destruir em geral todas as minhas antigas opiniões. Ora, não será necessário, para atingir esse propósito, provar que elas todas são falsas, o que talvez jamais realizasse até o fim; mas, visto que a razão já me persuade de que não devo menos cuidadosamente impedir-me de acreditar nas coisas que não são inteiramente certas e indubitáveis do que nas que nos parecem ser manifestamente falsas, a menor razão de duvidar que eu nelas encontrar será suficiente para me fazer rejeitá-las todas." (Descartes)

A partir da filosofia cartesiana, seguem as seguintes afirmações:

- I. A dúvida cartesiana é uma dúvida sobre os fundamentos do conhecimento, e seu objetivo é avaliar a possibilidade da conquista de algo evidente e verdadeiro.
- II. A primeira certeza que conquistamos é a de que, embora nossos sentidos nos enganem às vezes, não é possível duvidar da existência das coisas que nos rodeiam.
- III. A dúvida, quando generalizada ao máximo, será autodestrutiva, uma vez que ela é um ato de pensar e, portanto, requer como certa a existência de uma entidade que é sujeito desse ato.
- IV. Generalizar ao máximo a dúvida é uma atitude irracional e meramente negativa.
- V. A dúvida cartesiana traz como resultado um fato determinante para toda a filosofia moderna: só temos acesso imediato às nossas percepções mentais, ao passo que o conhecimento de tudo o mais (o mundo, Deus, etc.) deve ser provado como possível, dada a distância que há entre nossos pensamentos e as demais coisas.

Das afirmações feitas acima

- a) apenas as afirmativas II, III e IV estão corretas.
- b) apenas as afirmativas I e III estão corretas.



- c) apenas as afirmativas I, III e V estão corretas.
- d) apenas a afirmativa IV está incorreta.
- e) todas as afirmativas estão corretas.

Comentário.

Afirmção I, verdadeira. Descartes duvidou artificialmente para poder extrair alguma verdade.

Afirmção II, falsa. A primeira certeza é o “penso, logo existo”, ou seja, a certeza da própria existência.

Afirmção III, verdadeira. No próprio fragmento é possível perceber que Descartes estava cansado das dúvidas e procurava um fundamento indubitável.

Afirmção IV, falsa. Descartes generalizou ao máximo a dúvida e fez isso por motivos racionais.

Afirmção V, verdadeira. Descartes, ao chegar ao “penso, logo existo”, pauta-se pela certeza que ele tem desse fato sem a necessidade de argumentos que provem isso; Deus e as coisas ao seu redor devem ser provados a partir de argumentos racionais, ou seja, são entes percebido não de forma imediata, mas pela mediação da razão.

Gabarito: C

21.Q.(UECE 2020)

“Aliada ao rompimento das ideias do mundo medieval, rompeu-se também a confiança nos velhos caminhos para a produção do conhecimento: a fé, a contemplação não eram mais consideradas vias satisfatórias para se chegar à verdade. Um novo caminho, um novo método precisava ser encontrado, que permitisse superar as incertezas.”

ANDERY, Maria Amália, et al. Para compreender a ciência. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988, p.173.

Considerando o surgimento da ciência moderna e sua forma de abordagem da realidade, assinale a opção que completa correta e respectivamente as lacunas do seguinte enunciado:

O _____1 e o _____2 foram correntes filosófico-científicas que contribuíram para o surgimento das ciências modernas. O primeiro valoriza o raciocínio como fonte do verdadeiro conhecimento e aborda a realidade a partir do _____3 . O segundo, por sua vez, valoriza a experiência e procura produzir conhecimentos na lida com os fatos e as coisas humanas e naturais, e analisa a realidade através do _____4 .

- A) empirismo1; humanismo2; método dedutivo3; método qualitativo4
- B) racionalismo1; empirismo2; método dedutivo3; método indutivo4
- C) racionalismo1; empirismo2; método empírico3; método indutivo4
- D) empirismo1; racionalismo2; método racional3; método matemático4

Comentário.

Alternativa "A" está incorreta. O humanismo não foi um método de abordagem da ciência. É um termo amplo que significa valorização das questões humanas por parte dos pensadores se opõe ao teocentrismo.



Alternativa "B" está correta. O racionalismo se relaciona com o pensamento dedutivo (parte-se do geral para chegar a uma conclusão particular); o empirismo se relaciona com o pensamento indutivo (parte-se de casos particulares para chegar a generalizações).

Alternativa "C" está incorreta. Na questão, o item 3 deve ser contrário ao item 4, contudo método empírico e método indutivo são quase sinônimos.

Alternativa D está incorreta. O item 3 deve se referir ao item 1; na alternativa método racional deve se relacionar com empirismo, o que é falso, pois empirismo se refere à observação da realidade.

Gabarito: B

22. Enem /2014

É o caráter radical do que se procura que exige a radicalização do próprio processo de busca. Se todo o espaço for ocupado pela dúvida, qualquer certeza que aparecer a partir daí terá sido de alguma forma gerada pela própria dúvida, e não será seguramente nenhuma daquelas que foram anteriormente varridas por essa mesma dúvida.

SILVA, F. L. Descartes: a metafísica da modernidade. São Paulo: Moderna, 2001 (adaptado).

Apesar de questionar os conceitos da tradição, a dúvida radical da filosofia cartesiana tem caráter positivo por contribuir para o (a):

- a) dissolução do saber científico.
- b) recuperação dos antigos juízos.
- c) exaltação do pensamento clássico.
- d) surgimento do conhecimento inabalável.
- e) fortalecimento dos preconceitos religiosos.

Comentário.

Alternativa a, falsa. A dúvida hiperbólica se voltava sobretudo contra a tradição e não contra a ciência nascente.

Alternativa b, falsa. Para Descartes, os antigos juízos não tinham valor de verdade, somente de erudição.

Alternativa c, falsa. Para o pensamento clássico, o conhecimento deveria ser contemplativo e não prático como quer Descartes.

Alternativa d, verdadeira. A partir da dúvida, o indivíduo pode se livrar de preconceitos e reconhecer algo que, por escapar à dúvida, seja capaz de servir como ponto de partida para um conhecimento inabalável.

Alternativa e, falsa. A religião é baseada na crença e na fé, a dúvida não fortalece a religião, pode destruí-la.

Gabarito: D

23 (Ufsj 2012)

Ao analisar o *cogito ergo sum* – penso, logo existo, de René Descartes, conclui-se que

- a) o pensamento é algo mais certo que a própria matéria corporal.



- b) a subjetividade científica só pode ser pensada a partir da aceitação de uma relação empírica fundada em valores concretos.
- c) o *eu* cartesiano é uma ideia emblemática e representativa da ética que insurgia já no século XVI.
- d) Descartes consegue infirmar todos os sistemas científicos e filosóficos ao lançar a dúvida sistemático-indutiva respaldada pelas ideias iluministas e métodos incipientes da revolução científica.

Comentário.

Alternativa a, verdadeira. Ao chegar ao “penso, logo existo”, o filósofo não prova a existência pelo corpo, mas pela pura dedução. O *cogito* é importante na medida em que manifesta a primazia do pensamento sobre a materialidade.

Alternativa b, falsa. A ciência não é subjetiva, ela é objetiva.

Alternativa c, falsa. Descartes, nessa formulação, discute a fundamentação do conhecimento e não da ética.

Alternativa e, falsa. Descartes é um filósofo anterior ao Iluminismo. Ele não “infirmar” (anula) os sistemas científicos.

Gabarito: A

24. UFU 2011

Na obra *Discurso sobre o método*, René Descartes propôs um novo método de investigação baseado em quatro regras fundamentais, inspiradas na geometria: evidência, análise, síntese, controle.

Assinale a alternativa que contenha corretamente a descrição das regras de análise e síntese.

- a) A regra da *análise* orienta a enumerar todos os elementos analisados; a regra da *síntese* orienta decompor o problema em seus elementos últimos, ou mais simples.
- b) A regra da *análise* orienta a decompor cada problema em seus elementos últimos ou mais simples; a regra da *síntese* orienta ir dos objetos mais simples aos mais complexos.
- c) A regra da *análise* orienta a remontar dos objetos mais simples até os mais complexos; a regra da *síntese* orienta prosseguir dos objetos mais complexos aos mais simples.
- d) A regra da *síntese* orienta a acolher como verdadeiro apenas aquilo que é evidente; a regra da *análise* orienta descartar o que é evidente e só orientar-se, firmemente, pela opinião.

Comentário.

Essa questão não deveria apresentar dificuldade, pois basta entender o significado das palavras. “Análise” significa dividir e “síntese”, juntar.

Alternativa a, falsa. É o contrário do que diz o enunciado: “análise” significa decompor.

Alternativa b, verdadeira. Na análise devem-se separar os elementos constitutivos do que está sendo estudado e, na síntese, deve-se recompô-los.

Alternativa c, falsa. “Remontar os objetos do mais simples até o mais complexo” é uma ação própria da síntese e não da análise.



Alternativa e, falsa. O pressuposto dessa alternativa não se refere nem à análise nem à síntese. Antes de começar o processo de conhecimento, o indivíduo deve tomar cuidado para acolher como verdadeiro somente o que é claro e distinto.

Gabarito: B

25. Enem 2012)

TEXTO I

Experimentei algumas vezes que os sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez.

DESCARTES, R. *Meditações Metafísicas*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

TEXTO II

Sempre que alimentarmos alguma suspeita de que uma ideia esteja sendo empregada sem nenhum significado, precisaremos apenas indagar: de que impressão deriva esta suposta ideia? E se for impossível atribuir-lhe qualquer impressão sensorial, isso servirá para confirmar nossa suspeita.

HUME, D. *Uma investigação sobre o entendimento*. São Paulo: Unesp, 2004 (adaptado).

Nos textos, ambos os autores se posicionam sobre a natureza do conhecimento humano. A comparação dos excertos permite assumir que Descartes e Hume

- a) defendem os sentidos como critério originário para considerar um conhecimento legítimo.
- b) entendem que é desnecessário suspeitar do significado de uma ideia na reflexão filosófica e crítica.
- c) são legítimos representantes do criticismo quanto à gênese do conhecimento.
- d) concordam que conhecimento humano é impossível em relação às ideias e aos sentidos.
- e) atribuem diferentes lugares ao papel dos sentidos no processo de obtenção do conhecimento.

Comentário.

Alternativa a, falsa. Descartes declara explicitamente que experimentou os sentidos como enganosos.

Alternativa b, falsa. Hume deixa claro que sempre que tiver uma ideia, precisa apelar para uma sensação, ou seja, ele desconfia da ideia.

Alternativa c, falsa. Criticismo significa que somente se deve aceitar alguma ideia como verdadeira se for adotado algum tipo de critério de julgamento. No fragmento de Descartes, só há uma desconfiança em relação aos sentidos, ele não faz análise disso para estabelecer algum critério de verdade nesse trecho.

Alternativa d, falsa. Essa discussão não está no texto, e, no caso de Descartes, ela é falsa, pois ele acredita que a verdade é possível.

Alternativa e, verdadeira. Descartes acredita que os sentidos atrapalham o conhecimento; Hume acha que só temos a experiência, mais nada. Ou seja, cada um dá um lugar diferente para o papel da experiência.

Gabarito: E

26 Q. (Unioeste 2012)



“Kuhn sustenta que a ciência progride quando os cientistas são treinados numa tradição intelectual comum e usam essa tradição para resolver os problemas que ela suscita. Kuhn vê a história de uma ciência ‘madura’ como sendo, essencialmente, uma sucessão de tradições, cada uma das quais com sua própria teoria e seus próprios métodos de pesquisa, cada um guiando uma comunidade de cientistas durante um certo período de tempo e sendo finalmente abandonada. Kuhn começou por chamar às ideias de uma tradição científica um ‘paradigma’ [...] O paradigma, como um todo, determina que problemas são investigados, que dados são considerados pertinentes, que técnicas de investigação são usadas e que tipos de solução se admitem. [...] Revoluções, como as de Copérnico, Newton, Darwin e Einstein não são frequentes, diz Kuhn, e são deflagradas por crises. Uma crise ocorre quando os cientistas são incapazes de resolver muitos problemas de longa data com que o paradigma se defronta”.

Kneller

Considerando o texto acima e as ideias de Kuhn sobre a atividade científica, seguem as afirmativas abaixo:

- I. O paradigma determina o que uma comunidade científica pode investigar, quais os métodos e as soluções possíveis.
- II. A história da ciência mostra uma sucessão de rupturas ou revoluções, ou seja, mudanças de paradigmas e não um processo progressivo linear contínuo do conhecimento científico.
- III. Um paradigma entra em crise e pode ser substituído por outro quando ele não permite mais a solução de problemas considerados importantes pela comunidade científica.
- IV. A história da ciência não tem nenhuma importância para a investigação da atividade científica, pois a ciência não é condicionada, de forma alguma, por seu contexto histórico.
- V. O progresso científico ocorre dentro de uma tradição enquanto o paradigma permitir que os problemas considerados importantes sejam resolvidos (ciência normal).

Das afirmativas feitas acima

- a) apenas IV está correta.
- b) apenas III e V estão corretas.
- c) apenas I, II e IV estão corretas.
- d) apenas I, II e V estão corretas.
- e) apenas I, II, III, V estão corretas.

Comentário.

Afirmção I, verdadeira. O que o autor diz de forma geral, “os cientistas são treinados numa tradição intelectual comum e usam essa tradição para resolver os problemas” define o que Kuhn considera ser paradigma, ou seja, é isso que determina “o que uma comunidade científica pode investigar”.

Afirmção II, verdadeira. O texto afirma “Revoluções, como as de Copérnico, Newton, Darwin e Einstein não são frequentes, diz Kuhn, e são deflagradas por crises”, portanto, na ciência, observam-se rupturas.



Afirmção III, verdadeira. A causa da mudança de paradigma aparece no seguinte trecho do texto “Uma crise ocorre quando os cientistas são incapazes de resolver muitos problemas”.

Afirmção IV, falsa. Essa teoria dos paradigmas só pode ser inferida se considerarmos as grandes mudanças ocorridas na história da ciência, portanto, essa história é fundamental.

Afirmção V, verdadeira. A ideia de que o progresso ocorre dentro de uma mesma tradição pode ser provado com a primeira frase do fragmento, “Kuhn sustenta que a ciência progride quando os cientistas são treinados numa tradição intelectual”.

Gabarito: E

27. Q.UNESP/ 2018

Convicção é a crença de estar na posse da verdade absoluta. Essa crença pressupõe que há verdades absolutas, que foram encontrados métodos perfeitos para chegar a elas e que todo aquele que tem convicções se serve desses métodos perfeitos. Esses três pressupostos demonstram que o homem das convicções está na idade da inocência, e é uma criança, por adulto que seja quanto ao mais. Mas milênios viveram nesses pressupostos infantis, e deles jorraram as mais poderosas fontes de força da humanidade. Se, entretanto, todos aqueles que faziam uma ideia tão alta de sua convicção houvessem dedicado apenas metade de sua força para investigar por que caminho haviam chegado a ela: que aspecto pacífico teria a história da humanidade!

(Nietzsche. *Obras incompletas*, 1991. Adaptado.)

Nesse excerto, Nietzsche

- a) defende o inatismo metafísico contra as teses empiristas sobre o conhecimento.
- b) valoriza a posse da verdade absoluta como meio para a realização da paz.
- c) defende a fé religiosa como alicerce para o pensamento crítico.
- d) identifica a maturidade intelectual com a capacidade de conhecer a verdade absoluta
- e) valoriza uma postura crítica de autorreflexão, em oposição ao dogmatismo.

Comentário:

Alternativa a, falsa. O texto não faz referência ao inatismo.

Alternativa b, falsa. O texto critica a posse da verdade absoluta como traço de infantilidade.

Alternativa c, falsa. O filósofo não se refere textualmente à religião; e ao mencionar crença, ele a critica.

Alternativa d, falsa. A vontade de abarcar a verdade absoluta é característica infantil, segundo o autor; esse desejo não identifica “maturidade intelectual”.

Alternativa e, verdadeira. Dogmatismo é a crença na verdade absoluta, algo que o autor critica, obviamente valorizando uma postura de autorreflexão.

Gabarito: E



LISTA DE QUESTÕES

1. Q. (Banca FEPESE/2019 Prefeitura de Freiburg/ SC- Auxiliar Educacional)

A Filosofia é um estudo relacionado à existência, ao conhecimento, à verdade, aos valores morais e estéticos, à mente e à linguagem.

Seus métodos estão caracterizados pela:

- a) Argumentação.
 - b) Segregação.
 - c) Indução.
 - d) Comparação.
 - e) Homogeneidade.
-

2 Q. (Banca IBFC/2017 SEDUC-MT Professor)

“A _____, desempenha um papel muito importante, não apenas na Filosofia, mas na construção de todo conhecimento que se pretenda _____, ou ao menos, sustentável, qual seja: ajudar a analisar a própria estrutura formal e expressiva do conhecimento, de como pode ser bem estruturado e, assim, bem compreendido”.

Assinale a alternativa que completa correta e respectivamente as lacunas.

- a) Biologia – Falso
 - B) Lógica – Verdadeiro
 - c) Lógica – Falso
 - d) Matemática – demonstrar
 - e) Geografia – Construir
-

3. Q. (Banca VUNESP/2017 Aspirante PM-SP)





A academia de Atenas, de Rafael Sânzio, um pintor renascentista.

Embora não seja algo preciso e rigoroso, há uma tradição que concebe duas correntes filosóficas opostas a percorrerem os séculos, consagradas simbolicamente pelas duas figuras centrais, Platão e Aristóteles, presentes no célebre quadro de Rafael, *A escola de Atenas*. São elas:

- a) o tomismo, desenvolvido na Idade Média, pela Igreja católica, e o criticismo, surgido na Antiguidade, e que teve apogeu no século XIX.
- b) o ceticismo, que diz que não há conhecimento seguro sobre o empírico, e o empirismo, que se fundamenta na experiência para a produção de conhecimentos científicos.
- c) o empirismo, caracterizado pela ideia de que a razão é a fonte do conhecimento verdadeiro, e o racionalismo, que defende o uso de métodos racionais para se atingir um conhecimento seguro.
- d) o racionalismo, que concebe o sujeito como fonte do conhecimento, e o empirismo, que entende que a origem do conhecimento está nos sentidos.
- e) o platonismo, que concebe a existência de um mundo ideal, e o aristotelismo, que entende que a natureza é a origem da verdade.

PARA RESPONDER À PRÓXIMA QUESTÃO, LEIA O FRAGMENTO ABAIXO.

4. (Autorial)

“Chama-se realismo a posição filosófica que afirma a existência objetiva ou em si da realidade externa como uma realidade racional em si e por si mesma e, portanto, que afirma a existência da razão objetiva.

Há filósofos, porém, que estabelecem uma diferença entre a realidade e o conhecimento racional que dela temos. Dizem eles que, embora a realidade externa exista em si e por si mesma, só podemos conhecê-la tal como nossas idéias a formulam e a organizam e não tal como ela seria em si mesma. Não podemos saber nem dizer se a realidade exterior é racional em si, pois só podemos saber e dizer que ela é racional para nós, isto é, por meio de nossas idéias.

Essa posição filosófica é conhecida com o nome de idealismo e afirma apenas a existência da razão subjetiva. A razão subjetiva possui princípios e modalidades de conhecimento que são universais e necessários, isto é, válidos para todos os seres humanos em todos os tempos e lugares. O que chamamos realidade, portanto, é apenas o que podemos conhecer por meio das idéias de nossa razão”.

(CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ed. Ática, 2005)

Considerando a o idealismo e o racionalismo, pode-se dizer que...

- a) O Idealismo e o Racionalismo são a mesma coisa com nomes diferentes.
 - b) O Idealismo se relaciona à concepção de Platão que considerava a reminiscência como forma de conhecer a realidade, enquanto o Racionalismo rejeita a ideia de aprendizado pela reminiscência, mas mantém a concepção de que a mente já tem em si algo que permite conhecer a realidade.
 - c) O Idealismo é oposto ao Racionalismo. Enquanto o primeiro é religioso o segundo é ateu e científico.
 - d) O Idealismo se completa com o Racionalismo. A concepção de ideias perfeitas de Platão é retomada pelos racionalistas que acreditam que as ideias da alma são racionais e verdadeiras.
 - e) O Idealismo não permite chegar à conclusão de que podemos conhecer algo da realidade já que tudo é ideia, enquanto o Realismo acha que só conhecemos aquilo que percebemos pelas sensações.
-

5. (Autorial)

Com efeito, foi pela admiração que os homens começaram a filosofar tanto no princípio como agora; perplexos, de início, ante as dificuldades mais óbvias, avançaram pouco a pouco e enunciaram problemas a respeito das maiores, como os fenômenos da Lua, do Sol e das estrelas, assim como a gênese do universo. E o homem que é tomado de perplexidade e admiração julga-se ignorante (por isso o amigo dos mitos é, em certo sentido, um filósofo, pois também o mito é tecido de maravilhas); portanto, como filosofavam para fugir à ignorância, é evidente que buscavam a ciência a fim de saber, e não com uma finalidade utilitária.

(ARISTÓTELES. *Metafísica*. Livro I. Tradução Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969. p. 40.)

Assinale a alternativa que melhor comenta a perspectiva aristotélica expressa no fragmento.

- a) o trecho manifesta uma certa incoerência de Aristóteles, pois fugir da ignorância é uma função utilitária.
 - b) Aristóteles não faz qualquer distinção entre o amigo dos mitos e o filósofo.
 - c) Percebe-se uma visão aristocrática da filosofia, já que o conhecimento nasce da admiração não utilitária.
 - d) O autor limita a filosofia ao associá-la simplesmente aos fenômenos astronômicos.
 - e) A filosofia deve ser permeada pela postura modesta de quem sabe que é ignorante em relação à realidade.
-

6. (Autorial)

Texto I

"Se o sábio alguma vez der assentimento a algo, às vezes opinará; mas o sábio nunca tem opiniões; portanto, o sábio não dará assentimento a nada".

(Cícero, *Acadêmicos*)

Texto II

"[C]omo temos em nós uma faculdade real para conhecer o verdadeiro e distingui-lo do falso (como é possível provar pelo simples fato de possuímos em nós as ideias do verdadeiro e do falso), se essa faculdade não tendesse ao verdadeiro [...] não seria sem razão que Deus, que no-la concedeu, seria tido como enganador".



(Descartes, R. *Meditações Metafísicas*)

Considerando a relação entre os textos, assinale a alternativa correta.

- a) Os dois textos manifestam a mesma definição do que é um sábio.
- b) O texto I relaciona o sábio ao conhecimento baseado na opinião; já o texto II deixa claro que a sabedoria advém de ir para além do senso comum.
- c) O texto I manifesta dúvida em relação à capacidade de conhecer; no texto II, percebe-se a crença na capacidade do homem de conhecer a realidade.
- d) Os textos se opõem. O primeiro desqualifica o conhecimento, pois não reconhece a fonte divina da sabedoria, enquanto o segundo entende que, tendo Deus como fonte, não é possível errar.
- e) O primeiro fragmento tem como finalidade aconselhar a como se comportar de maneira sábia; já o segundo texto tem como finalidade fazer o infiel acreditar em Deus.

7 (Autorial)



(disponível em <https://www.picuki.com/media/2242260961325433062> , acessado em 30.03.2020).

A partir desse quadrinho, são feitas as afirmações abaixo.

- I. Essa imagem retoma de certa forma a divisão feita por Platão entre *doxa* (opinião) e *alética* (verdade).
- II. A prevalência da opinião, típica das redes sociais, tem uma defesa nos pressupostos dos sofistas para quem cada indivíduo tem sua forma de ver o mundo.
- III. A oposição expressa também pode ser caracterizada pelo abismo que separa senso comum de ciência.
- IV. O quadro expressa a ideia dos céticos de que a realidade não pode ser conhecida.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmações I e II são corretas.
- b) As afirmações I, II e III são corretas.
- c) Todas as afirmações são corretas

- d) Somente a afirmação I é correta.
e) As afirmações I e III são corretas.
-

8 (Autorial)

Texto I

“Outro ponto é que, para saber se uma droga é eficaz, é necessária comparação com um grupo de controle e, em geral, um grande número de participantes. Idealmente parte dos pacientes recebe a droga, outra parte recebe um placebo. Aqui ainda entra a randomização, melhor método para criar grupos com características semelhantes. Isso é necessário para que não aconteça algo como dar o medicamento para casos mais leves (que irão morrer menos) e placebo para casos mais graves (que irão morrer mais), levando a falsas conclusões. Nenhuma dessas premissas foi seguida neste trabalho.”

(Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/replica-ciencia-e-nao-o-achismo-nos-levara-a-sucesso-no-combate-ao-coronavirus.shtml>, acessado em 08.04.2020).

Texto II

Xô gripe!

No primeiro dia de Lua Minguante, descasque um dente de alho, risque-o com um objeto de metal e coloque-o em meio copo com água. Tampe o copo e deixe-o passar a noite no sereno, coberto, até o outro dia. Antes do Sol nascer, pegue o copo e tome a água em jejum, jogando o alho fora. Repita esta simpatia nos dois dias seguintes. Depois de lavado, use o copo normalmente.

(Disponível em <https://joaobidu.com.br/simpatias-imunidade-protecao>, acessado em 08.04.2020).

A partir da leitura dos dois textos, são feitas as seguintes afirmações:

- I. A oposição entre os textos pode ser associada à oposição entre sofistas e filósofos no que diz respeito à aceitação ou não de explicações naturalistas dos fenômenos.
II. O que torna a ciência uma forma de conhecimento mais confiável é o fato de ela se apoiar em um método rigoroso e não adotar protocolos ao sabor das conveniências.
III. O texto II manifesta uma concepção mítica sobre o mundo, que se apoia na concepção central de que há interferência proposital de entidades sobrenaturais no mundo material.
IV. Embora partam de premissas bastante diferentes, nos dois, observa-se a tentativa do controle da natureza, no primeiro texto pela técnica, no segundo pela magia.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmações I e II são corretas.
b) As afirmações I, II e III são corretas.
c) Todas as afirmações são corretas
d) As afirmações II e IV são corretas.
e) As afirmações I e III são corretas.
-



9. (Autorial)

“Nossos ancestrais evoluíram em pequenos grupos, onde a cooperação e a persuasão tinham tanta influência no sucesso reprodutivo quanto ter crenças factuais precisas sobre o mundo. A integração a uma tribo requeria a assimilação do sistema de crenças ideológicas do grupo. Um viés instintivo a favor do grupo e suas visões de mundo está profundamente enraizado na psicologia humana.

O senso de identidade de um humano está intimamente ligado aos status e crenças do seu grupo identitário. Não surpreende, então, que as pessoas respondam automaticamente e defensivamente a informações que ameaçam suas visões ideológicas.”

(disponível em <https://www.nexojornal.com.br/externo/2020/02/07/Por-que-negamos-fatos-que-contrariam-as-nossas-cren%C3%A7as>, acessado em 18.04.2020).

Esse texto pode servir como explicação da postura

- a) empírica.
 - b) epistemológica.
 - c) metafísica.
 - d) dogmática.
 - e) ética.
-

10. (Autorial)

Uma das áreas importantes da filosofia é a Epistemologia ou filosofia do conhecimento. Assinale a alternativa que aponta para o problema central dessa área da filosofia.

- a) Se é possível avaliar qual dos filósofos tem razão, uma vez que eles divergem sobre quase tudo.
 - b) Se é possível saber se filósofos como Platão, Sócrates, Parmênides e outros existiram de fato.
 - c) Se é possível conhecer a realidade tal como se apresenta a nós ou não.
 - d) Se é possível que exista um mundo inteligível que só pode ser alcançado pela alma.
 - e) Se é possível que o mundo seja um dos opostos estudados pelos pré-socráticos: ou tudo muda ou nada muda.
-

11. (Autorial)

Texto I

‘O critério da verdade está no incremento do sentimento de poder.’

(Nietzsche, Friedrich. “A vontade de poder”. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.)

Texto II

“(…)a via científica é a que melhor conduz às verdades objetivas ou impessoais, porque ela se adequa ao mundo e ao nosso aparato cognitivo.”



(disponível em <https://universoracionalista.org/elogia-ao-cientificismo/>, acessado em 11.03.2019.

Os dois textos manifestam perspectivas opostas em relação

- a) à positividade do conhecimento.
 - b) à relatividade da capacidade cognitiva.
 - c) ao dogmatismo presente nos critérios de verdade.
 - d) à eficácia observada no incremento do poder.
 - e) ao utilitarismo da ciência.
-

12. (Autorial)

“De todos os argumentos por meio dos quais demonstramos a existência das ideias, nenhum é convincente. Alguns dentre eles não conduzem a uma conclusão necessária e outros conduzem a ideias de coisas das quais, na nossa opinião [sc. nós os platonistas], não pode haver ideias. Com efeito, segundo os argumentos provenientes da existência das ciências (ἐκ τῶν ἐπιστημῶν) haverá ideias de todas as coisas das quais houver ciência; segundo o argumento da unidade de uma multiplicidade (τὸ ἓν ἐπὶ πολλῶν), haverá ideias mesmo de negações (ἀποφάσεων); enfim, segundo o argumento de que é possível pensar o perecido (τὸ νοεῖν τι φθαρέντος), haverá ideias de coisas perecíveis, pois podemos ter destas coisas uma imagem.

(Aristóteles. *A metafísica*)

O texto acima de Aristóteles discute uma postura contrária a do seu mestre Platão no que se refere

- a) à forma de argumentar, já que Platão por utilizar de analogias e até mitos não consegue ser convincente.
 - b) ao apelo a um tipo de ciência que não se baseava em conhecimento observável.
 - c) à confusão entre unidade e multiplicidade, já que Platão não demarcava com precisão essas duas categorias.
 - d) à existência do mundo ideal, já que Platão não conseguiu provar a existência do idealismo.
 - e) à ideia de negação das coisas perecíveis por Platão, já que para ele aquilo que parece não existe.
-

13. (Autorial)

Também aquele que ama o mito é, de certo modo, filósofo.

ARISTÓTELES, *Metafísica*, A 2, 982 b 18

“É certo que o lógos, assumindo progressivamente, na era clássica, o sentido de “discurso regrado” e, a partir daí, o de “raciocínio” que remete à “razão”, ao “cálculo” e à “medida”, assumiu um uso filosófico que tendia a se opor ao mito como narrativa sagrada. Entretanto, antes de chegar a uma oposição, mythos e lógos estiveram unidos, pelo menos segundo a antiga etimologia que identifica mythos e palavra.”

(Perine, Marcelo. “Mito e Filosofia”. In: *Philosophos* 2002.)

Comparando os dois textos, são feitas as seguintes afirmações:



I. Os textos parecem indicar perspectivas opostas no que se refere à relação entre filosofia e mito. Aristóteles vê a filosofia como uma continuidade da fase mítica; já o segundo texto aponta para uma diferença radical entre uma fase e outra: o mito se baseia em narrativas; a filosofia num discurso metódico.

II. O texto II oferece um argumento decisivo contra a perspectiva aristotélica.

III. Tanto o primeiro texto quando o segundo fazem avaliação do mito segundo os mesmos parâmetros.

IV. O uso da expressão restritiva “até certo modo” em Aristóteles nos permite inferir que ele também acreditava que mito e filosofia se opunham.

Assinale a alternativa correta.

a) Somente as afirmações I e II são corretas.

b) As afirmações I, II e III são corretas.

c) Todas as afirmações são corretas

d) Somente a afirmação I é correta.

e) As afirmações I e III são corretas.

14. (Autorial)

“O bom senso é a coisa mais comum do mundo: pois cada um pensa ser tão bem provido disso que mesmo os mais difíceis de contentar em tudo o mais não costumam absolutamente desejar mais bom senso do que têm. No que não é verossímil que todos se enganem; antes, isso demonstra que o poder de bem julgar e distinguir o verdadeiro do falso, que é propriamente o que se chama bom senso ou razão, é naturalmente igual em todos os homens; e, assim, que a diversidade de opiniões não decorre de serem alguns mais racionais que outros, mas unicamente do fato de conduzirmos nossos pensamentos por diversas vias e não considerarmos as mesmas coisas. Porque não basta ter um bom espírito, o principal é aplicá-lo bem.”

(Marcondes, Danilo. *Textos Básicos de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2009)

Nesse fragmento, Descarte deixa claro sua preocupação com os parâmetros necessários para que as pessoas possam distinguir o verdadeiro do falso. Assinale a alternativa na qual se encontra um comentário incorreto em relação à interpretação do texto ou das ideias do filósofo.

a) O “penso, logo existo”, ou seja, o chamado cogito permite a certeza de que o indivíduo pensante poderia pensar bem, se adotasse um método.

b) Descartes acreditava que o bom senso por si só já era garantia de que as pessoas seriam capazes de separar o falso do verdadeiro.

c) Para Descartes, somos todos racionais e podemos chegar à verdade, isso não depende da possibilidade, negada pelo autor, de uns serem mais racionais que outros.

d) Todos temos potencial para encaminhar bem o raciocínio, o problema é que nem todo mundo quer utilizar bem essa capacidade.

e) A condução do raciocínio deve seguir um método pautado na distinção e clareza do que for pensado.

15 .Q.(UECE 2020)



“Toda a obra de Francis Bacon se destina a substituir uma cultura do tipo retórico-literário por uma do tipo técnico-científico. Bacon está perfeitamente consciente de que a realização deste programa de reforma comporta numa ruptura com a tradição. De que tal ruptura diz respeito não só ao modo de pensar, mas também ao modo de viver dos homens. O tipo de discurso filosófico elaborado no mundo clássico pressupõe, segundo Bacon, a superioridade da contemplação sobre as obras, da resignação diante da natureza sobre a conquista da natureza, da reflexão acerca da interioridade sobre a pesquisa voltada para os fatos e as coisas.”

ROSSI, Paolo. Os filósofos e as máquinas:1400-700. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.75/adaptado.

A passagem acima expõe a relação entre o pensamento filosófico moderno, representado por Francis Bacon, e o pensamento filosófico clássico. Sobre essa relação, é correto afirmar que

A) não houve nenhuma mudança substantiva entre a forma como os modernos pensavam o mundo e a forma como os antigos interpretavam a realidade, a não ser no aspecto da adoção de um processo metodológico diferenciado do pensamento.

B) a filosofia dos modernos buscava compreender a forma do pensamento e a partir de um raciocínio dedutivo, ao contrário dos antigos que baseavam o pensamento na forma indutiva e experimental de abordagem da realidade.

C) a mudança da maneira com que os filósofos da modernidade passaram a pensar a realidade foi radical em relação aos antigos, representando uma ruptura com um tipo de saber retórico e a adoção de um pensamento focado na pesquisa sobre os fatos e as coisas.

D) embora ancorada em raciocínio lógico e em um método mais preciso de análise, a filosofia dos modernos mostrava-se inferior ao pensamento antigo, em decorrência tanto de sua dependência excessiva da experiência, como do abandono do raciocínio.

16. (Enem 2016)

Nunca nos tornaremos matemáticos, por exemplo, embora nossa memória possua todas as demonstrações feitas por outros, se nosso espírito não for capaz de resolver toda espécie de problemas; não nos tornaríamos filósofos, por ter lido todos os raciocínios de Platão e Aristóteles, sem poder formular um juízo sólido sobre o que nos é proposto. Assim, de fato, pareceríamos ter aprendido, não ciências, mas histórias.

DESCARTES. R. *Regras para a orientação do espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Em sua busca pelo saber verdadeiro, o autor considera o conhecimento, de modo crítico, como resultado da

- a) investigação de natureza empírica.
- b) retomada da tradição intelectual.
- c) imposição de valores ortodoxos.
- d) autonomia do sujeito pensante.
- e) liberdade do agente moral.

17. Q.(Enem/2014)

É o caráter radical do que se procura que exige a radicalização do próprio processo de busca. Se todo o espaço for ocupado pela dúvida, qualquer certeza que aparecer a partir daí terá sido de alguma forma gerada pela própria dúvida, e não será seguramente nenhuma daquelas que foram anteriormente varridas por essa mesma dúvida.



SILVA, F. L. Descartes: a metafísica da modernidade. São Paulo: Moderna, 2001 (adaptado).

Apesar de questionar os conceitos da tradição, a dúvida radical da filosofia cartesiana tem caráter positivo por contribuir para o (a):

- a) dissolução do saber científico.
 - b) recuperação dos antigos juízos.
 - c) exaltação do pensamento clássico.
 - d) surgimento do conhecimento inabalável.
 - e) fortalecimento dos preconceitos religiosos.
-

18. Q.(UFPR 2019) Mas, logo em seguida, adverti que enquanto eu queria assim pensar que tudo era falso, cumpria necessariamente que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, notando que esta verdade: eu penso, logo existo, era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos céticos não seriam capazes de abalar, julguei que podia aceitá-la, sem escrúpulo, como o primeiro princípio da Filosofia que procurava.

(DESCARTES. Discurso do método. Col. Os Pensadores. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Nova Cultural, 1991, p. 46.)

O texto citado corresponde a uma das passagens mais marcantes da filosofia de Descartes, um filósofo considerado por muitos intérpretes como o pai do racionalismo. Com base no texto e na ideia geral de racionalismo, é correto afirmar:

- a) O racionalismo tem como garantia de verdade a experiência.
 - b) Descartes é um filósofo empirista, visto que faz experiências de pensamento.
 - c) Descartes inaugura um tipo de busca pela verdade que se ampara no exercício.
 - d) A expressão “penso, logo existo” é uma das suposições dos céticos sobre o conhecimento.
 - e) Descartes não buscava um princípio seguro, pois duvidava de todas as coisas.
-

19.Q. (Ufu 2018)

Na obra *Discurso do método*, o filósofo francês René Descartes descreve as quatro regras que, segundo ele, podem levar ao conhecimento de todas as coisas de que o espírito é capaz de conhecer.

Quanto a uma dessas regras, ele diz que se trata de "dividir cada dificuldade que examinasse em tantas partes quantas possíveis e necessárias para melhor resolvê-las".

Descartes. Discurso do método, I-II, citado por: MARCONDES, Danilo. *Textos Básicos de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000. Tradução de Marcus Penchel.

Essa regra, transcrita acima, é denominada

- a) regra da análise.



- b) regra da síntese.
 - c) regra da evidência.
 - d) regra da verificação.
-

20 .Q. Q(Unioeste 2010)

“Há já algum tempo dei-me conta de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões por verdadeiras e de que aquilo que depois eu fundei sobre princípios tão mal assegurados devia ser apenas muito duvidoso e incerto; de modo que era preciso tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões que recebera até então em minha crença e começar tudo novamente desde os fundamentos, se eu quisesse estabelecer alguma coisa de firme e de constante nas ciências. [...] Agora, pois, que meu espírito está livre de todas as preocupações e que obtive um repouso seguro numa solidão tranquila, aplicar-me-ei seriamente e com liberdade a destruir em geral todas as minhas antigas opiniões. Ora, não será necessário, para atingir esse propósito, provar que elas todas são falsas, o que talvez jamais realizasse até o fim; mas, visto que a razão já me persuade de que não devo menos cuidadosamente impedir-me de acreditar nas coisas que não são inteiramente certas e indubitáveis do que nas que nos parecem ser manifestamente falsas, a menor razão de duvidar que eu nelas encontrar será suficiente para me fazer rejeitá-las todas.” (Descartes)

A partir da filosofia cartesiana, seguem as seguintes afirmações:

- I. A dúvida cartesiana é uma dúvida sobre os fundamentos do conhecimento, e seu objetivo é avaliar a possibilidade da conquista de algo evidente e verdadeiro.
- II. A primeira certeza que conquistamos é a de que, embora nossos sentidos nos enganem às vezes, não é possível duvidar da existência das coisas que nos rodeiam.
- III. A dúvida, quando generalizada ao máximo, será autodestrutiva, uma vez que ela é um ato de pensar e, portanto, requer como certa a existência de uma entidade que é sujeito desse ato.
- IV. Generalizar ao máximo a dúvida é uma atitude irracional e meramente negativa.
- V. A dúvida cartesiana traz como resultado um fato determinante para toda a filosofia moderna: só temos acesso imediato às nossas percepções mentais, ao passo que o conhecimento de tudo o mais (o mundo, Deus, etc.) deve ser provado como possível, dada a distância que há entre nossos pensamentos e as demais coisas.

Das afirmações feitas acima

- a) apenas as afirmativas II, III e IV estão corretas.
 - b) apenas as afirmativas I e III estão corretas.
 - c) apenas as afirmativas I, III e V estão corretas.
 - d) apenas a afirmativa IV está incorreta.
 - e) todas as afirmativas estão corretas.
-

21.Q.(UECE 2020)

“Aliada ao rompimento das ideias do mundo medieval, rompeu-se também a confiança nos velhos caminhos



para a produção do conhecimento: a fé, a contemplação não eram mais consideradas vias satisfatórias para se chegar à verdade. Um novo caminho, um novo método precisava ser encontrado, que permitisse superar as incertezas.”

ANDERY, Maria Amália, et al. Para compreender a ciência. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988, p.173.

Considerando o surgimento da ciência moderna e sua forma de abordagem da realidade, assinale a opção que completa correta e respectivamente as lacunas do seguinte enunciado:

O _____1 e o _____2 foram correntes filosófico-científicas que contribuíram para o surgimento das ciências modernas. O primeiro valoriza o raciocínio como fonte do verdadeiro conhecimento e aborda a realidade a partir do _____3 . O segundo, por sua vez, valoriza a experiência e procura produzir conhecimentos na lida com os fatos e as coisas humanas e naturais, e analisa a realidade através do _____ 4 .

- A) empirismo1; humanismo2; método dedutivo3; método qualitativo4
 - B) racionalismo1; empirismo2; método dedutivo3; método indutivo4
 - C) racionalismo1; empirismo2; método empírico3; método indutivo4
 - D) empirismo1; racionalismo2; método racional3; método matemático4
-

22. (Enem /2014)

É o caráter radical do que se procura que exige a radicalização do próprio processo de busca. Se todo o espaço for ocupado pela dúvida, qualquer certeza que aparecer a partir daí terá sido de alguma forma gerada pela própria dúvida, e não será seguramente nenhuma daquelas que foram anteriormente varridas por essa mesma dúvida.

SILVA, F. L. Descartes: a metafísica da modernidade. São Paulo: Moderna, 2001 (adaptado).

Apesar de questionar os conceitos da tradição, a dúvida radical da filosofia cartesiana tem caráter positivo por contribuir para o (a):

- a) dissolução do saber científico.
 - b) recuperação dos antigos juízos.
 - c) exaltação do pensamento clássico.
 - d) surgimento do conhecimento inabalável.
 - e) fortalecimento dos preconceitos religiosos.
-

23 (Ufsj 2012)

Ao analisar o *cogito ergo sum* – penso, logo existo, de René Descartes, conclui-se que

- a) o pensamento é algo mais certo que a própria matéria corporal.
- b) a subjetividade científica só pode ser pensada a partir da aceitação de uma relação empírica fundada em valores concretos.
- c) o *eu* cartesiano é uma ideia emblemática e representativa da ética que insurgia já no século XVI.



d) Descartes consegue infirmar todos os sistemas científicos e filosóficos ao lançar a dúvida sistemático-indutiva respaldada pelas ideias iluministas e métodos incipientes da revolução científica.

24. (UFU 2011)

Na obra *Discurso sobre o método*, René Descartes propôs um novo método de investigação baseado em quatro regras fundamentais, inspiradas na geometria: evidência, análise, síntese, controle.

Assinale a alternativa que contenha corretamente a descrição das regras de análise e síntese.

- a) A regra da *análise* orienta a enumerar todos os elementos analisados; a regra da *síntese* orienta decompor o problema em seus elementos últimos, ou mais simples.
 - b) A regra da *análise* orienta a decompor cada problema em seus elementos últimos ou mais simples; a regra da *síntese* orienta ir dos objetos mais simples aos mais complexos.
 - c) A regra da *análise* orienta a remontar dos objetos mais simples até os mais complexos; a regra da *síntese* orienta prosseguir dos objetos mais complexos aos mais simples.
 - d) A regra da *síntese* orienta a acolher como verdadeiro apenas aquilo que é evidente; a regra da *análise* orienta descartar o que é evidente e só orientar-se, firmemente, pela opinião.
-

25. (Enem 2012)

TEXTO I

Experimentei algumas vezes que os sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez.

DESCARTES, R. *Meditações Metafísicas*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

TEXTO II

Sempre que alimentarmos alguma suspeita de que uma ideia esteja sendo empregada sem nenhum significado, precisaremos apenas indagar: de que impressão deriva esta suposta ideia? E se for impossível atribuir-lhe qualquer impressão sensorial, isso servirá para confirmar nossa suspeita.

HUME, D. *Uma investigação sobre o entendimento*. São Paulo: Unesp, 2004 (adaptado).

Nos textos, ambos os autores se posicionam sobre a natureza do conhecimento humano. A comparação dos excertos permite assumir que Descartes e Hume

- a) defendem os sentidos como critério originário para considerar um conhecimento legítimo.
 - b) entendem que é desnecessário suspeitar do significado de uma ideia na reflexão filosófica e crítica.
 - c) são legítimos representantes do criticismo quanto à gênese do conhecimento.
 - d) concordam que conhecimento humano é impossível em relação às ideias e aos sentidos.
 - e) atribuem diferentes lugares ao papel dos sentidos no processo de obtenção do conhecimento.
-

26 Q. (Unioeste 2012)



“Kuhn sustenta que a ciência progride quando os cientistas são treinados numa tradição intelectual comum e usam essa tradição para resolver os problemas que ela suscita. Kuhn vê a história de uma ciência ‘madura’ como sendo, essencialmente, uma sucessão de tradições, cada uma das quais com sua própria teoria e seus próprios métodos de pesquisa, cada um guiando uma comunidade de cientistas durante um certo período de tempo e sendo finalmente abandonada. Kuhn começou por chamar às ideias de uma tradição científica um ‘paradigma’ [...] O paradigma, como um todo, determina que problemas são investigados, que dados são considerados pertinentes, que técnicas de investigação são usadas e que tipos de solução se admitem. [...] Revoluções, como as de Copérnico, Newton, Darwin e Einstein não são frequentes, diz Kuhn, e são deflagradas por crises. Uma crise ocorre quando os cientistas são incapazes de resolver muitos problemas de longa data com que o paradigma se defronta”.

Kneller

Considerando o texto acima e as ideias de Kuhn sobre a atividade científica, seguem as afirmativas abaixo:

- I. O paradigma determina o que uma comunidade científica pode investigar, quais os métodos e as soluções possíveis.
- II. A história da ciência mostra uma sucessão de rupturas ou revoluções, ou seja, mudanças de paradigmas e não um processo progressivo linear contínuo do conhecimento científico.
- III. Um paradigma entra em crise e pode ser substituído por outro quando ele não permite mais a solução de problemas considerados importantes pela comunidade científica.
- IV. A história da ciência não tem nenhuma importância para a investigação da atividade científica, pois a ciência não é condicionada, de forma alguma, por seu contexto histórico.
- V. O progresso científico ocorre dentro de uma tradição enquanto o paradigma permitir que os problemas considerados importantes sejam resolvidos (ciência normal).

Das afirmativas feitas acima

- a) apenas IV está correta.
- b) apenas III e V estão corretas.
- c) apenas I, II e IV estão corretas.
- d) apenas I, II e V estão corretas.
- e) apenas I, II, III, V estão corretas.

27 Q.UNESP/ 2018

Convicção é a crença de estar na posse da verdade absoluta. Essa crença pressupõe que há verdades absolutas, que foram encontrados métodos perfeitos para chegar a elas e que todo aquele que tem convicções se serve desses métodos perfeitos. Esses três pressupostos demonstram que o homem das convicções está na idade da inocência, e é uma criança, por adulto que seja quanto ao mais. Mas milênios viveram nesses pressupostos infantis, e deles jorraram as mais poderosas fontes de força da humanidade. Se, entretanto, todos aqueles que faziam uma ideia tão alta de sua convicção houvessem dedicado apenas



metade de sua força para investigar por que caminho haviam chegado a ela: que aspecto pacífico teria a história da humanidade!

(Nietzsche. *Obras incompletas*, 1991. Adaptado.)

Nesse excerto, Nietzsche

- a) defende o inatismo metafísico contra as teses empiristas sobre o conhecimento.
- b) valoriza a posse da verdade absoluta como meio para a realização da paz.
- c) defende a fé religiosa como alicerce para o pensamento crítico.
- d) identifica a maturidade intelectual com a capacidade de conhecer a verdade absoluta
- e) valoriza uma postura crítica de autorreflexão, em oposição ao dogmatismo.

GABARITO



1.A	11.A	21.B
2.B	12.D	22.D
3.E	13.D	23.A
4.B	14.B	24.B
5.C	15.C	25.E
6.C	16.D	26.E
7.B	17.D	27.E
8.D	18.C	
9.D	19.A	
10.C	20.C	



REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria L. A. & MARTINS, Maria H. P. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. São Paulo: Ed. Moderna, 1993, 2ª edição.

Chauí, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2000.

Imagens.

Figura 1: disponível em <https://pixabay.com/pt/vectors/cr%C3%A2nio-cabe%C3%A7a-humano-pessoas-2028555/>, acessado em 18.04.2020.

Figura 2: disponível em <https://pixabay.com/pt/vectors/nenhum-s%C3%ADmbolo-proibi%C3%A7%C3%A3o-inscreva-se-39767/>, acessado em 28.04.2020.

Figura 3 : disponível em <https://outraspalavras.net/blog/mafalda-a-beira-dos-50/>, acessado em 08.04.2020.

Figura 4: disponível em [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:William_Harvey_\(1578-1657\)_Venenbild.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:William_Harvey_(1578-1657)_Venenbild.jpg), acessado em 28.04.2020.

Figura 5: disponível em <https://pixabay.com/pt/illustrations/iceberg-gelo-%C3%A1rtico-eu-iceberg-1321692/>, acessado em 08.04.2020.

ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE: PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.



1 Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.



2 Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).



3 Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).



4 Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).



5 Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).



6 Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).



7 Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.



8 O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.



Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.